

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

ALEXIA OLIVEIRA BARBIERI

**A NOVA ONDA LIBERAL:
uma análise antropológica do protagonismo e engajamento pró-liberalismo no
Brasil contemporâneo**

**Porto Alegre
2018**

ALEXIA OLIVEIRA BARBIERI

**A NOVA ONDA LIBERAL:
uma análise antropológica do protagonismo e engajamento pró-liberalismo no Brasil
contemporâneo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio grande do Sul para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social, sob orientação do Prof. Dr. Arlei Sander Damo.

Porto Alegre
2018

CIP - Catalogação na Publicação

Barbieri, Alexia Oliveira

A nova onda liberal: uma etnografia do
protagonismo e engajamento pró-liberalismo no Brasil
contemporâneo / Alexia Oliveira Barbieri. -- 2018.
125 f.

Orientador: Arlei Sander Damo.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Social, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Engajamento. 2. Liberalismo. 3. Repertórios. 4.
Performances . 5. Protagonismo jovem. I. Damo, Arlei
Sander, orient. II. Título.

Alexia Oliveira Barbieri

A NOVA ONDA LIBERAL:
uma análise antropológica do protagonismo e engajamento pró-liberalismo no Brasil
contemporâneo

Data da defesa:

Banca examinadora:

Professor Arlei Damo (orientador)

Professor Patrice Schuch

Professor Marcelo Kunrath

Professor Lúcia Müller

A luta do homem contra o poder é a luta da memória contra o esquecimento.

Milan Kundera

AGRADECIMENTOS

Quando chega o momento de agradecer percebemos que uma dissertação é em um trabalho que possui contribuições de muitas pessoas.

Agradeço aos meus interlocutores de pesquisa que me receberam de uma forma que eu não imaginava; sempre dispostos a responder meus questionamentos, mesmo que às vezes parecessem inconvenientes. Sem a abertura de vocês para o diálogo esse estudo não seria possível.

Agradeço também todas as contribuições e leituras de meus colegas do Grupo de Antropologia da Economia e da Política (GAEP), que sempre leram com muita atenção meus trabalhos e contribuíram com seus olhares para a construção dessa dissertação.

Um agradecimento para meu orientador, Arlei Damo, que sempre demonstrou apoio ao tema que escolhi investigar e realizou tantas contribuições que fizeram com que tivesse orgulho do trabalho que desenvolvi.

Agradeço também aos professores que, em sala de aula e apresentações acadêmicas, contribuíram para muitas das reflexões que desenvolvi nesse trabalho. Em especial Ruben Oliven, Cornelia Eckert e os professores que integram a banca deste trabalho Patrice Schuch, Marcelo Kunrath e Lúcia Müller.

Agradeço aos meus colegas do mestrado em especial Elisa, Marcus, Juana, Eduardo, Ana Rita, Ana Letícia e Alessandra pelas conversas e por terem tornado a jornada do curso mais divertida.

Um agradecimento para meus amigos Wagner, Simone, Maiara, Carol, Jenni e Jéssica por compreenderem minha ausência em muitos momentos importantes.

Agradeço também meus sogros e amigos Norma e Pedro Jarenkow pelos aconselhamentos e força durante o período do mestrado.

Um agradecimento especial para meu companheiro e namorado André, que mesmo com a distância esteve sempre presente nos momentos difíceis da construção desse trabalho, sendo um dos maiores incentivadores.

Agradeço também ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS e ao CNPq pela oportunidade de realizar esse trabalho.

Em especial, dedico esta dissertação aos meus avós Maria Neuza e Luiz Barbieri.

RESUMO

O presente trabalho consiste na etnografia do protagonismo político e engajamento de grupos e ativistas que se identificam como liberais. O movimento liberal no Brasil contemporâneo compreende múltiplas esferas sendo formado por institutos, *think tanks*, empresas, universidades, intelectuais, núcleos locais e ativistas. Esse trabalho possui um foco central na atuação dos agrupamentos localizados em Porto Alegre e de seus participantes, explorando suas relações com outras esferas que compõem o movimento. Dessa maneira, podemos compreender os núcleos locais enquanto *assemblages* liberais ou *assemblages* do liberalismo. O termo *liberalismo* envolve uma série de discussões controversas, com distintas abordagens e vertentes ele adquire um caráter plural e é mobilizado pelos ativistas de acordo com suas dinâmicas próprias. O objetivo da pesquisa é compreender as dinâmicas envolvidas na articulação de agrupamentos liberais, atentando para a forma como os sujeitos colocam em prática o que estão reivindicando. A pesquisa está baseada em quatro eixos principais que juntos contribuem para o entendimento das formas de organização liberais contemporâneas e as novidades apresentadas pelo contexto de atuação pró-liberalismo. O primeiro eixo consiste na discussão sobre o conceito de *liberalismo* e *neoliberalismo*, assim como o surgimento de organizações que reivindicavam tais acepções. No segundo momento, busco evidenciar meus percursos em campo mostrando os aspectos envolvidos na pesquisa com alteridades próximas ao antropólogo. No terceiro eixo, discuto a organização propriamente dita dos núcleos liberais e como estes podem ser compreendidos enquanto *assemblages* do liberalismo, além de evidenciar as trajetórias de algumas lideranças importantes e os principais projetos implicados nesse horizonte de articulação. No quarto e último eixo, abordo as performances políticas e os repertórios utilizados pelos ativistas, tendo como foco o que seria o principal investimento dos núcleos, a produção de eventos.

Palavras-chave: Engajamento Liberal. Liberalismo. Repertórios e performances liberais.

ABSTRACT

The present work consists in the ethnography of political protagonism and the engagement of groups and activists who identify themselves as liberals. The liberal movement in contemporary Brazil comprises multiple spheres being formed by institutes, *think tanks*, companies, universities, intellectuals, local groups and activists. This work has a central focus on the performance of the groupings located in Porto Alegre and its participants, exploring their relations with other spheres that make up the movement. In this way, we can understand the local groups as liberal *assemblages* or *assemblages* of liberalism. The term *liberalism* involves a series of controversial discussions, with different approaches and aspects it acquires a plural character and is mobilized by the activists according to their own dynamics. The objective of the research is to understand the dynamics involved in the articulation of liberal groupings, paying attention to the way the subjects put into practice what they are claiming. The research is based on four main axes that together contribute to the understanding of the contemporary liberal forms of organization and the innovations presented by the context of *pro-liberalism*. The first is the discussion of the concept of liberalism and neoliberalism, as well as the emergence of organizations claiming such meanings. In the second moment, I try to evidence my pathways in the field showing the aspects involved in the research with alterities close to the anthropologist. In the third axis, I discuss the actual organization of the liberal nuclei and how they can be understood as assemblages of liberalism, in addition to highlighting the trajectories of some important leaderships and the main projects implied in this horizon of articulation. In the fourth and last axis, I discuss the political performances and repertoires used by the activists, focusing on what would be the main investment of the nuclei, the production of events.

Keywords: Liberal Engagement. Liberalism. Repertoires and political performance.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Locais de Votação em Porto Alegre	18
Figura 2: Locais de Votação em Porto Alegre concentrados	19
Figura 3: Locais de Votação em Porto Alegre (zona eleitoral 111)	20
Figura 4: Local de Votação em Porto Alegre (zona eleitoral 111).....	21
Figura 5: Local de Votação em Porto Alegre (zona eleitoral 111).....	22
Figura 6: Circuito do Movimento Liberal brasileiro	24
Quadro 1: Escolas <i>liberais contemporâneas</i> e posicionamentos.....	39
Figura 7: Nuvem de palavras 1 – Justificativas do engajamento liberal	47
Figura 8: Nuvem de palavras 2 – Posicionamento político	48
Foto 1: Carro de som protesto pró-impeachment em 12 de abril de 2016	100
Foto 2: Carro de som protesto pró-impeachment em 12 de abril de 2016	101
Foto 3: Credencial Conferência Nacional	108
Foto 4: Conferência Nacional.....	109
Foto 5: Ilha de inovação 30º Fórum da Liberdade	115
Foto 6: Saguão principal e <i>stands</i> 30º Fórum da Liberdade.....	115
Foto 7: Food Trucks no Fórum da Liberdade.....	116

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Votos do vereador Felipe Camozatto por bairro em Porto Alegre	17
Tabela 2 - Mapeamento de páginas de núcleos liberais no Facebook (2015)	54
Tabela 3 – Mapeamento principais núcleos liberais Rio Grande do Sul.....	71
Tabela 4 – Eventos liberais.....	106

LISTA DE SIGLAS

CEPUC – Centro de Eventos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
ESPM – Escola Superior de Propaganda e Marketing
FIES – Fundo de Financiamento Estudantil
FIFA – Fédération Internationale de Football Association
FMP – Fundação Escola Superior do Ministério Público
FSM – Fórum Social Mundial
IEDI – Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial
IEE – Instituto de Estudos Empresariais
IL-RS – Instituto Liberal do Rio Grande do Sul
MBL – Movimento Brasil Livre
NOVO – Partido Novo
OP – Orçamento Participativo
PCdoB – Partido Comunista do Brasil
PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PNBE – Pensamento Nacional das Bases Empresariais
PSB – Partido Socialista do Brasil
PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira
PSL – Partido Social Liberal
PSOL – Partido Socialismo e Liberdade
PT – Partido do Trabalhador
PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
UBE – União Brasileira de Empresários
UDR – União Democrática Ruralista
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSM – Universidade Federal de Santa Maria
UNB – Universidade de Brasília
UNIRITTER – Centro Universitário Ritter dos Reis
USP – Universidade de São Paulo

GLOSSÁRIO

Anarcocapitalismo	Filosofia capitalista e vertente do liberalismo que defende a supressão do Estado em detrimento do Mercado, assim como a soberania do indivíduo sobre a sociedade.
Gradualismo liberal	Princípio que visa proceder gradualmente para um sistema baseado nas premissas liberais.
Intervencionismo	Intervenção do Estado na economia e nas liberdades individuais.
Liberalismo Clássico	Filosofia econômica e vertente liberal que defende a liberdade individual e a limitação do poder do Estado.
Libertarianismo	Filosofia econômica e vertente liberal que defende a não intervenção do Estado na economia, a primazia do indivíduo e a manutenção das liberdades individuais.
Neoclássicos/Chicago boys	Intelectuais que aderiram à vertente econômica chamada Escola de Chicago (1950).
Ordoliberalismo	Filosofia econômica liberal alemã que defende o intervencionismo do Estado e a defesa das liberdades individuais.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 (NEO) LIBERALISMOS E ANTROPOLOGIA: LIMITES E ABORDAGENS DISTINTAS .27	
1.1 A produção do conceito de <i>neoliberalismo</i>	28
1.2 (Neo) liberalismo(s): perspectivas contemporâneas do liberalismo.....	34
1.3 A atuação liberal brasileira em perspectiva.....	40
1.3.1 A primeira onda liberal	40
1.3.2 A nova onda liberal	43
1.3.3 A nova onda liberal em perspectiva etnográfica	46
2 UMA PESQUISA COM LIBERAIS: ESTUDANDO GRUPOS COM OS QUAIS (NÃO) SIMPATIZAMOS.....51	
2.1 Uma antropóloga entre os liberais: os dilemas da alteridade	52
2.2 “Tu é liberal?: a relação entre antropologia e trabalho de campo	63
3 ASSEMBLAGES LIBAIS: PROTAGONISMO POLÍTICO E ATIVISMO NA POLÍTICA CONTEMPORÂNEA.....67	
3.1 Assemblages liberais: a composição de núcleos, ativistas, ideias e projetos	67
3.2 O Ativismo liberal contemporâneo	79
3.2.1 <i>De anarcocapitalista à liberal clássico</i>	80
3.2.2 <i>O jovem libertário apaixonado</i>	83
3.2.3 <i>O liberal clássico experiente</i>	85
3.2.4 <i>Nem anarcocapitalista, nem libertário. Um livre pensador</i>	88
3.3 Protagonismo e justificativas liberais.....	89
3.4 Projetos e produtos nos <i>assemblages</i> liberais: colocando em prática o que se reivindica	93
4 ETNOGRAFIA DE EVENTOS LIBERAIS: A PRODUÇÃO DE PROTESTOS, PALESTRAS E CERIMÔNIAS.....97	
4.1 Das ruas aos palcos: a ponte entre os protestos e eventos liberais contemporâneos	98
4.2 Os repertórios e as performances liberais.....	105
4.2.1 <i>A conferência nacional: performances de premiação e a produção de ativistas</i>	106
4.2.2 <i>Etnografando o Fórum da Liberdade: “a vitrine dos grupos liberais”</i>	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS	121

INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste na etnografia do engajamento de ativistas que se autoidentificam enquanto liberais¹ na cidade de Porto Alegre. São sujeitos que possuem posições políticas em consonância com o liberalismo e buscam exercer um protagonismo através da elaboração de projetos que consistem na criação de grupos de atuação e de diferentes modalidades de ações e eventos. Do ponto de vista epistemológico – e também ideológico – a definição de *liberalismo* está atravessada por distintas interpretações, usos e controvérsias.

Nesta pesquisa, o termo será empregado seguindo as designações êmicas, sendo compreendido a partir das concepções dos próprios interlocutores. Esta escolha teórica e metodológica constitui uma das especificidades desta etnografia, cujo objetivo, desde o princípio, foi acessar os usos nativos do conceito, o que contraria, em certa medida, o debate acadêmico, pelos menos no espectro das Ciências Sociais, que se refere a esses mesmos grupos e às suas ideias como neoliberais – termo fortemente rechaçado pelos meus interlocutores. Vale ressaltar que toda a bibliografia atual usa, basicamente, o termo *neoliberalismo* como sinônimo de *liberalismo*. Contudo, meus interlocutores rejeitam esse enquadramento, razão pela qual o título do trabalho contém o termo “liberal”. Do ponto de vista teórico, no entanto, os liberais estão sintonizados com o que teoricamente compreendemos por ideais neoliberais.

O engajamento liberal em institutos, grupos, projetos e até mesmo partidos políticos, tem características específicas, de modo que o conceito de *engajamento militante* (SAWICKI e SIMEANT, 2011), frequentemente usado pela bibliografia que aborda os movimentos políticos precisa ser adequado. As críticas elaboradas pelos próprios autores do conceito demonstram que a literatura a respeito está circunscrita a determinadas organizações e posicionamentos de um espectro político de “esquerda”.

As contribuições da sociologia do *engajamento militante* são de extrema importância para a discussão do engajamento liberal, contudo, adotarei a definição de engajamento proposta por Tim Ingold (1993) que consiste na *activity of the whole person, moving around in – and exploring – na environment, and seeking out what it affords in the context of current projects*² (p.220). O uso do conceito precisa ser problematizado, já que o horizonte do

¹Utilizo os termos ativistas liberais ou ativistas pró-liberalismo para me referir a pessoas que, no decorrer da pesquisa, se auto identificaram adeptos ao pensamento liberal.

²A atividade contínua de toda a pessoa, movendo-se – e explorando – um ambiente e buscando o que ele oferece

ativismo liberal tem aspectos tanto corporativos que, em muitos casos, se sobressaem aos políticos.

Buscando um olhar etnográfico para os movimentos que compõem o engajamento liberal, pude identificar entidades com discursos, projetos, pautas, perfis, repertórios, performances e formas de articulação diversas. Esta observação tem sido um dos fios condutores do trabalho, pois é a partir da concepção de pluralidade que as trajetórias são pensadas no universo liberal etnografado. Escolher o circuito de ativismo liberal da cidade de Porto Alegre para a efetivação da pesquisa não foi mera casualidade, já que o município estabeleceu como um polo político de formação de ativistas e núcleos liberais há pelo menos duas décadas. Não menos importante a ser considerado é o fato de Porto Alegre ser, seguidamente, reconhecida como um pólo de efervescência política, com o surgimento de novos grupos de contestação, organização de protestos e manifestações com diferentes pautas e posicionamentos.

“Vamos repetir Porto Alegre!”. A frase escrita em cartazes e faixas, durante os protestos que aconteceram em junho de 2013 na cidade de São Paulo, evidencia parte desse protagonismo da capital sul-riograndense nas manifestações contemporâneas. No ano de 2012, os protestos de Porto Alegre também serviram de exemplo para outra capital brasileira. O ato contra a exposição da mascote da Copa do Mundo no Brasil, em outubro daquele ano³, teve repercussão nacional⁴. Após três dias do protesto em Porto Alegre, no qual manifestantes derrubaram o do tatu-bola (mascote), foi organizado em Brasília um protesto com a finalidade de remoção do boneco localizado na Esplanada dos Ministérios⁵.

Comecei a investigar o universo de contestação em Porto Alegre durante a graduação quando integrei um projeto, coordenado pelo meu então orientador, intitulado *Megaeventos Esportivos no Brasil: um olhar antropológico* (2012). O projeto tinha como objetivo tratar da mobilização da sociedade brasileira em torno da Copa do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016, e compreendia quatro eixos principais de investigação. O primeiro tratava do aparato envolvendo a reforma e construção dos estádios; o segundo, os eventos satélites; o terceiro, a contestação produzida – eixo no qual concentrei minha investigação – e o último, os discursos criados em torno do empreendimento.

no contexto de projetos correntes.

³Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2013/06/porto-alegre-inspira-outras-capitais-em-protestos-contr-aumento-das-passagens-de-onibus-4163129.html>>. Acesso em: 20 out. 2017.

⁴Sobre as manifestações à mascote da Copa 2014 ver: SILVA, Patricia Kunrath. Recua, polícia, recua. É o poder popular que está na rua. **Revista Novos Debates**, v.2, n.1, 2015.

⁵Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2012/10/mascote-da-copa-da-copa-do-mundo-de-2014-e-esfaqueado-em-brasilia.html>>. Acesso em: 20 out.2017.

Foi na busca pelo mapeamento dos canais de contestação aos megaeventos esportivos no Brasil, que comecei a participar de diferentes protestos e grupos de articulação destes no início de 2013. Neste momento, além da pauta do transporte público, slogans tais como “Não vai ter Copa” e “FIFA GO HOME” passavam a integrar uma agenda de coletivos envolvidos na organização das manifestações em Porto Alegre. Realizei o trabalho de campo de janeiro de 2013 até meados de agosto do mesmo ano, em protestos de rua e assembleias de organização e discussão de temas relacionados às pautas reivindicadas. Acompanhei presencialmente a maioria das manifestações do mês de junho, que ficaram popularmente conhecidas como “Jornadas de Junho”. As marchas que vinham acontecendo periodicamente passaram a ocorrer com maior frequência e adesão de múltiplos atores. Essas pessoas, com perfis distintos dos sujeitos que participavam das mobilizações desde janeiro, modificaram também as configurações e as dinâmicas dos protestos. Como afirma Damo: *é sintomático que, para um grupo expressivo de manifestantes, a preocupação principal não fosse com as consequências de sua mobilização, mas em saber qual seria a próxima* (2014, p.184).

Lembro que foi durante um protesto de junho de 2013 que me deparei, pela primeira vez, com um cartaz escrito “impeachment”⁶. Mesmo após o enfraquecimento das manifestações de junho, continuei acompanhando a movimentação em torno das pautas contra a Copa. Em 2014, ano do megaevento futebolístico no Brasil, o slogan “Copa pra que(m)?” transformou-se em “Não vai ter Copa” e os protestos que questionavam a realização do evento retornaram as ruas, mas com pouca adesão. Este, que também era um ano de eleições presidenciais no país, foi fundamental para a articulação de grupos e atores que evidenciei nessa etnografia. Não é difícil estabelecer relações entre eventos de contestação à Copa e os protestos de junho de 2013 com um movimento de organização “pró-impeachment”⁷.

Meu interesse nas manifestações “pró-impeachment” foi um duplo desafio. Em parte tratava-se da continuidade do projeto sobre os megaeventos, uma vez que esses protestos, já no ano de 2015, ainda estavam no calendário previsto dos Jogos Olímpicos, a se realizarem no ano seguinte. De outra parte, tratava-se de um desafio antropológico, pois mobilizava pautas e um segmento de público com o qual não simpatizava. Apesar de ter iniciado logo após as eleições, os protestos com a pauta do “impeachment” não tiveram grande adesão do público, chegando a contabilizar reuniões com aproximadamente 50 pessoas. Ainda assim, as mobilizações ocorridas ao final de 2014, com a pauta do “impeachment” da presidente Dilma

⁶Destaco o termo em aspas, por ter sido reproduzido a partir do cartaz durante a manifestação.

⁷Essa seria a principal pauta que atravessou os protestos do final de 2014, todo o ano de 2015 e parte de 2016. Esse foi o tema constitutivo do trabalho de conclusão de curso que desenvolvi *Do FIFA GO HOME ao “Fora Dilma”*: uma análise dos protestos de rua em Porto Alegre (2013-2015) defendido no ano de 2015.

Rousseff, reorientaram um movimento que, no ano seguinte, teria uma adesão de grande parte da população brasileira. Atribuo esse protagonismo a dois movimentos que serão, periféricamente, abordados nessa etnografia, o Movimento Brasil Livre (MBL)⁸ e o Movimento Vem pra Rua⁹.

Durante as observações nos protestos “pró-impeachment” de 2015, meu objetivo principal foi compreender quais eram os repertórios de ação e as performances mobilizadas por esses movimentos. Para tanto, precisava realizar observações participantes e conversar com manifestantes e lideranças dos grupos. Realizei uma busca pelos núcleos organizativos das manifestações em Porto Alegre, mas não encontrei nenhum integrante do MBL ou do Vem pra Rua para além da internet e ativistas nacionais, principalmente da cidade de São Paulo. Percebi que o MBL atuava em Porto Alegre através de parcerias com núcleos locais. Esses *parceiros* eram responsáveis pela articulação do evento através da mobilização de pessoas, aparatos de organização como carros de som, faixas e pela escolha do local.

Através do contato com os *parceiros* do MBL em Porto Alegre foi possível acessar um universo que estava em construção – daí porque a noção de *assemblage* se encaixava perfeitamente –, de ativistas que se autoidentificavam como liberais. Além dos protestos, esses sujeitos se reuniam para debater autores consagrados do liberalismo e participavam de cursos de formação para atuarem em projetos que buscariam a expansão do pensamento liberal no Brasil. Assim como outras capitais, Porto Alegre foi um dos locais de intensa mobilização do que vem se formando como Movimento Liberal Brasileiro, termo utilizado pelos interlocutores e que recentemente vem sendo adotado por pesquisadores.

O Rio Grande do Sul e Porto Alegre são locais historicamente reconhecidos no país por sua intensa organização e protagonismo político. Gostaria de salientar três exemplos recentes de atuação. O primeiro deles é que Porto Alegre se tornou a capital do Orçamento Participativo (OP). Segundo Damo, “de todos os OPs, o porto-alegrense (OPPOA) foi o que adquiriu maior notoriedade nacional e internacional, em virtude do pioneirismo, êxito, longevidade e publicidade” (2008, p.53)¹⁰. O segundo ponto é que o OP do município também foi responsável pela organização de algumas edições do grande evento Fórum Social

⁸Apesar das controvérsias envolvendo o surgimento do MBL, o registro mais oficializado aponta que a formação do grupo data do final de 2014, sendo constituído por cinco jovens de diferentes estados. Um dos fundadores do movimento é gaúcho, informação relevante para o trabalho, já que após romper com o agrupamento, essa liderança fundou outro núcleo no Rio Grande do Sul, sendo um dos liberais evidenciados na pesquisa.

⁹Também fundado ao final de 2014. Possui sede em São Paulo e atualmente é organizado por Rogério Chequer.

¹⁰Destaco também a Tese de KUNRATH SILVA, Marcelo. Construção da “Participação Popular”: análise comparativa de processos de participação social na discussão pública do orçamento em municípios da Região Metropolitana de Porto Alegre/ RS. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2002.

Mundial (FSM), que possibilitou que Porto Alegre fosse conhecida “como uma referência em termos de democracia participativa” (2008, p.53). O último aspecto consiste no fato de que a cidade foi uma das mais organizadas em torno da luta contra o aumento da passagem e pelo transporte público de qualidade, conseguindo até que o preço da tarifa diminuísse em abril de 2013 – neste caso os protagonistas foram grupos políticos que possuíam um viés político de “esquerda”¹¹.

Todavia, Porto Alegre, além de ser referência em organizações políticas e protestos de “esquerda”, também se tornou representativa na articulação e difusão de outras vertentes, como as do pensamento liberal. Gros (1989; 2003) aponta que na década de 1980, em Porto Alegre, formaram-se três associações organizadas pelo empresariado gaúcho e que adotavam o viés liberal: a Associação de Jovens Empresários (1984), o Instituto de Estudos Empresariais (IEE) (1984) e o Instituto Liberal do Rio Grande do Sul (IL-RS) (1987).

A capital gaúcha também sediava, e continua recebendo, o evento liberal considerado de maior relevância na América Latina, o Fórum da Liberdade, que é promovido pelo IEE e *parceiros*. A primeira edição foi realizada em 1988, momento de instituição do movimento liberal brasileiro. Apesar da estagnação dos institutos liberais no país nas últimas décadas, o Fórum continuou a ser realizado e atualmente está na sua 31ª edição. Atualmente, com a retomada dos movimentos liberais, surgiram em Porto Alegre núcleos locais, partidos políticos e candidatos que se reivindicam enquanto tal.

As eleições municipais de 2016 evidenciaram a organização liberal consolidada que havia na política. Entre os vereadores mais votados estava Felipe Camozzato (5º lugar), integrante do Partido Novo (NOVO) e figura importante no cenário liberal de Porto Alegre¹². O vereador teve papel central na articulação das manifestações “pró-impeachment” na cidade, como *parceiro* do MBL, e na criação da *Banda Loka Liberal*, grupo que organizava intervenções em protestos e reproduzia músicas que foram copiadas em diferentes cidades do Brasil¹³.

As zonas de maior votação do candidato estão concentradas em bairros localizados em uma das regiões mais nobres da capital, bem próximo do local em que foram realizadas as manifestações de 2015 e 2016, conforme mostra a Tabela 1.

¹¹Sobre as pautas e posicionamentos dos grupos articuladores dos protestos de junho de 2013 ver Antonio David [org.]. *#Protestos: análises das ciências sociais*. Porto Alegre: Tomo Editorias, 2014.

¹²Disponível em: <<https://www.eleicoes2016.com.br/candidatos-vereador-porto-alegre/>>. Acesso em: 20 abr.2018.

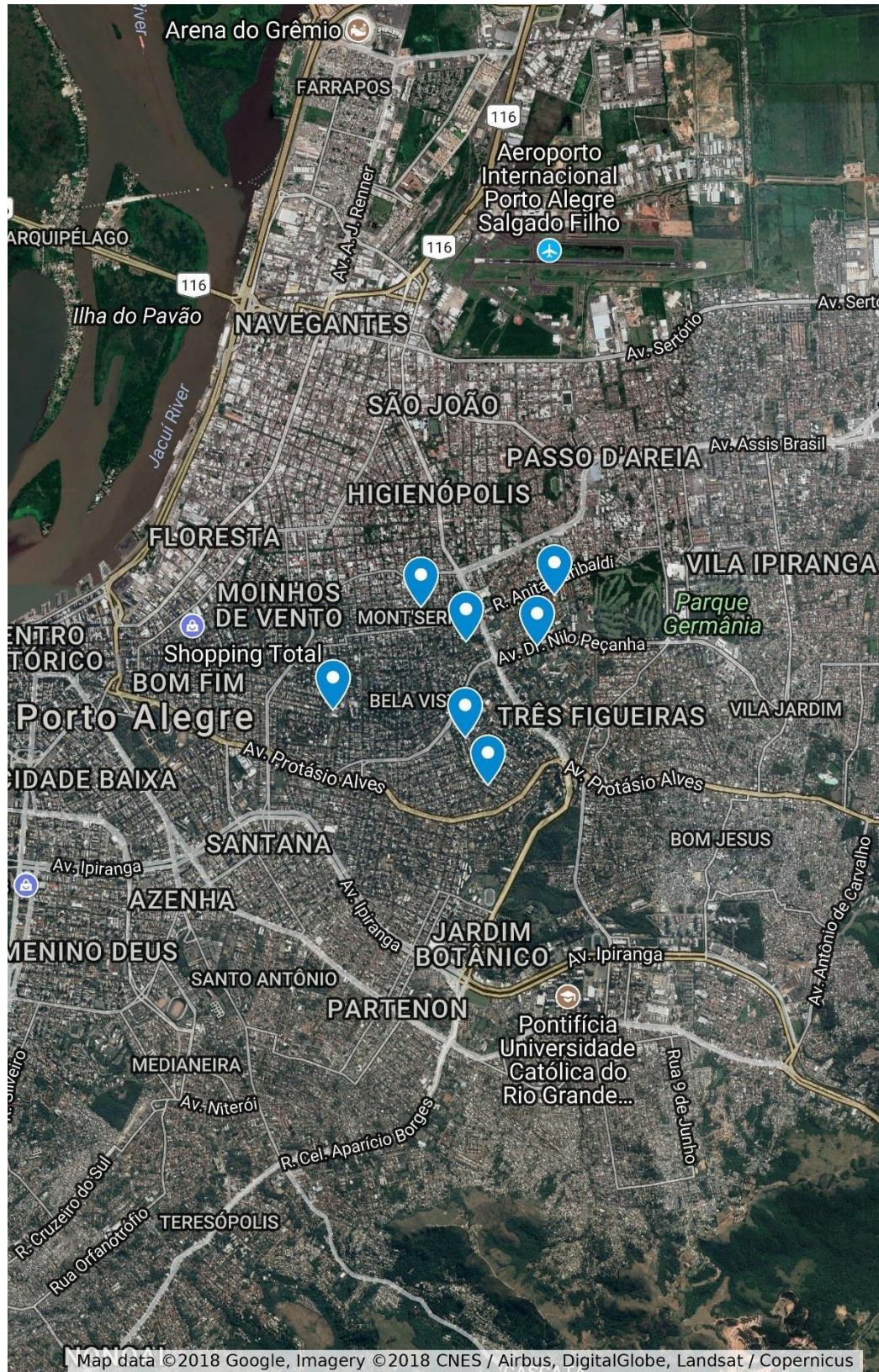
¹³Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/eleicoes-2016/noticia/2016/10/mb1-elege-tres-vereadores-para-a-camara-de-porto-alegre-7676410.html>>. Acesso em: 20 abr.2018.

Tabela 1: Votos do vereador Felipe Camozatto por bairro em Porto Alegre

Votos	Zona	Sessão	Bairro
41	111	258	Três Figueiras
40	2	306	Rio Branco
36	111	244	Três Figueiras
35	111	247	Três Figueiras
34	111	280	Bela Vista
33	111	240	Petrópolis
32	111	268	Petrópolis
30	111	275	Auxiliadora
29	111	278	Petrópolis
29	111	286	Boa Vista

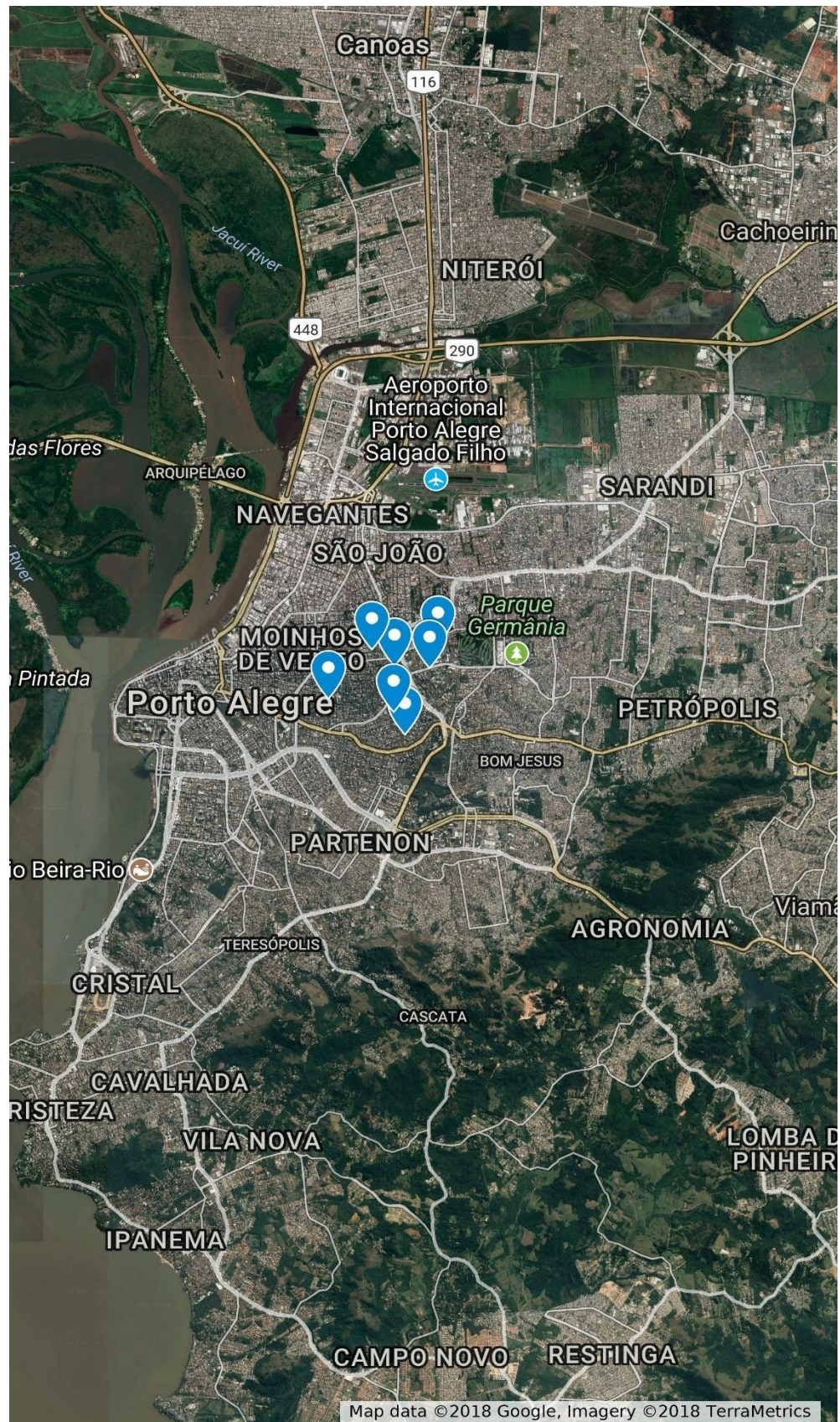
Fonte: <<https://www.tre-rs.jus.br/apps/locais/index.php?acao=zona&zona=111>>.

Figura 1: Locais de Votação em Porto Alegre



Fonte: Google Earth (2018).

Figura 2: Locais de Votação Porto Alegre concentrados



Fonte: Google Earth (2018).

Figura 3: Locais de Votaçãoem Porto Alegre (zona eleitoral 111)

Eleitor / Locais de Votação

18/07/2018

Locais de Votação			
PORTO ALEGRE			Zona 111
Local	Endereço	Seções	Eleitores
ANCHIETA COLEGIO	AVENIDA NILO PEÇANHA N 1521 TRES FIGUEIRAS	20, 26, 71, 86, 113, 137, 149, 160, 193, 194, 198, 226, 231, 233, 244, 247, 258	6663
BAHIA - E.E.E.F.	RUA ANGELITO ASMUZ AIQUEL,125 BOA VISTA	25, 76, 114, 219, 269, 286, 341	2717
BRIGADEIRO EDUARDO GOMES - E.E. DE 1 GRAU INCOMPLETO	JAIME VIGNOLI 320 ANCHIETA	48, 167, 236	908
CARLOS BARBOSA GONCALVES - ESCOLA ESTADUAL	TRAVESSA HEIZELMANN N 250 NAVEGANTES	33, 43, 124, 125, 199, 215	2209
CARLOS FAGUNDES DE MELLO UNIDADE ESTADUAL DE ENSINO	RUA D QUADRA 28 VILA FARRAPOS	11, 56, 98, 115, 140, 158, 176, 189, 208, 248	3870
CARLOS RODRIGUES DA SILVA - ESCOLA ESTADUAL	IBIRAPUITA N 65 VILA SESI SANTA MARIA GORETTI	27, 38, 63, 99, 161, 171, 205	2233
CASA DO PEQUENO OPERARIO-DOM BOSCO	EDUARDO CHARTTIER N 360 PASSO D'AREIA	9, 36, 40, 66, 72, 106, 109, 116, 146, 164, 174, 192, 207, 260, 340	5814
COL. ROMANO II - UNID. SÃO MATEUS (ANTIGO ESPIRITO SANTO)	RUA BORTOLO BARBIERI, 90 JARDIM SAO PEDRO	316, 317, 318, 319, 320	1925
COLÉGIO ESTADUAL DOM JOÃO BECKER	NOVA PRATA N 185 VILA DOS INDUSTRIARIOS	29, 105, 183, 274	1544
COLÉGIO FARROUPILHA	RUA CARLOS HUBER, 425 TRES FIGUEIRAS	290, 291, 292, 293, 294, 295	2331
DANILO ANTONIO ZAFFARI - E.E.E.F.	RUA MARCOS KRUCHIN, 291 VILA FARRAPOS	254, 267, 277, 342, 345	1837
ESC. ESTADUAL DE ENSINO FUND. AURÉLIO REIS	RUA MONTE ALEGRE JARDIM FLORESTA	321, 322, 323, 324	1398
ESC. ESTADUAL DE ENSINO FUND. E MÉDIO MONS. LEOPOLDO HOFF	RUA MOEMA, 255 CHÁCARA DAS PEDRAS	296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305	3812
ESC. ESTADUAL DE ENSINO FUND. E MÉDIO SARMENTO LEITE	RUA EUGÊNIO DU PASQUIER, 115 VILA FLORESTA	325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336	4661

Fonte: <<https://www.tre-rs.jus.br/apps/locais/index.php?acao=zona&zona=111>>.
Acesso em: 18 jul.2018.

Figura 4: Local de Votação em Porto Alegre (zona eleitoral 111)

ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL PRUDENTE DE MORAIS	RUA PRUDENTE DE MORAIS, 57 CHÁCARA DAS PEDRAS	306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315	3937
ESCOLA ESTADUAL DE 1 GRAU JOSE GARIBALDI	RUA CAIO BRANDAO DE MELO, S/N HUMAITA	30, 65, 95, 217, 218, 234, 238, 255, 266, 346	3861
ESCOLA MUNIC. DE 1º GRAU VEREADOR ANTÔNIO GIUDICE	RUA DR CAIO BRANDÃO DE MELO S/N HUMAITA	10, 15, 82, 120, 139, 195, 196, 228, 237, 270, 283, 338, 343, 344	5385
FLORINDA TUBINO SAMPAIO - ESCOLA ESTADUAL	AVENIDA MONTENEGRO N 269 PETROPOLIS	175, 180, 202, 206, 227, 240, 246, 251, 287	3336
GONCALVES DIAS - ESCOLA ESTADUAL	CANDIOTA 145 PASSO D'AREIA	28, 41, 73, 89, 128, 166, 182, 220, 221, 276	3958
IMPERATRIZ DONA LEOPOLDINA - E.E.E.F.	AV ITAJAI, 241 PETROPOLIS	253, 268, 272, 278, 284, 339	2040
INSTITUTO PIRATINI	EUDORO BERLINK N 632 AUXILIADORA	14, 16, 21, 57, 61, 81, 84, 93, 103, 123, 242, 249, 256, 264	5397
LIONS CLUB P.A. FARRAPOS ESC EST DE 1 GRAU	DONA TEODORA N 1156 NAVEGANTES	19, 39, 151, 181	1526
MARIA TEREZA DA SILVEIRA - ESCOLA ESTADUAL	RUA FURRIEL LUIZ ANTONIO VARGAS , 135 BELA VISTA	112, 145, 186, 280, 288	1984
NOSSA SENHORA DO CENACULO - E.E.F.	VIELA SAO BRAZ , 17 PASSO D'AREIA	13, 34, 69, 122, 147, 154, 197	2775
N.S.DO MONT'SERRAT SALAO PAROQUIAL DA IGREJA	ANITA GARIBALDI N 1121 MONT SERRAT	46, 78	775
PAN AMERICAN SCHOOL (ANTIGO COLÉGIO VERA CRUZ)	JOAO OBINO N 110 PETROPOLIS	4, 8, 74, 80, 104, 119, 135, 169, 173, 209, 211, 230	4669
PASTOR DOHMS GINASIO EVANGELICO	D PEDRO II N 676 HIGIENOPOLIS	17, 64, 96, 130, 152, 185, 224, 235, 245, 250, 282, 337, 347	5120
RECANTO DA ALEGRIA E.E.E (ANT. POSTAO)	R. VALENTIM VICENTINI, 225 PASSO D'AREIA	7, 23, 97, 162, 222, 252	2128
SANTA LUIZA OBRA SOCIAL	RUA D N 30 VILA FARRAPOS	6, 58, 102, 165, 201	1925
SAO JOAO COLEGIO	HONORIO SILVEIRA DIAS N 645 HIGIENOPOLIS	1, 3, 60, 88, 126, 157, 190, 223, 239, 243	3912
SECRETARIA MUNICIPAL DO MEIO AMBIENTE	AVENIDA CARLOS GOMES N 2120 TRES FIGUEIRAS	2, 18, 55, 75, 79,	3248

Fonte: <<https://www.tre-rs.jus.br/apps/locais/index.php?acao=zona&zona=111>>.
Acesso em: 18 jul. 2018.

Figura 5: Local de Votação em Porto Alegre (zona eleitoral 111)

TRE-RS - Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Sul

		117, 172, 214, 289	
SOCIEDADE GINASTICA PORTO ALEGRE	BARAO DE COTEGIPE N 415 HIGIENOPOLIS	12, 77, 121, 170, 210, 262, 273, 285	3093
VICENTE PALLOTTI ESCOLA EDUCACIONAL	TUPI N 212 PASSO D'AREIA	37, 42, 45, 68, 83, 108, 133, 148, 153, 184, 191, 257	4652
VISCONDE DE PELOTAS - E.E. DE 1 GRAU	RUA ARTUR ROCHA, 200 AUXILIADORA	127, 132, 163, 168, 177, 188, 204, 225, 229, 241, 263, 275	4021

Fonte: <<https://www.tre-rs.jus.br/apps/locais/index.php?acao=zona&zona=111>>.
Acesso em: 18 jul. 2018.

Como apresentado pelas figuras acima, o candidato do NOVO teve maior concentração de voto nas zonas eleitorais 2 e 111, que compreendem a região assinalada nas Figuras 1 e 2. Bairros como Três Figueiras, Bela Vista, Rio Branco, Auxiliadora, Petrópolis, Moinhos de Ventos e Mont'Serrat – bairros tidos como nobres da capital – fazem parte das zonas de maior votação do candidato. Realizando uma média aproximada, nesta região ele fez aproximadamente 30% do total de seus votos. Das 10 sessões com maior votação na cidade, apenas uma não está na 111. A zona 2, por sua vez, é contígua à zona 111.

A ideia de trazer tais informações tem o objetivo ilustrar que Porto Alegre não possui apenas ativistas declarados liberais, mas também começa a eleger candidatos que se reivindicam como tal e são apoiados, direta ou indiretamente, por eles. Mais que isso, parece haver uma associação entre as ideias liberais com certos segmentos de classe, notadamente classes médias altas e altas.

Dessa forma, compreendo que a capital gaúcha opera como um centro liberal importante, responsável por sediar grandes e médios eventos, sendo a sede de núcleos de articulação e difusão do *liberalismo* que adquirem notoriedade nacional. Os núcleos locais integram um circuito vasto que compõe o que vem sendo chamado de Movimento Liberal Brasileiro. Apesar de estarem ligados a uma rede, funcionam, muitas vezes, de forma

autônoma e descentralizada, adquirindo lógicas próprias de atuação. É sobre as dinâmicas implicadas no ativismo liberal e na formação dos agrupamentos locais que situo esta dissertação.

O que venho chamando de movimento liberal é a composição de esferas como institutos nacionais, institutos internacionais, *think tanks* nacionais, *think tanks* internacionais, partidos políticos, estados, intelectuais nacionais e internacionais, universidades públicas e privadas, empresas patrocinadoras, núcleos locais, ativistas e ideias que se articulam em um circuito interligado em busca de espaço para a implementação do *liberalismo* no Brasil. Os institutos liberais brasileiros (GROS, 2009), os *think tanks* liberais (ROCHA, 2015) e partidos políticos liberais são os dirigentes do processo de formação da camada dos núcleos locais e ativistas. As empresas privadas que participam do circuito *liberal* possuem o papel de patrocinar as ações do movimento, financiando projetos, propostas e eventos que serão colocados em prática.

O Estado brasileiro está representado por lideranças que conseguem se inserir na política, se candidatando em eleições municipais, estaduais e federais, e que, posteriormente, nomeiam a cargos públicos expoentes do circuito *liberal*. Os intelectuais nacionais e internacionais são professores de economia, ciência política, história, administradores, empreendedores, políticos e pessoas prestigiadas dentro do movimento. Essas pessoas são convidadas para realizar palestras, cursos e conferências promovidos pelos *think tanks*, institutos *liberais* e núcleos locais. As universidades públicas e privadas, por sua vez, sedem o espaço físico (salas e auditórios) para a realização dos eventos, que também se perfazem em espaços de recrutamento de novos ativistas.

Figura 6: Circuito do Movimento Liberal brasileiro



Fonte: A autora.

O movimento liberal brasileiro teve seu início no período da pós-redemocratização, na década de 1980, com as tentativas de implementação da ordem democrática após a ditadura civil-militar. O movimento estava em consonância com o surgimento de organizações internacionais pró-*liberalismo* formadas em diferentes países por institutos liberais e *think tanks* que tinham objetivo de disseminar o ideário liberal (GROS, 2003).

O impacto que as ideias liberais e o *neoliberalismo* adquiriam na América do Sul, principalmente em países como Chile e Argentina, contribuiu para o surgimento dessas associações no contexto brasileiro. Após as crises geradas por conflitos internos e a escassa adesão do público, os grupos enfrentaram uma estagnação que compreendeu as décadas de 1990 e anos 2000. Em 2006, antigos e novos defensores do ideário buscaram retomar alianças para o ressurgimento de organizações no contexto brasileiro (ROCHA, 2017). Essas mobilizações tiveram início em 2010, quando novas associações começaram a ser criadas tendo como foco a formação de jovens ativistas.

A nova onda liberal é marcada pelo ressurgimento e criação de institutos, *think tanks*, núcleos locais e também por partidos políticos com o objetivo de recrutar e formar lideranças jovens que irão atuar em projetos com objetivo de instruir, debater e difundir o ideário liberal, aplicando-o na política. A atuação dos núcleos locais tem sido fundamental para a articulação do movimento liberal e para a difusão do *liberalismo* em diferentes regiões do país, nas quais as organizações maiores não possuem atuação – como nos casos do Instituto Liberal, do Instituto Von Mises, do Estudantes pela Liberdade e do Movimento Brasil Livre.

As atuações locais, que não estão em evidência na mídia tanto quanto outros agrupamentos, caracterizam uma novidade dentro do movimento liberal. Elas adquiriram representatividade e protagonismo, especialmente entre jovens universitários e recém-formados. Podemos considerar que esses agrupamentos formam a “base” do movimento liberal hoje, sendo responsáveis por atingir o maior número de pessoas com projetos e ações para difusão do pensamento liberal. Os núcleos locais são sediados, muitas vezes, em universidades, possuem formação e configurações equivalentes entre si e estão em constante diálogo. Também podem integrar uma rede de conexão com institutos e organizações liberais tradicionais que possuem representação nacional e são formadas por empresários.

Os núcleos liberais locais possuem, muitas vezes, as mesmas matrizes de formação. Suas lideranças frequentam os mesmos cursos nacionais e internacionais, participam dos mesmos eventos, compartilham um circuito interligado, com propostas de projetos análogas. Os ativistas possuem um mesmo perfil, sendo as formas de recrutamento e engajamento parecidas, assim como os discursos e práticas afinadas. O objetivo deste trabalho é atentar para os sujeitos atuantes dentro do movimento liberal, e que de alguma forma possuem outras linhas de atuação. As formações locais contribuem constantemente para a manutenção e difusão do pensamento liberal no Brasil.

A partir do trabalho de campo realizado com os grupos auto identificados liberais na cidade de Porto Alegre, compreendi o protagonismo e a busca por espaço, tanto no âmbito social e político, quanto dentro do próprio movimento.

O primeiro capítulo desta dissertação versa sobre o conceito de *liberalismo* e *neoliberalismo* e os diversos entendimentos e usos que variam de acordo com o contexto em que são mobilizados. O objetivo está na discussão do percurso e das interpretações acerca dos conceitos e, principalmente, das disputas intelectuais sobre suas definições. Dessa forma, também será abordado o surgimento do *liberalismo* no Brasil impulsionado pela criação de institutos e o *thinks tanks*, assim como o momento recente do Movimento liberal brasileiro e a ascensão de núcleos locais que contribuem para a difusão do pensamento.

O segundo capítulo tem por objetivo uma discussão ética e metodológica a partir das incursões em campo. Pretendo evidenciar as questões implicadas na construção do diálogo com os ativistas liberais e o envolvimento que estabeleci nas participações em campo. Com uma escrita de estilo autoral, busco apresentar o processo de envolvimento complexo e gradual do trabalho etnográfico desenvolvido no universo liberal.

O terceiro capítulo versa sobre a complexidade de grupos, ativistas, correntes e

projetos presentes no contexto de organização liberal, apresentando as dinâmicas envolvidas na formação de núcleos locais, no engajamento de ativistas e na proposição dos projetos específicos para a difusão do pensamento. O capítulo também explora, a partir do conceito de *assemblage* desenvolvido por Ong e Collier (2005), as contribuições da categoria para a compreensão das dinâmicas dos núcleos liberais. A trajetória de núcleos e ativistas, a elaboração de projetos e justificativas que caracterizam esse engajamento, assim como a noção de protagonismo, também estão em perspectiva neste capítulo, auxiliando na discussão do envolvimento de ativistas com ações liberais.

O último capítulo tem como foco os eventos produzidos pelos núcleos liberais e a centralidade destes para o estabelecimento das ideias e projetos dentro de suas perspectivas. Essas performances são conduzidas a partir de uma lógica da produção do encantamento, e não da coerção. Os ativistas apropriam-se de repertórios de áreas como o marketing, a publicidade e a gestão empresarial, transpondo-os para a dimensão do engajamento político, na produção de eventos e de seus ativismos.

1 (NEO) LIBERALISMOS E ANTROPOLOGIA: LIMITES E ABORDAGENS DISTINTAS

Definir o conceito de *neoliberalismo* tem sido um grande desafio para os teóricos do tema. O cientista político e pesquisador do assunto Sébastien Caré¹⁴ (2016) afirma que a literatura produzida pelas Ciências Sociais resultou numa definição imprecisa, englobante e negatizado conceito¹⁵. Entre 148 produções acadêmicas analisadas, 69% utilizavam a palavra *neoliberalismo* sem defini-la (CARÉ, 2016, p.22). O problema da definição causou uma ampliação do conceito, que foi empregado de diferentes maneiras, contribuindo para que se tornasse um “concepte magique e malefique” (CARÉ, 2016).

Em uma pesquisa elaborada pela *Anthro Source*, foi verificado que a referência ao termo em textos antropológicos quase quadruplicou entre os anos de 2004 e 2005, apesar da visão mais influente sobre o conceito ser a de David Harvey: “os antropólogos preocupados com o neoliberalismo tendem a se concentrar nos efeitos específicos de, e resistências, e não no próprio fenômeno” (COLLIER, DEHART E HOFFMAN, 2006, p.9)¹⁶. Dessa forma, os estudos antropológicos também estão inseridos nas disputas sobre as definições dos termos *liberalismo* e *neoliberalismo*.

As particularidades delinearão a história do conceito, fazendo com que sua trajetória fosse multiforme. O objetivo do presente capítulo consiste na discussão do percurso e das variadas interpretações do que seria o *liberalismo*, atentando, sobretudo, para as disputas implicadas na sua definição. Nessa linha, também buscarei abordar o surgimento da vertente no Brasil e sua institucionalização através da criação de institutos e *think tanks*, até a ascensão recente do que vem sendo denominado Movimento Liberal Brasileiro, em conjunto com a atuação de núcleos locais.

Neste capítulo busco evidenciar as três principais interpretações do conceito. Os clássicos, intelectuais que reivindicam o termo e que contribuem para a difusão do pensamento. Os críticos, autores das Ciências Sociais e outras vertentes que produziram críticas principalmente aos sistemas estatais de gestão *neoliberal*. E os autores contemporâneos que elaboraram argumentos críticos para compreender como o termo foi interpretado e utilizado em diferentes momentos de sua história, ou seja, a crítica aos críticos.

¹⁴Cientista político francês.

¹⁵Tais conclusões foram realizadas a partir de um estudo dos pesquisadores Taylor C. Boas e Jordan Gans-Morse (2009), que buscou analisar artigos das ciências sociais sobre *neoliberalismo* no período de 1990 a 2004.

¹⁶ “Anthropologists concerned with neoliberalism tend to focus on specific effects, and resistance to, neoliberalism, not the phenomenon itself” (COLLIER, DEHART E HOFFMAN, 2006, p.9).

A realização de uma etnografia acerca do engajamento de ativistas liberais no contexto brasileiro apresentou diferentes desafios. O primeiro e mais complexo deles implicava na compreensão do próprio conceito reivindicado pelos interlocutores da pesquisa, *liberalismo*¹⁷. Existe uma diversidade de entendimentos sobre o tema e suas variações, como, por exemplo, o *neoliberalismo*. Há também diferentes usos de acordo com o contexto em que está inserido, sendo mobilizado enquanto categoria acusatória ou reivindicado como terminologia de identificação, mesmo que por compreensões heterogêneas.

1.1 A produção do conceito de *neoliberalismo*

A produção do conceito de *neoliberalismo* nas Ciências Humanas data do período de 1970 a 1980. Collier, Dehart e Hoffman (2006) apontam que essas análises sobre o fenômeno foram contingenciais e se concentraram em uma tradição liberal específica, a que argumentava que o *neoliberalismo* era uma continuação do *liberalismo*. A visão dos fenômenos como algo unificado também foi adotada por Harvey (2005) e propagada pelos pesquisadores que utilizaram o autor como referência.

Collier, Dehart e Hoffman (2006) acreditam que a forma como muitos estudiosos vinham trabalhando o tema do *neoliberalismo* precisa ser repensada. Eles não identificaram em seus contextos de pesquisa os aspectos referidos nas descrições de outros especialistas no assunto, principalmente as que compreendiam o *neoliberalismo* como um fenômeno conectado por processos históricos, reformas políticas e transformações econômicas.

Wacquant segue o mesmo posicionamento sobre a produção antropológica do *neoliberalismo*. Seu interesse pelo fenômeno surgiu em uma de suas pesquisas que tratava sobre o cotidiano das periferias urbanas de Chicago e Paris. Para desenvolver a investigação, Wacquant precisou conhecer profundamente a constituição mundial do *neoliberalismo* (2012, p. 506) e, desta forma, identificou flutuações e controvérsias da categoria. Segundo o autor, a abordagem do *neoliberalismo* na Antropologia se restringe há dois grandes posicionamentos que norteiam as pesquisas sobre o tema. O primeiro está ancorado em uma visão neoclássica e neomarxista, enquanto o segundo consiste em uma compreensão do conceito a partir da noção de *governamentalidade*, de Michel Foucault.

Já Hilgers divide a agenda antropológica sobre *neoliberalismo* em três blocos. O primeiro deles se refere à abordagem culturalista, que tem como foco elucidar o conjunto de

¹⁷O destaque do termo em itálico será discutido ao longo da escrita.

crenças compartilhadas e incorporadas em instituições, assim como em práticas que representam uma relação neoliberal (2011, p.352-353). Tomando como base trabalhos com essa ótica, o autor identifica que existem culturas globais com características *neoliberais* em transformação, que são importadas para um contexto geral e aplicadas de formas distintas em diferentes extensões de socialização. A segunda abordagem busca “como um sistema ou estrutura que constitui uma rede de relações entre diferentes posições descrever o neoliberalismo no espaço social” (HILGERS, 2011, p. 355)¹⁸. Dessa forma, o *neoliberalismo* está perpassado por regras sistêmicas, passando a atuar a partir de modos propriamente regulados.

A terceira interpretação coincide com a constatação de Wacquant, pois compreende o *neoliberalismo* enquanto um modelo de *governmentalidade*, tendo como foco as tecnologias de governo derivadas desse processo (2011, p. 258). Essa perspectiva teve início com os cursos de Michel Foucault no *Collège de France* no final da década de 1970. De acordo com Hilgers (2011) esta tem sido uma abordagem adotada por um conjunto de autores como, por exemplo, Dardot e Laval (2009) representando a área de estudos sobre a fundação histórica do neoliberalismo; Ferguson e Gupta¹⁹ (2002), Lazzarato²⁰ (2009), Ong²¹ (2006) e Rose²² (1999), com a análise das transformações sociais, políticas e econômicas. O autor conclui que os estudos foucaultianos sobre *neoliberalismo* possuem alguns problemas, pois a abrangência da definição tornou o conceito aplicável a qualquer contexto, tornando difícil a compreensão das capilaridades e especificidades às quais o conceito é aplicado.

Com base nos três eixos de interpretação acerca do *neoliberalismo* proposto por Hilgers, Wacquant elabora sua crítica apontando que a divisão proposta pelo antropólogo reflete na extensão e trivialização do termo. O emprego de uma das duas abordagens em produções acadêmicas resulta, segundo Wacquant, em compreensões circunscritas do *neoliberalismo*. A concepção neoclássica percebe a doutrina como “uma visão ordenada, um todo coerente, monolítico” (WACQUANT, 2012, p. 508). Esse viés, segundo o autor, possui um interesse em como o *neoliberalismo* se apresenta no contexto latino e em países do bloco da ex-União Soviética e continente africano. Por outro lado, a visão dos foucaultianos, que

¹⁸ “Tode scribe neoliberalism as a system orstructure constituting a network of relations between different positions in the social space” (HILGERS, 2011, p. 355).

¹⁹ Ferguson, J. and Gupta, A., 2002. “Spatializing states: toward an ethnography of neoliberal governmentality”, *American Ethnologist*, 29 (4), 981-1002.

²⁰Lazzarato, M., 2009. “Neoliberalism in action, inequality, insecurity and the reconstitution, of the social”, *Theory, Culture and Society*, 26, 109-133.

²¹Ong, A., 2006. *Neoliberalism as exception*. Chapel Hill: Duke University Press.

²²Rose, N., 1999. *Powers of freedom: reframing political thought*. Cambridge: Cambridge University Press.

entende o fenômeno como uma forma de *governamentalidade*, “propõe uma visão desordenada, uma miscelânea de noções, estratégias e tecnologias de cálculo destinadas a moldar populações e pessoas” (WACQUANT, 2012, p.508). Esse horizonte estaria preocupado com um contexto mais global de concentração de práticas *neoliberais*, afirma o sociólogo.

Como contraponto, Wacquant (2012) propõe uma direção alternativa das que predominam dentro da Antropologia. Uma concepção bourdieusiana que defende que o “neoliberalismo sempre foi um projeto em aberto, plural e adaptável (WACQUANT, 2012 *apud* PECK, 2008, p. 3), mas que, todavia, possui um núcleo institucional que o torna distinto e reconhecível” (p.509). Nesta perspectiva, o neoliberalismo teria impactado três instituições bases: o Estado, o mercado e a cidadania. Wacquant diverge das abordagens neoclássicas e foucaultianas e propõe pensar uma antropologia do *neoliberalismo* como uma “constelação política concreta” mediada pelo Estado e que pode ser compreendida a partir do conceito de *campo burocrático*, cunhado por Bourdieu (WACQUANT, 2012, p.510), diferentemente do que seriam as compreensões do fenômeno enquanto uma doutrina econômica ou como uma técnica de governo, posições neoclássicas e foucaultianas, respectivamente.

Caré²³ tem desenvolvido discussões contemporâneas acerca da categoria de *neoliberalismo*, possuindo contribuições que acrescentam a discussão proposta por Hilgers (2011) e Wacquant (2012). As críticas elaboradas por Caré estão embasadas na forma como, durante muito tempo, tratou-se o conceito de *neoliberalismo* nas Ciências Sociais. Buscando compreender o *neoliberalismo* como um todo, Caré aponta que as implicações críticas à categoria tiveram inspiração em três autores: Karl Marx, Pierre Bourdieu e Michel Foucault. Em outra publicação, desta vez em parceria, Caré e Châton sugerem que a perspectiva marxista concebe o *neoliberalismo* como uma forma contemporânea de capitalismo, uma nova ideologia dominante, portanto²⁴ (CARÉ E CHÂTON, 2016, p.5). A referência de inspiração marxista mais utilizada na discussão do *neoliberalismo* seria a de Harvey (2005). Para Caré e Châton, Harvey concebe a categoria como “um ‘projeto de classe’ a serviço de uma maior dominação do ‘capitalismo global’”(2016, p.5)²⁵.

²³ O autor dedicou sua produção intelectual recente para a investigação do fenômeno *neoliberal* nas sociedades contemporâneas. Produziu artigos e livros sobre a doutrina nos quais destaco duas importantes obras: *La pensée libertarienne: Gènes, fondaments et horizons d’une utopie libérale* (2009) e *Les libertariens aux États-Unis: Sociologie d’un mouvement asocial* (2010). Ambos tratam de um dos principais desdobramentos do liberalismo contemporâneo, o pensamento libertário, identificado com a Escola de Chicago.

²⁴ “Envisage le néolibéralisme comme la nouvelle idéologie dominante” (CARÉ e CHÂTON, 2016, p.5).

²⁵ “Comme un ‘projet de classe’ au service d’une domination accrue permise par le ‘capitalisme global’ (CARÉ E CHÂTON, 2016, p.5).

Os estudiosos também afirmam que Harvey resume o *neoliberalismo* à versão neoclássica da doutrina. Algumas acepções do autor, como, por exemplo, a ideia de que “o rótulo “neoliberal” marcava a adesão aos princípios de livre mercado da economia neoclássica” (HARVEY, 2005, p.30), ou, que “a doutrina neoliberal opunha-se profundamente às teorias do Estado intervencionista [...]” (p.30) mostram que o posicionamento de Harvey se refere, sobretudo, à Escola de Chicago (neoclássicos) e suas concepções sobre economia, Estado e ciência (CARÉ e CHÂTON, 2016).

Harvey, em suas análises, se refere “à doutrina neoliberal” ou “à posição neoliberal”, resumindo o *neoliberalismo* a uma única corrente de pensamento, a neoclássica. Harvey, assim como outros autores críticos do fenômeno, contribuiu para restringir a interpretação do termo neoliberal a uma de suas acepções, neste caso, àquela veiculada aos economistas de Chicago, desconsiderando as demais (CARÉ E CHÂTON, 2016).

A antropóloga Aihwa Ong partilha de críticas semelhantes às elaboradas por Caré e Châton. A autora, estimulada por suas experiências de pesquisa, tem se debruçado sobre a discussão do *neoliberalismo*. Ong aponta que a proposição de Harvey, cuja tendência seria a padronização do conceito de *neoliberalismo*, está cercada de limites, pois sua interpretação não engloba uma variedade de instituições e dinâmicas que aparecem em seus contextos de investigação (2007, p.4). No caso chinês, salientado por Ong, as políticas neoliberais são impostas por um Estado presente através do autoritarismo e não à recusa ou ausência de um poder estatal intervencionista, como aponta Harvey. O posicionamento dos marxistas desconsideraria as particularidades políticas reconfiguradas por sistemas *neoliberais* (2007, p.3). Assim, Ong conclui que a categoria *neoliberalismo* deveria ser “conceptualized not as a fixed set of attributes with predetermined outcomes, but as a logic of governing that migrates and is selectively taken up in diverse political contexts” (ONG, 2007, p.3)²⁶.

Aihwa Ong denomina as abordagens marxistas de *Neoliberalismo*, com letra maiúscula. Essa referência evidencia o pensamento abstrato e a ideia de sistema dominante, como sendo mais uma fase do capitalismo disseminado em diferentes países e momentos. Seu contraponto, seria o *neoliberalismo*, com letra minúscula, compreendendo o fenômeno como “a technology of governing ‘free subjects’ that co-exists with other political rationalities”(2007, p.4)²⁷. A autora desenvolve, em conjunto com Stephen J. Collier, o

²⁶Tradução da autora: “O neoliberalismo é conceituado não como um conjunto fixo de atributos com resultados predeterminados, mas como uma lógica de governo que migra e é seletivamente ocupada em diversos contextos políticos” (ONG, 2007, p.3).

²⁷Tradução da autora: “Tecnologias de governo “freesubjets” que coexistem com outras racionalidades políticas” (ONG, 2007, p.3).

conceito de *global assemblages*²⁸, com o objetivo de propor uma análise do *neoliberalismo* presente nas novas configurações estatais sem desconsiderar a heterogeneidade social e cultural instável identificada pela autora.

Para Caré e Châton, Bourdieu também partilha do horizonte marxista, concebendo o “*neoliberalismo* como uma ideologia do tempo presente²⁹ (2016, p.6). Essa interpretação percebe o *neoliberalismo* como um pensamento radical, puramente econômico e avesso a qualquer intervenção Estatal (CARÉ, 2016)³⁰. O posicionamento de Caré aproxima a versão *neoliberal* bourdieusiana de uma religião secular (p.6), na medida em que Bourdieu “descreve bem a versão neoclássica da doutrina, mas revela uma maneira bastante infiel dos paradigmas austríaco e ordoliberal” (p.23)³¹. Assim como a ótica marxista, o viés bourdieusiano de *neoliberalismo* também foi adotado por outros autores, como Loic Wacquant (2012), Keith Dixon (1998) e Stephanie Lee Mudge (2008).

Essas produções apontam, sobretudo, o Estado *neoliberal* e seus efeitos, tendo foco a dimensão política e estatal do *neoliberalismo*. O mercado, nessa perspectiva, torna-se um agente conector e não um ator central para pensar as dinâmicas nesse contexto. Além disso, não há interesse por parte dessa literatura na compreensão dos atores envolvidos com o *neoliberalismo*, predominando a análise institucional. Caré e Châton (2016) ainda complementam que as produções com bases bourdieusianas possuem um objetivo de denúncia contra uma ideologia avassaladora em que é preciso criar mecanismos de combate para sua contenção.

É a visão sobre o papel do Estado no *neoliberalismo* que diferencia as propostas bourdieusianas das foucaultianas, segundo os autores. Enquanto Bourdieu compreende que um dos objetivos do *neoliberalismo* é a “renúncia total do Estado”, os foucaultianos argumentam que o Estado – sob uma nova configuração – acaba sendo um ator eficaz para a implementação do sistema *neoliberal*³² (CARÉ e CHATON, 2016, p.6 *apud* LAVAL, 2014). Essa elaboração foucaultiana reconhece um *neoliberalismo* heterogêneo e segmentado,

²⁸ O conceito será discutido em outro momento do trabalho

²⁹ “Cette conception du néolibéralisme comme idéologie du temps présent (CARÉ e CHÂTON, 2016, p.6).

³⁰ O conteúdo que demarca a posição do sociólogo com relação à categoria está no texto *L’essence du néolibéralisme* (1998). Caré e Châton (2016) destacam partes que salientam a ideia de Bourdieu sobre o fenômeno.

³¹ “Décrit bien, on le verra, la version néoclassique de la doctrine, mais se révèle à l’examen très infidèle aux paradigmes autrichien et ordo-liberal” (CARÉ, 2016, p.23).

³² Entre os autores que adotaram a perspectiva foucaultiana de *neoliberalismo* está Dardot e Laval (2009) e Aihwa Ong (2007).

segundo os autores, “ils discernent plutôt um libéralisme amendé, modéré, gestionnaire et désormais”³³ (CARÉ, 2016, p.23).

Uma das contribuições para a compreensão heterogênea de *neoliberalismo* é a da cientista social Wendy Larner. Na sua análise sobre investigações que problematizam o tema, a autora mostra que “neo-liberalism is a more complex phenomenon than may have been recognized by many participants in these debates” (2000, p.5).³⁴ Para a autora, a adoção de cada uma das distintas abordagens do fenômeno *neoliberal* implica em diferentes processos de compreensão das realidades pesquisadas, e para além da academia, incidindo também nos olhares das futuras intervenções no âmbito político (p.6). Com esse posicionamento, Larner estende a concepção de *neoliberalismo* enquanto uma forma de *governamentalidade*, incluindo nessa literatura um olhar feminista e uma abordagem centrada nas práticas dos sujeitos. Dessa maneira, sua abordagem foucaultiana passa a reconhecer que o *neoliberalismo* não se reduz somente a um horizonte filosófico de um grupo ideológico unificado.

Collier, DeHart e Hoffman (2006) seguem uma perspectiva semelhante e argumentam que “‘liberals’ have advocated widely different level of state intervention[...]” (2006, p.10)³⁵. Os autores defendem que para a melhor compreensão do *neoliberalismo* é preciso que nos aproximemos dos elementos específicos ligados ao seu universo, local de onde se originam, quais suas ferramentas de propagação e suas dinâmicas, para que possamos compreender como elementos ganham forma e adquirem agência política (p.10). Esse enfoque permitiria a análise das mutações implicadas no fenômeno *neoliberal*.

As contribuições de autores marxistas, bourdieusianos e foucaultianos, embora possam ser criticadas, são produtivas para a análise do fenômeno do engajamento liberal na atualidade. Contudo, novas abordagens como as propostas por Caré e Châton, fundamentaram uma percepção contemporânea do fenômeno e direcionam a atenção para questões específicas, proporcionando a percepção de grupos e doutrinas plurais e em constante modificação. Os autores seguem, em certa medida, a perspectiva teórica de Audier (2012) que, ao realizar uma revisão bibliográfica recente sobre o tema, salienta a necessidade de novas propostas que busquem pensar o *neoliberalismo* como uma categoria no plural (p.23).

³³ Tradução da autora “Diferenciam mais um liberalismo transformado, moderado, gestor e atual” (CARÉ, 2016, p.23).

³⁴ Tradução da autora: “Neo-liberalismo é um fenômeno mais complexo do que pode ter sido reconhecido por muitos participantes nesses debates” (LARNER, 2000, p.5).

³⁵ Tradução livre: “Os ‘liberais’ defenderam níveis muito distintos de intervenção estatal em nome da justiça social” (COLLIER, DEHART e HOFFMAN, 2006, p.10).

1.2 (Neo) Liberalismo(s): perspectivas contemporâneas do liberalismo

Aqui não existe nenhum neoliberal. O neoliberal, segundo Caio, tem uma má fama, não é bem visto. De fato, uma das primeiras percepções foi a de que eu só ouvia o termo *neoliberal* nas discussões fora do campo. Nas observações participantes que realizava nunca ouvi uma referência ao termo *neoliberalismo*. Como eu estava iniciando a pesquisa, Caio me deu um conselho que passei a aplicar durante meus contatos com os ativistas, mas que, também, me fez repensar as leituras e pressupostos que carregava comigo para campo. *Se tu te referir aos liberais como neoliberais, ninguém vai querer falar contigo.* A partir desse momento, precisei redefinir meu olhar e me desfazer de grande parte dos enquadramentos que possuía sobre o assunto.

Esse processo incluía conceber o *liberalismo*, conceito reivindicado pelos grupos e ativistas dos quais me aproximava, não como “um bloco homogêneo, mas como um conjunto complexo de doutrinas” (CARÉ e CHÂTON, 2016, p.9)³⁶. A diversidade de entendimento do que seja *liberalismo* e *neoliberalismo*, bem como seus usos, podem variar conforme as redes nas quais se está inserido. Se nas Ciências Sociais, sobretudo Sociologia e Antropologia, operam enquanto um *concept mou* (CARÉ, 2016), sendo categorias acusatórias, em outras Ciências Sociais Aplicadas, como, por exemplo, na Administração ou na Economia, o termo pode ser reivindicado enquanto elemento de identificação de grupos, mesmo que em acepções heterogêneas. Dessa forma, podemos confiar a essas denominações um status de *significante (quase) flutuante* (LÉVI-STRAUSS, 1970), uma vez que os seus significados podem variar – radicalmente, inclusive – de acordo com o contexto.

Para a pesquisa adotarei o termo *liberalismos*, me referindo a um complexo de ideias e ações pensadas no plural. Essa opção teórica também configura um posicionamento metodológico. Como destaquei anteriormente, os grupos e ativistas com os quais dialogo não se concebem como *neoliberais*, mas sim como *liberais*, e de acordo com a vertente que simpatizam, aderem a uma das perspectivas do liberalismo, se caracterizando enquanto *anarcocapitalistas, libertários, liberais clássicos, liberais conservadores e liberais sociais*, apenas para citar as principais definições que encontrei em campo³⁷. Essas derivações do liberalismo surgem a partir de Escolas contemporâneas do pensamento liberal, caracterizadas

³⁶ “Non pás comme um bloc homogène, mais “comme un ensemble complexe de doctrines” (CARÉ e CHÂTON, 2016, p.9).

³⁷No decorrer da pesquisa me deparei com inúmeras ramificações definidas a partir do pensamento liberal, selecionei apenas as definições que me aproximei mais em campo e que possuem maior representatividade dentro do movimento liberal brasileiro.

pela diversidade e divergência de concepções econômicas, políticas e sociais. Destaco entre as principais a Escola de Friburgo (ordoliberais), a Escola de Chicago (neoclássicos) e a Escola Austríaca (austríacos), evidenciadas no tópico a seguir.

As rupturas que deram origem a diversidade presente no fenômeno *liberal* tiveram início com a organização de dois eventos que reuniram as principais vertentes liberais contemporâneas: o Colóquio Walter Lippmann³⁸, realizado em 1938, e a criação da Sociedade Mont-Pèlerin, em 1947. Ambos os eventos são considerados, pela literatura sobre o tema, marcos da criação do *neoliberalismo*. O Colóquio aconteceu em Paris e tinha o objetivo de discutir o declínio do pensamento liberal na Europa. Já a criação da Sociedade³⁹ é comumente listada como o evento símbolo do início do movimento *neoliberal*. Na prática, os dois acontecimentos – correlacionados – são importantes para demarcar a rearticulação do pensamento *liberal*. “A sociedade Mont-Pèlerin aparece como um prolongamento da iniciativa de 1938” (DARDOT e LAVAL, 2009, p.72), que partiu de uma necessidade de perpetuar as relações e debates propostos no Colóquio.

O Colóquio Walter Lippmann é considerado um dos acontecimentos centrais para a gênese do *neoliberalismo*, pois teria sido a primeira vez em que o termo foi mencionado por intelectuais liberais. Os pensadores presentes na ocasião buscavam formas de renovar o horizonte liberal, que já estava desgastado, buscando uma diferenciação de outras correntes derivadas do *liberalismo*. Na prática, os intelectuais almejavam substituir a palavra *liberalismo*, pois acreditavam que a história do termo estava desprestigiada da forma clássica, sendo apropriada por outros embasamentos, alguns dos quais à esquerda. Desta forma, o prefixo “neo” foi adicionado ao termo *liberalismo* sendo pensado como alternativa para tornar circunscritas as ideias propostas durante o encontro⁴⁰ (CARÉ, 2016, p.41 *apud* AUDIER, 2012, p.165; MIROWSKI & PLEHWE, 2009, p.13).

O termo *neoliberalismo*, a partir desse momento, passou a ser empregado com frequência, adquirindo significados amplos que coexistiam, sendo entendido como uma renovação geral de um *liberalismo* em crise (CARÉ, 2016, p.43). Países como a França e a Alemanha criaram suas próprias versões *neoliberais*. Anos depois, a criação da Sociedade de Mont-Pèlerin, na Suíça, formada por três principais vertentes liberais contemporâneas (ordoliberais, neoclássicos e austríacos) foi “a oportunidade que os intelectuais liberais europeus esperavam desde o Colóquio Lippmann” (GROS, 2003, p.96). O encontro durou

³⁸ Jornalista estado-unidense que inspirou o nome do colóquio devido ao seu livro *An Enquiry into the Principles of the Good Society*. Considerado pelos intelectuais liberais da época como um manual sobre a liberdade.

³⁹ Para uma leitura aprofundada ver Cocket (1995).

aproximadamente dez dias e contou com discussões sobre economia e política que influenciaram o futuro das ideias *liberais* em diferentes países. Esses acontecimentos foram centrais para a formação do *neoliberalismo*, mas também evidenciaram as divergências entre as concepções *liberais*, mostrando as tensões e divisões entre os próprios pensadores.

O movimento *neoliberal* sofre uma ruptura pouco tempo depois da criação da Sociedade Mont-Pèlerin. Segundo Caré (2016) a morte de Röpke, expoente da escola ordoliberal alemã, foi um dos fatores que contribuiu para a tensão entre os intelectuais associados. Contudo, o debate e a colaboração entre os ordoliberais, neoclássicos e austríacos, já vinha se desgastando há uma década. Dessa forma, a Sociedade Mont-Pèlerin passa a ser orientada pelas linhas majoritárias, Escola Austríaca e Escola de Chicago, principalmente porque ambas foram consagradas com a concessão do Prêmio Nobel de Economia para Friedrich Hayek, em 1974, e para Milton Friedman, em 1976. Com a hegemonia dos austríacos e dos neoclássicos construída dentro do próprio movimento, o termo *neoliberalismo* passa novamente por mutações.

A multiplicidade do conceito de *neoliberalismo* é resultado da pluralidade de Escolas, ramificações e vertentes criadas a partir de rupturas dentro dos grandes núcleos. O ressurgimento do termo, com a criação e difusão das tendências apresentadas acima, precisamente na década de 1970, produziu mudanças na forma como o *neoliberalismo* era mobilizado em diferentes espaços (CARÉ, 2016). Nesse período, a palavra poderia classificar tanto a doutrina econômica de liberais mais revolucionários, quanto os pressupostos dos liberais intervencionistas. Dentro desses grupos era possível identificar atores que recusavam o rótulo, como o caso de Hayek.

Durante a história do movimento, a terminologia *neoliberal* nunca foi apropriada, de forma que gerasse identificação. Pelo contrário, atores e intelectuais envolvidos buscaram alternativas ao termo. Esse posicionamento tem sido reproduzido nas dinâmicas atuais do movimento liberal brasileiro, em que são adotadas inúmeras categorias de identificação, como alternativa para contornar a nomenclatura *neoliberal*, que continua a ser mobilizada somente por críticos do movimento.

Como mostra Caré (2016), a definição de *neoliberalismo* foi reorientada por rupturas em diferentes momentos históricos. Estas fizeram com que as próprias Escolas do pensamento passassem por modificações em suas perspectivas políticas e epistemológicas. A primeira delas ocorreu no período de 1930 a 1950, quando a Escola de Chicago se aproximou de uma concepção positivista. Nesse momento, a Escola de Friburgo adere ao intervencionismo e

adota um posicionamento anti-positivismo. Os austríacos passam a rejeitar o positivismo e a adotar uma concepção acentuada de *laissez-faire*. Do período de 1960 a 2000, o conforme aponta Caré, destacam-se as Escolas de Chicago, que permanece na defesa do positivismo, a Escola de Friburgo, que continua com seus ideais intervencionistas e anti-positivistas, e a Escola de Viena, que se mantém anti-positivista e a favor do *laissez-faire*.

A Escola de Friburgo (Terceira Via) foi fundada na Alemanha em 1930 e foi uma das primeiras adeptas do chamado *ordoliberalismo*. Os principais intelectuais da corrente ordoliberal alemã foram os autores Wilhelm Röpke⁴¹, Leonard Miksch⁴² e Alfred Müller-Armack⁴³. Tais pensadores e suas perspectivas tiveram grande influência na forma como a Alemanha pensou a economia política de seu mercado após a Segunda Guerra Mundial. O *ordoliberalismo* está baseado na rejeição ao racionalismo e ao utilitarismo extremo, contrapondo muitos economistas. Com esse posicionamento, Röpke, um dos maiores expoentes desta escola, acaba rejeitando um dos paradigmas econômicos mais importantes para pensadores de outras escolas liberais, o pressuposto do *homo aeconomicus*.

As divergências com outras escolas também se dão na concepção do papel do Estado, que, na percepção de Röpke, não deve ser mínimo em uma economia de mercado, devendo ser consolidado e responsável por regular o mercado e suas dinâmicas. Esse posicionamento faz com que a Escola de Friburgo seja caracterizada por outras correntes enquanto intervencionista (CARÉ e CHÂTON, 2016).

A Escola de Chicago (neoclássica) se estabeleceu durante a crise de 1929⁴⁴, mas só obteve grande repercussão no pós-guerra (1970), principalmente pela atuação de figuras como Milton Friedman⁴⁵, Gary Backer⁴⁶ e George Stigler⁴⁷. Para os neoclássicos, o mercado não poderia se manter naturalmente, tendo que ser regulado pelo Estado. Também são adeptos e defensores do positivismo e do paradigma da busca racional pela utilidade, o que constitui a principal diferença em relação aos ordoliberais. Para Caré, os autores contemporâneos da Escola de Chicago estão a meio caminho do intervencionismo ordoliberal e do espontaneísmo da Escola Austríaca⁴⁸ (2016, p.30). Por esse motivo é difícil situar os autores em um eixo político de pensamento, pois eles podem se identificar tanto com as posições intervencionistas

⁴¹ Röpke era alemão formado em Economia e História, atuava como professor universitário.

⁴² Economista e professor universitário. Nasceu na Alemanha.

⁴³ Economista e político alemão.

⁴⁴ Que configurou a Primeira Escola de Chicago.

⁴⁵ Economista e estatístico norte-americano.

⁴⁶ Economista norte-americano.

⁴⁷ Economista norte-americano.

⁴⁸ “à mi-chemin de l’interventionnisme ordolibéral et du spontanéisme autrichien (CARÉ, 2016, p.30).

dos ordoliberais, quanto com a versão mais próxima dos liberais clássicos e, portanto, mais próximos da Escola Austríaca.

A Escola de Viena ou Escola Austríaca foi a grande responsável pela renovação das ideias liberais. Uma das principais diferenças entre os austríacos e os neoclássicos foi o caráter positivista adotado pela Escola de Chicago e rejeitado pela Escola de Viena. Os pensadores austríacos se preocuparam demasiadamente com as questões envolvendo métodos científicos e tornaram-se defensores do individualismo metodológico, tornando-se os mais subversivos das escolas do liberalismo contemporâneo (CARÉ, 2016, p.36)⁴⁹. A renovação da vertente, em 1970, foi realizada por Friederich Hayek⁵⁰ e Ludwig Von Mises⁵¹, que exportaram suas ideias para os Estados Unidos, fundando a Escola austro-americana⁵² e formando intelectuais como Murray Rothbard⁵³, Israel Kirzener⁵⁴ e Ludwig Lachmann⁵⁵.

A Escola de Chicago e a vertente liberal austríaca adquiriram destaque internacional, se distinguindo das outras doutrinas, especialmente pela grande adesão de pessoas e difusão de suas ideias. A combinação das duas Escolas produziu novas configurações no *liberalismo*, principalmente no surgimento de posições mais radicais que passaram a predominar no movimento. Friedrich Hayek e Milton Friedman foram autores responsáveis pelo crescimento das duas vertentes na atualidade. Friedman, que já havia aceitado a referência como “neoliberal”, em 1955 passa a recusar o termo. Hayek, por sua vez, nunca se reconheceu como “neoliberal” (CARÉ, 2016, p.43), preferindo utilizar o termo *libertarian* (libertário). Hayek nunca se definiu como *libertário*, no entanto, muitos seguidores das ideias austro-americanas se definem a partir da palavra cunhada pelo autor. Atualmente, esta é uma vertente muito disseminada entre os liberais estadunidenses e brasileiros.

As renovações implicadas na trajetória do fenômeno *neoliberal* produziram transmutações no conceito de *neoliberalismo*, transformando-o em um termo que pressupõe diferentes significados registrados na história e, muitas vezes, sem uma definição pregressa

⁴⁹ “Ao negar a possibilidade de um estado de equilíbrio, os economistas austríacos são levados a julgar o estado incapaz de intervir efetivamente na economia. Por outro lado, os neoclássicos e os ordoliberais tendem a fazer o estado ou o banco central retransmitir suas previsões para estabelecer as regras que conduzem a um perfeito equilíbrio com condição de "competição pura e perfeita". Enquanto os austríacos acreditam que as condições ideais do mercado emergem espontaneamente das interações individuais e, portanto, sem a intervenção positiva do Estado, os neoclássicos julgam o Estado à luz de seus conhecimentos, estabelecendo eles mesmos essas condições” (CARÉ, 2016, p.36).

⁵⁰ Economista e filósofo austríaco, considerado um dos maiores expoentes da Escola Austríaca. O autor ganhou o prêmio Nobel de Economia em 1974.

⁵¹ Economista e pensador austríaco, membro da Escola Austríaca e referência na atuação da vertente.

⁵² Apesar dessa associação Hayek divergia com relação às posições de Milton Friedman e da Escola de Chicago.

⁵³ Economista norte-americano responsável pela difusão da Escola Austríaca nos Estados Unidos.

⁵⁴ Nascido na Inglaterra, o economista ficou reconhecido como uma figura importante da vertente Austríaca difundida nos EUA.

⁵⁵ Economista alemão que contribuiu para a elaboração e difusão do pensamento austríaco.

(CARÉ, 2016, p.39). Uma das transformações mais recentes foi a de 2008, gerada pela crise econômica, causando rupturas, conflitos e a reorganização do movimento liberal como um todo. O principal embate ocorreu entre as correntes austríaca e neoclássica. Segundo Caré, os neoclássicos da Escola de Chicago não previram a crise gerada pelo sistema monetário inspirado em sua própria doutrina (2016, p.47), ao passo que os austríacos, prevendo a crise há alguns anos, teriam sido bem sucedidos em suas posições.

Com a crise econômica, as Escolas Austríaca e de Friburgo permaneceram com as mesmas perspectivas, enquanto os neoclássicos⁵⁶ se distanciaram cada vez mais de uma ideia de *laissez-faire*, passando a se aproximar de um ideal intervencionista. Para melhor compreensão dessas mudanças segue o quadro abaixo.

Quadro 1: Escolas liberais contemporâneas e posicionamentos

	1930 – 1950	1960 - 2000	2008 -
Escola de Friburgo	Intervencionista Anti-positivista	Intervencionista Anti-positivista	Intervencionista Anti-positivista
Escola de Viena	Anti-intervencionista Anti-positivista	Anti-intervencionista Anti-positivista	Anti-intervencionista Anti-positivista
Escola de Chicago	Positivista Anti-intervencionista	Positivista Anti-intervencionista	Positivista Intervencionista

Fonte: A autora.

As vertentes liberais contemporâneas possuem uma complexidade derivada da trajetória do conceito de *neoliberalismo*. Algumas adquiriram influência e prestígio, como as Escolas de Chicago e Austríaca, e acabaram se sobrepondo a outros posicionamentos. Ainda assim, me parece controverso adotar uma interpretação pontual do conceito, já que, a partir da crítica de autores como Caré (2016) e Caré e Châton (2016), torna-se importante reconhecer que existem correntes *neoliberais* compostas e múltiplas, com diferentes tradições que comportam ideias distintas sobre economia e política.

Para que se compreenda melhor a multiface do termo, proponho uma breve discussão sobre a trajetória do conceito de *neoliberalismo*, evidenciando a centralidade das rupturas e reorientações para as interpretações contemporâneas da categoria. No entanto, é importante

⁵⁶Pertencentes a Escola de Chicago.

destacar que não pretendo realizar uma revisão histórica do *liberalismo*, mas sim apontar para elementos significativos na discussão deste trabalho, como o ressurgimento da filosofia política liberal no contexto pós-guerra com a criação de escolas contemporâneas, já apresentadas, bem como sua transposição para outros países como os Estados Unidos, Chile e Brasil. Esse período foi marcado pela busca por uma legitimação ideológica de autores e intelectuais liberais que passaram a ser conhecidos e traduzidos. As produções começaram a circular internacionalmente, destinadas a figuras importantes do debate político ocidentais e oriental (Índia e Japão).

Boas e Gans-Morse (2009) apontam que no período de 1963 a 1973 o *neoliberalismo* era tratado como uma forma de *liberalismo* moderado, de caráter intervencionista. Já as produções do final da década de 1970 e início dos anos 1980, compreendem o conceito como relacionado a um *liberalismo* conservador – o *ultraliberalismo*. A denominação “neoliberal foi usada por opositores do regime militar chileno para descrever as políticas inspiradas pelo pensamento monetarista da Escola de Chicago em 1975⁵⁷” (CARÉ, 2016, p.45).

As críticas sobre a conexão de Pinochet com os *Chicago Boys*, como ficaram conhecidos os economistas ligados à Escola de Chicago, fizeram com que o *neoliberalismo* fosse visto como um pensamento homogêneo, radical e neoconservador. As produções críticas às reformas liberais latino-americanas, como aponta Caré (2016), contribuíram para a criação estereotipada do *neoliberalismo* como um fenômeno maligno. Nesse período, as ideias *liberais* contemporâneas começaram a ser importadas para outros países, como o Brasil, onde foram criadas associações, institutos e grupos de atuação civil e a tradução de livros clássicos do pensamento liberal recente (GROS, 2003). A multiplicidade presente na trajetória do conceito de *neoliberalismo* reflete a variedade de posicionamentos e a formação diversa de núcleos e ativistas que irão discutir e propagar o pensamento no contexto brasileiro.

1.3 A atuação liberal brasileira em perspectiva

1.3.1 A primeira onda liberal

A formação de instituições e grupos brasileiros com o objetivo de debater, difundir e divulgar o ideário liberal precisa ser compreendida a partir de um espectro mais amplo. Embora a presente pesquisa abarque a experiência etnográfica decorrente do

⁵⁷ “Le terme “neoliberal” fut employé par les adversaires du régime militaire, pour qualifier les politiques inspirées de la pensée monétariste de l’école de Chicago” (CARÉ, 2016, p.45).

acompanhamento de uma parcela de agrupamentos identificados como *liberais* na cidade de Porto Alegre, entre os anos de 2015 a 2018, torna-se fundamental olharmos para outros momentos em que o (neo)*liberalismo* esteve em evidência no cenário brasileiro. Assim como outros movimentos ideológicos e políticos, o movimento liberal é resultado da congregação de diferentes horizontes, pessoas, dispositivos e agrupamentos, que em distintos momentos podem ascender e adquirir protagonismo político ou entrar em crise e cair no esquecimento.

O primeiro ciclo de atuação sólido de instituições pró-*liberalismo* no Brasil teve início após o período de ditadura civil-militar com a implementação de uma ordem democrática. Os grupos estavam em consonância com uma movimentação internacional de associações caracterizadas como institutos e *think tanks* com o objetivo de disseminar o ideário *liberal* (GROS, 2003). No caso brasileiro, a mobilização de determinados atores para o desenvolvimento de um projeto liberalizante se deu a partir da metade dos anos 1980 (GROS, 2003). A formação desses grupos estava alinhada com o impacto que as ideias *liberais* e o *neoliberalismo* adquiriam no contexto latino americano, principalmente, em países como o Chile. Como aponta Rocha (2017)

a fundação das organizações liberais foi o primeiro passo na institucionalização de um movimento liberal no Brasil, pois até então, o ideário liberal constava apenas com estusiatas “solitários”, mas nem por isso menos influentes (p.3).

A constituição de um movimento ideológico formado por vertentes internacionais, como a Escola de Chicago e a Escola Austríaca, foi um dos grandes influenciadores da atuação *liberal* na América Latina e Brasil (GROS, 2003). Esse movimento foi organizado através de “redes de intelectuais, acadêmicos, políticos, organizações, think tanks, publicações de artigos, presença na mídia, conexão com fundações e empresas dispostas a financiar todas essas instituições” (GROS, 2003, p.89-90). A atuação liberal brasileira se destacou pela criação de institutos liberais e formação de *think tanks*, um modelo já utilizado por grupos internacionais de atuação *liberal* (COCKETT, 1995; GROS, 2003).

O sucesso de difusão do *liberalismo* na Inglaterra e nos Estados Unidos tem sido atribuído à criação de *think tanks*. Essas iniciativas são caracterizadas como organizações, principalmente privadas, formadas por uma elite intelectual. São responsáveis pela elaboração e desenvolvimento de projetos que envolvem políticas públicas, com equipes formadas por técnicos e consultores que buscam tornar público seus estudos através de artigos, livros e

produções escritas em geral, se inserindo, também, no debate midiático, acadêmico e partidário (GROS, 2003).

No contexto internacional, algumas dessas organizações se encarregavam da formação de jovens universitários para atuarem como ativistas do *liberalismo*, que contribuíram para a internacionalização do movimento na década de 1980. Essa mobilização ganhou notoriedade a partir da criação de um dos *think tanks liberais* mais atuantes daquele momento, o *Institute of Economics Affairs*, localizado em Londres. Criado por Anthony Fisher em 1981, o Instituto foi responsável pela articulação de grupos em diferentes países e pela criação da *Atlas Economic Reseach Foundation*, associação com grande influência na articulação de *think tanks* internacionais e promotora da formação de pessoas através de consultorias, financiamentos e conexões entre grupos que compartilham da perspectiva liberal (GROS, 2003, p.115).

A importação das ideias dos *Chicago boys* e dos austríacos para o contexto brasileiro possui certas peculiaridades. Conforme Gros (2003), diferente do caso chileno, o Brasil convivia com um regime militar que operava com forte intervenção estatal, com políticas econômicas baseadas no crescimento capitalista, reforço para concentração de produção e internacionalização. Com um contexto de desequilíbrio e de reforço político das associações sindicais, as elites industriais, principalmente o empresariado, precisaram se articular através da mobilização política. Assim surgiram diversas organizações no período que corresponde ao ocaso da ditadura e a discussão da nova Constituição, aprovada em 1988. Entre as organizações de cunho liberal destacam-se: a União Democrática Ruralista (UDR), a União Brasileira de Empresários (UBE), o Instituto Liberal (IL), o Pensamento Nacional das Bases Empresariais (PNBE) e o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI).

Algumas dessas associações possuíam objetivos que ultrapassavam as intenções de uma organização de empresários (GROS, 2003, p.58). Uma das entidades que buscou uma atuação a longo prazo, foi o Instituto Liberal (IL), criado em 1983. Segundo Gros, a instituição era mantida por grupos econômicos nacionais e internacionais com o objetivo “de disseminar a ideologia liberal como a concepção de mundo dominante na sociedade brasileira” (2003, p.59). Caracterizado pela pesquisadora como “aspirante a novo think tank ideológico da burguesia brasileira”, o Instituto tinha como mote a formação *liberal* das elites e a elaboração de políticas públicas baseadas na Escola Austríaca.

O IL organizava palestras e cursos em ambientes empresariais, acadêmicos e políticos. Proporcionava a elaboração, edição e tradução de livros e artigos que eram publicados em

jornais. A instituição disponibilizava também consultoria de especialistas em políticas públicas para a construção de estudos baseados nos princípios liberais. A rede de institutos liberais possibilitou a organização interna e a propagação do pensamento liberal pelo país.

A criação do IL estava conectada com um movimento brasileiro de constituição de uma rede formada por *think tanks* no período da Nova República. Gros (2003) salienta que essa rede teve destaque entre as décadas de 1980 e 1990, com estratégias de articulação e difusão de núcleos em diversos estados brasileiros. O Instituto Liberal, por exemplo, teve sedes em cidades como Rio de Janeiro, Porto Alegre e Belo Horizonte. O objetivo dessa rede, segundo Gros (2003), era organizar traduções de obras clássicas liberais, publicação de textos importantes para o fortalecimento do movimento, divulgação dos institutos através de palestras e conferências organizadas e ministradas por intelectuais e figuras importantes do meio.

Os institutos liberais se apresentavam “como entidades culturais sem fins lucrativos nem vinculações partidárias, abertos a todos os interessados e mantidos por doações de pessoas físicas e jurídicas” (GROS, p.144). Os eventos organizados discutiam temas econômicos e políticos em evidência e premiavam as melhores iniciativas para a divulgação do *liberalismo*. Essas solenidades eram meios de divulgação da doutrina *liberal* no Brasil. Nesse período foi criado o evento liberal de maior prestígio no movimento, o Fórum da Liberdade, organizado pelo Instituto de Estudos Empresariais (IEE) em parceria com o Instituto Liberal do Rio Grande do Sul. As instituições de caráter *liberal* também buscavam uma aproximação com o contexto universitário, que passou a ter uma atuação importante no debate das ideias *liberais*.

1.3.2 A nova onda liberal

Após um período de baixo protagonismo ao longo da década de 1990 e nos primeiros anos da década seguinte – período que corresponde aos governos de Collor (1990-1992), Itamar (1992-1994) e Fernando Henrique Cardoso (1995-1998; 1999-2002), cujos governos implementaram várias reformas de cunho neoliberal – houve o “reflorescimento do movimento liberal sob novas bases” (ROCHA, 2017), impulsionado pela atuação de estudantes liberais em protestos e na organização destes, o que seria improvável se protagonizado por empresários responsáveis por *think tanks* de cunho liberal (p.14).

Antigos e novos defensores do ideário liberal buscaram retomar alianças para o

ressurgimento do debate no contexto brasileiro. Essas mobilizações foram empenhadas até 2010, quando determinados grupos começaram a adquirir notoriedade. Apesar de estabelecerem relações com institutos tradicionais, como, por exemplo, o Instituto Liberal, há uma descontinuidade notável com o movimento *liberal* da década de 1980, seja em termos de novas configurações do ativismo, seja na mudança de perfil dos participantes, ou ainda, dos repertórios implicados nessa participação.

O movimento liberal que na década de 1980 era representado por empresários e membros da elite, passa a ser protagonizado por jovens estudantes universitários com ideais de horizontalidade, descentralidade, não representatividade e apartidarismo – conquanto sejam oriundos de segmentos de classes média e média alta, como será destacado oportunamente. De acordo com Rocha, essas conformações refletem “na própria atuação das novas organizações think tanks liberais que foram sendo fundadas a partir da metade dos anos 2000” (2017, p.7). O Estudantes pela Liberdade (EPL) é um grupo formado por essa movimentação liberal jovem iniciada nos anos 2000. O EPL é um agrupamento brasileiro formado pela organização internacional *Students for Liberty* (SFL), que tem o objetivo de formar e conduzir núcleos em diferentes países, objetivando a difusão e formação do pensamento liberal⁵⁸.

O SFL é vinculado à rede *Atlas Economic Research Foundation, Atlas Network*, instituição central para o movimento liberal internacional. A associação dispõe de uma rede de parceiros muito vasta. No caso do Brasil, há onze organizações que se apresentam como *partners* da Atlas. Além disso, todas elas fazem parte da Rede Liberdade que forma um conjunto de 28 institutos dispersados pelo país (BAGGIO, 2016). A cidade de Porto Alegre possui um protagonismo importante, na medida em que apresenta grupos bastante ativos com parcerias e participações nos grupos citados. Em 2015, o EPL, versão brasileira do SFL, ganhou notoriedade nas manifestações *pró-impeachment*, por ser o responsável pelo treinamento de ativistas centrais na organização dos protestos em São Paulo, como no caso de Kim Katagiri.

O Estudantes pela Liberdade tem como papel principal o gerenciamento de grupos através de projetos denominados *programas*. Estes compreendem a formação de coordenadores regionais e estaduais para atuarem de forma descentralizada do grande grupo sediado em Belo Horizonte. Os novos integrantes são formados por treinamentos presenciais e à distância, recebendo capacitação para a condução de grupos em suas regiões. As

⁵⁸Página do grupo disponível em <https://www.studentsforliberty.org/>. Acesso em: 19 jan. 2018.

informações dos novos integrantes podem ser cadastradas em um banco de dados gerenciado pelo EPL. Também é disponibilizado todo o suporte para a assessoria de designer de plataformas, sites e e-mails. Dessa forma, o grupo se caracteriza enquanto um *think tank liberal* responsável pela constituição de lideranças que atuam em núcleos locais recrutando, debatendo, formando e divulgando o *liberalismo*.

Apesar de significativa autonomia dos agrupamentos locais, o EPL foi responsável pelo alinhamento de núcleos em diferentes municípios brasileiros que operavam com lógicas parecidas, leituras e projetos semelhantes. O EPL promove uma cerimônia anual de premiação, a Conferência Nacional dos Estudantes pela Liberdade. Nessa ocasião, grupos vinculados ao EPL se reúnem para confraternizar e apresentar os projetos desenvolvidos ao longo do ano. São oferecidos treinamentos, palestras e conferências, com estudantes, empresários/empreendedores, patrocinadores e parceiros, políticos e intelectuais do meio nacional e internacional. Ao final, os melhores projetos e iniciativas são premiados em dinheiro. Motivado por rupturas internas, em 2017 o SFL retomou a administração do EPL, que atualmente não existe mais.

A visibilidade conquistada por determinados institutos e *think tanks liberais* a partir dos protestos pró-impeachment em 2015, despertou o interesse tanto midiático quanto acadêmico. Nos últimos dois anos circularam diversas informações acerca de associações *liberais* pelo Brasil, os principais grupos, as redes de relação, seus financiadores e lideranças. No contexto acadêmico, historiadores, cientistas políticos e sociólogos começaram a produzir artigos e pesquisas a respeito do assunto. Apesar disso, tais análises possuem como foco central as organizações com maiores recursos e com tradição conquistada há alguns anos, como é o caso do Instituto Liberal (IL), criado após o período da redemocratização. Essas figuras voltam a adquirir importância no contexto de organização liberal, mas quem passa a protagonizar as ações, nesse momento, são os núcleos e grupos de menor proporção que possuem a capacidade de mobilizar pessoas para protestos, palestras, cursos, entre outros.

A discussão realizada por Rocha (2015; 2017) está em paralelo com o argumento que proponho em meu trabalho, a atuação e protagonismo de jovens na formação de um movimento liberal contemporâneo. O contexto de investigação da autora são os *think tanks liberais*, ao passo que meu enfoque está nos núcleos liberais locais sediados dentro e fora de universidades em municípios como Porto Alegre e região.

A atuação dos grupos locais é de extrema importância para a articulação do movimento *liberal* hoje. O que venho considerando a “base” do movimento são grupos locais

sediados muitas vezes em universidades, que comportam formação e dinâmicas semelhantes e estão em constante diálogo entre si. Ademais, integram uma rede de conexão com grandes institutos, organizações e *think tanks* liberais já estabelecidos.

1.3.3 A nova onda liberal em perspectiva etnográfica

A partir do trabalho de campo realizado com grupos auto identificados liberais na cidade de Porto Alegre, procurei compreender o protagonismo exercido pelos núcleos locais, assim como a busca constante por um espaço de atuação. Esses grupos abarcam diferenças regionais importantes, se representam enquanto independentes, mas possuem formações análogas e compõem o mesmo circuito de relações. Quando iniciei a pesquisa, desconhecia muitas dessas interpretações acerca do *neoliberalismo*. Desconhecia não somente os grupos, mas as doutrinas com as quais precisaria dialogar. Estava imersa na perspectiva das Ciências Sociais sobre o tema e fui a campo com a visão de um *neoliberalismo* único, englobante e maléfico.

Comecei o trabalho com a ideia de “combater” algo que eu nem ao menos conhecia. Minhas leituras sobre o tema resultaram numa dúvida sobre como investigá-lo, ao longo de todo o primeiro ano de pesquisa. Desmontar meus pressupostos e conhecer o *liberalismo* que meus interlocutores reivindicavam não foi tarefa fácil. Meu fascínio pelo assunto de pesquisa foi construído durante o processo de investigação para este trabalho, conforme ia me envolvendo com o campo e descobrindo novas leituras e abordagens das Ciências Sociais sobre o tema.

Buscando apreender um perfil do engajamento liberal elaborei um *survey online* no período de setembro a dezembro de 2017. As perguntas foram organizadas de acordo com as experiências e questionamentos vivenciados em campo. Utilizando uma ferramenta disponibilizada pelo *Google*, o questionário contou com 44 perguntas abertas e fechadas que foram distribuídas em dois eixos: o primeiro sobre o perfil social, econômico, profissional e político dos ativistas e o segundo sobre a dimensão do engajamento desses indivíduos. Sua difusão se deu a partir de interlocutores-chave, responsáveis por enviá-lo para suas redes de contato, amigos e conhecidos. O *survey*, apesar de não ter tido muita aderência, o que estatisticamente torna-o irrelevante, serviu de base para compreender questões que posteriormente puderam ser observadas em campo e que foram aprofundadas em entrevistas com interlocutores centrais da pesquisa.

A partir do software de análise qualitativa NVivo, se potencializou os dados quantitativos registrados pelo questionário *online* possibilitando uma construção analítica singular. Pude perceber parte da pluralidade de posicionamentos presente nas respostas dos ativistas liberais. As justificativas para a adesão ao *liberalismo*, apresentadas na nuvem de palavras a seguir mostra parte dessa diversidade.

Figura 7: Nuvem de palavras 3 – Justificativas do engajamento liberal



Fonte: A autora.

O discurso da liberdade, como mostra a nuvem de palavras 1, é o mais proeminente nas justificativas para o engajamento liberal. O termo aparece inúmeras vezes nas respostas e argumentos a respeito da justificação do ativismo. A maioria das menções à palavra acompanha expressões como “individual”⁵⁹, “econômica”⁶⁰ e “social”⁶¹ também presentes na ilustração acima. A palavra também pode aparecer acompanhada de conteúdos menos acentuados como “direito”⁶², “religiosa”⁶³ e “expressão”⁶⁴. Os respectivos complementos tornam compreensíveis parte da concepção de liberdade dos respondentes, principalmente no caso do universo econômico. Contudo, a autonomia individual é um ponto importante colocado pelos entrevistados.

Outro termo destacado na imagem é “propriedade”, que comumente está acompanhada

⁵⁹ Na horizontal, localizada ao centro no eixo superior.

⁶⁰ Na vertical, localizada ao centro no eixo inferior.

⁶¹ Na horizontal, localizada à esquerda no eixo superior.

⁶² Na horizontal, localizada ao centro no eixo superior.

⁶³ Na horizontal, localizada à esquerda no eixo superior.

⁶⁴ Na vertical, localizada ao centro no eixo superior.

do vocábulo “privada”⁶⁵. As questões concernentes à manutenção da propriedade privada também estão presentes nas justificativas dos grupos e sujeitos. Sendo esta, levantada como uma das premissas dos núcleos liberais atuais. Contudo, chamo a atenção para a citação de termos como “econômica”⁶⁶, “econômicas”⁶⁷, “economia”⁶⁸ e “mercado”⁶⁹. Tais referências compreendem grande parte dos discursos e justificativas presentes no universo liberal e, por sua vez, nos núcleos locais. Esse aspecto é reforçado pela observação participante em diferentes modalidades de eventos articulados pelos agrupamentos.

O termo “político”⁷⁰ é citado em poucas respostas, evidenciando um distanciamento do domínio da política por parte de alguns respondentes, isso pode ser entendido como um reflexo das disposições presentes na dinâmica de engajamento ao liberalismo. O elemento da multiplicidade está presente nas observações desde o início da pesquisa. Os núcleos locais, assim como o próprio movimento liberal brasileiro estão marcados por essa característica.

Assim, durante a realização do campo compreendi que existem inúmeros posicionamentos acerca do liberalismo no Brasil e que, no âmbito de núcleos liberais locais, o pluralismo pode ser ainda maior. É comum encontrar dentro de um agrupamento sujeitos que se identificam com distintas perspectivas, correntes e versões do pensamento liberal. Como exposto nas respostas obtidas no *survey* aplicado, tais posicionamentos aparecem através da demanda concernente a como os respondentes se identificam politicamente. Esse resultado está disposto na nuvem de palavras abaixo.

Figura 8: Nuvem de palavras 4 – Posicionamento político



Fonte: A autora.

⁶⁵ Na horizontal, localizada à direita no eixo inferior.

⁶⁶ Na vertical, localizada ao centro no eixo inferior.

⁶⁷ Na horizontal, localizada à direita no eixo inferior.

⁶⁸ Na horizontal, localizada à esquerda no eixo inferior.

⁶⁹ Na horizontal, localizada ao centro no eixo superior

⁷⁰ Na horizontal, localizado à esquerda no eixo superior.

Conforme as elucidações, uma variedade de termos foi referenciada. A nuvem de palavras apresentada demonstra a pluralidade de posicionamentos acerca do liberalismo no Brasil. É importante mencionar que alguns respondentes afirmaram concordar em parte com a perspectiva liberal, e acabaram, desta forma, colocando outras terminologias para designar seus posicionamentos como a de “centro-esquerda”⁷¹.

O termo com maior significância é o “liberal”, que tem sido o mais frequente em campo para fazer referência aos sujeitos pró-liberalismo. Outras designações relevantes como “libertário”⁷² e “clássico”⁷³ também foram corroboradas durante o trabalho de campo. Além dessas, foram registradas “anarcocapitalista”⁷⁴, “anti Estado”⁷⁵, “monetarista”⁷⁶, “conservador”⁷⁷ e “social”⁷⁸. Logo, não há um consenso sobre o posicionamento de sujeitos que se identificam com o liberalismo. Apesar de a denominação “liberal” ser a mais empregada, ela não é restrita e pode receber especificações como “liberal social, “liberal conservador”, “liberal monetarista” e etc.

Sobre o interesse dos entrevistados pela perspectiva liberal, muitos afirmam ter despertado a partir das mobilizações e protestos articulados de 2013 a 2015. A maioria dos entrevistados respondeu que participou das mobilizações de junho de 2013, assim como das marchas pró-impeachment em 2015 e 2016. Durante o trabalho de campo, ouvi inúmeras vezes referências à importância das mobilizações como impulso para a participação política de jovens que se identificavam com o pensamento liberal, assim como no desencadeamento de interesses sobre economia, política e questões sociais. Estes foram momentos centrais para a formulação e reprodução de críticas a políticos, a economia e ao Estado brasileiro.

Este capítulo teve por objetivo tecer uma discussão acerca das dinâmicas do conceito de *liberalismo* e *neoliberalismo* à luz de autores das Ciências Sociais. Percebi que o termo permanece em construção, sendo questionado e mobilizado por acepções distintas. No primeiro tópico discuti como o conceito de *neoliberalismo* foi trabalhado por uma agenda das Ciências Sociais, em particular da Antropologia, apontando algumas características e controvérsias.

O contato com as abordagens contemporâneas do *liberalismo*, através de uma

⁷¹ Na horizontal, localizado ao meio do eixo inferior e na vertical, localizado à esquerda do eixo inferior.

⁷² Na horizontal, localizado ao centro do eixo superior.

⁷³ Na horizontal, localizado ao centro do eixo superior.

⁷⁴ Na horizontal, localizado ao centro do eixo superior.

⁷⁵ Na horizontal, localizado à direita do eixo inferior.

⁷⁶ Na horizontal, localizado à direita do eixo inferior.

⁷⁷ Na vertical, localizado ao centro do eixo inferior.

⁷⁸ Na horizontal, localizado à direita do eixo superior.

literatura atualizada, me possibilitou uma visão mais aproximada do que estava presenciando na prática etnográfica, sobretudo no que concerne ao hibridismo e pluralismo dentro desse universo, seguidamente descrito de forma estereotipada pelas Ciências Sociais.

2 UMA PESQUISA COM LIBERAIS: ESTUDANDO GRUPOS COM OS QUAIS (NÃO) SIMPATIZAMOS

Quando iniciei a pesquisa sobre o engajamento de ativistas liberais recebi diversos questionamentos de colegas e professores. Muitos indagavam sobre a escolha do meu tema e universo de estudos. Uma observação, em especial, foi realizada por um antropólogo, meu professor na época, em tom de deboche e despreço “o que tem de interessante nos liberais?”. Um artigo recente publicado na *Anthropology News* por Sindre Bangstad (2017) me fez compreender o posicionamento exposto pelo professor e por outras pessoas que não conseguiam “levar a sério” minha pesquisa.

O texto que inspira o título deste capítulo, *fieldwork among people we don't (necessarily) like*, discute a realização de estudos com populações que nem sempre são simpáticas aos antropólogos. O argumento do autor, apesar de controverso, expressa grande parte da dificuldade que a Antropologia possui em investigar determinadas populações. De acordo com Bangstad (2017),

Anthropologists, in other words, have tended to study those people who in some way or other can be said to “suffer.” When we speak of “suffering”, images of white male populist right-wing sympathizers are perhaps not the first images that cross our anthropological minds though some of them both feel and are marginalized and suffering⁷⁹ (p.4).

Investigar grupos que são considerados “condenáveis” do ponto de vista antropológico pode ser a oportunidade para uma nova agenda de pesquisa da área, contribuindo para a ampliação de questões importantes desenvolvidas pela Antropologia como, por exemplo, as formas de organização de grupos que estão no poder (BANGSTAD, 2017). O autor considera que o momento político global pode ser propício para a realização de mudanças no enfoque das produções, principalmente com o surgimento e ascensão de grupos, sobretudo com posicionamentos de direita, que estavam com suas atuações à margem da sociedade e que agora voltam a se organizar e adquirir notoriedade.

Contudo, não são somente os grupos que estão no poder que estão de fora das produções antropológicas. Grillo (2013) ao pesquisar o cotidiano implicado na “vida no crime” aponta que seus pesquisados, os bandidos, não eram concebidos enquanto

⁷⁹ Tradução da autora: “os antropólogos, em outras palavras, tenderam a estudar pessoas que de alguma forma podemos chamar de “sofridas”. Quando falamos em “sofrimento”, imagens de simpatizantes populistas branco de direita talvez não sejam as primeiras imagens que cruzam nossas mentes antropológicas, embora algumas delas se sintam e sejam marginalizadas e sofredoras”.

interlocutores legítimos. A visão adotada por seus conhecidos mais próximos, também era expressa pela própria produção antropológica. Grillo compreendeu

que os bandidos não são consensualmente concebidos como interlocutores dignos de uma pesquisa etnográfica, tal como o são os índios, quilombolas, trabalhadores rurais, membros de movimento sociais (p.33).

A autora, utilizando o questionamento de Spivak (2010) sobre o lugar do subalterno, questiona se “poderia o bandido falar”. O universo de pesquisa de Grillo está muito distante do meu contexto de investigação, mas a partir da percepção da antropóloga sobre seu campo, percebi que os ativistas liberais também não eram considerados interlocutores legítimos. Essa compreensão advinha das perguntas e observações que me eram dirigidas. *Tu ainda não desistiu da pesquisa?; Então é tu que pesquisa o MBL?; Nossa! Como tu consegue?.* Após três anos de trabalho de campo, por vezes tenho a impressão que perante uma agenda antropológica os liberais são ainda menos legítimos que os bandidos para terem seus posicionamentos escutados.

Em 1980, o antropólogo Vicent Crapanzano (1985), já explorava questões muito parecidas com as apresentadas por Bangstad. O autor, em sua pesquisa sobre o *apartheid*, precisou combinar a visão intelectual das Ciências Sociais sobre o fenômeno como algo negativo e devastador, com a posição de dialogar e compreender o contexto das pessoas que defendiam o sistema, sem produzir pré-julgamentos. Ao se referir à obra de Crapanzano, Peirano (1999), mostrou que é possível estabelecer uma simpatia pelos condenáveis pontuando que o estudo do outro é também uma investigação sobre nossas possibilidades, sobre as limitações do próprio antropólogo.

O presente capítulo versa sobre os impasses éticos e metodológicos envolvendo as possibilidades e limitações da pesquisa e como nesse caminho me descobri antropóloga. Apresento meu percurso em campo mostrando como, ao longo deste, fui desenvolvendo maneiras de lidar com minhas convicções e fraquezas. Com uma abordagem mais autoral, pretendo conduzir o leitor às situações que vivenciei em campo e que foram de extrema importância para a constituição do diálogo e compreensão do engajamento dos ativistas liberais.

2.1 Uma antropóloga entre os liberais: os dilemas da alteridade

O processo de envolvimento com o campo foi complexo e gradual. A primeira

aproximação que tive com o meio liberal foi acompanhando um carro de som durante os protestos *pró-impeachment* organizados em 2015. O grupo chamava a atenção, não só por vestir um tom de amarelo que destoava das camisas da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) usadas pela maioria dos participantes do protesto, mas também pelas músicas que cantavam, embaladas por instrumentos de percussão. Apesar de discordar das letras reproduzidas, me encontrava envolvida pelo ritmo e conteúdo de tais composições. “Olê olê, tamo na rua pra derrubar o PT”, fazia parte de uma música adaptada da torcida organizada Geral do Grêmio e estava sendo cantada pela multidão que acompanhava o carro de som do grupo.

Além das canções, o slogan “MENOS MARX, MAIS MISES”, estampada em uma das faixas penduradas no veículo, me chamou a atenção. Ao chegar em casa e pesquisar sobre a expressão, percebi que o tom amarelo das camisetas do grupo foi retirado de uma bandeira símbolo do movimento internacional chamado *anarcocapitalismo*, que tinha como inspiração intelectual o austríaco Ludwig Von Mises, um dos expoentes do pensamento *liberal*.

Passei a acompanhar a marcha muito próxima do carro de som do grupo. Foram cinco domingos, ao longo de seis meses, em que observei, escutei e anotei músicas, cartazes, faixas e discursos direcionados à multidão que os acompanhava. O que mais me chamava a atenção, além das performances executadas, era o fato de que uma massa composta por diferentes idades acompanhava um grupo de dez pessoas muito jovens, que se intitulava *La Banda Loka Liberal*. Paralelamente à participação nos protestos, realizei uma busca no *Facebook* e encontrei a página do grupo. Enviei uma mensagem informando meu interesse em pesquisar o Movimento Brasil Livre (MBL), bem como a minha dúvida sobre a relação da Banda com o agrupamento. Após uma semana, uma das participantes me respondeu muito atenciosamente. Na conversa, ela me relatou que a Banda não fazia parte do MBL, eles somente colaboravam na organização dos protestos em Porto Alegre e na *agitação das marchas*, como ela mesma me apontou.

A integrante me relatou que a Banda foi formada para os protestos, mas que sua atuação não se resumia as intervenções de rua. Já fazia algum tempo que seus participantes se reuniam para debater autores e leituras sobre o *liberalismo*, formando o *Clube Miss Rand*, que leva o nome da filósofa Ayn Rand, referência para muitos núcleos liberais. Como os protestos ocorriam também em outras cidades do Brasil, decidi realizar um mapeamento para observar se encontrava agrupamentos semelhantes ao *Clube* em outras regiões. Os primeiros núcleos que mapeei estão organizados na tabela a seguir.

Tabela 2: Mapeamento de páginas de núcleos liberais no Facebook (2015)

Grupo	Região	Localização	Ano de fundação	Nº de curtidas
Coletivo Nabuco	Nordeste	Recife	-	2.940
Grupo de estudos Frei Caneca	Nordeste	Recife	-	655
Nordeste Livre	Nordeste	-	-	72.145
Núcleo Libertário Sergipano	Nordeste	Sergipe	-	1.487
Clube Ajuricaba	Norte	Manaus	2015	2.196
Estudantes pela Liberdade	Sudeste	Belo Horizonte	2010	102.380
Libertopia	Sudeste	Belo Horizonte	-	1.579
Instituto Atlantos (ex Clube Miss Rand)	Sul	Porto Alegre	2015	36.712
Clube Atlântico	Sul	Rio Grande	-	1.188
Clube Farrroupilha	Sul	Santa Maria	2013	12.474
Empreendedorismo e liberdade	Sul	Porto Alegre	2013	7.813
Livres Porto Alegre	Sul	Porto Alegre	-	338
Uniliber	Sul	São Leopoldo	2015	2.636
Clube Planalto	Sul	Passo Fundo	2013	-
Clube Austral	Sul	Pelotas	2014	-

Fonte: A autora.

Na primeira consulta realizada em 2015, identifiquei grupos autônomos e núcleos ligados a partidos políticos, institutos e *think tanks* liberais. Uma característica importante dessas organizações é que possuíam posições divergentes sobre o pensamento liberal, apresentando propostas distintas de autores e interpretações. Os grupos autônomos aparentavam ser mais difusos, havia interação entre pessoas de várias cidades brasileiras, contudo, suas atuações se limitavam apenas à internet. Em contrapartida, os agrupamentos vinculados às instituições se destacavam muito mais. Percebi que a interação era recorrente e aproximada, criavam eventos no *Facebook* com muitos confirmados, dando a entender que tinham uma atuação para além do ambiente *online*. A maioria dos núcleos atuantes tinha como elemento comum a participação na rede Estudantes pela Liberdade.

Em meio a esse mapeamento conheci, em setembro de 2015, o Instituto Atlantos. Em sua página no *Facebook* havia o convite para um evento que discutiria “o estado de Bem estar social”. Confirmei presença e me preparei para participar da discussão que aconteceria sábado

à tarde no auditório da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM/Sul), localizada no bairro Santo Antônio, na zona leste de Porto Alegre. Neste momento não havia definido o recorte da pesquisa e ainda tinha muitas dúvidas sobre estudar o universo liberal. A participação na palestra era a primeira aproximação direta com a dinâmica do campo, principalmente, na interação com os ativistas liberais, suas leituras e argumentos.

Quando o antropólogo vai a campo costuma levar consigo muitas coisas. Caderno, caneta, câmeras, gravadores, etc. Ao chegar, percebi que eu era a única pessoa desconhecida naquele ambiente. Por essa razão, fiquei receosa em ser “confundida” com algum “espião”. No meu caso, precisei abrir mão do registro e demais artefatos, para apenas olhar e ouvir. O escrever, terceiro elemento presente no trabalho do antropólogo (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1996) realizaria posteriormente, em minha casa.

Contudo, os antropólogos não carregam somente artefatos para seus campos, eles também levam pessoas. Clifford Geertz (1989), por exemplo, realizou trabalhos de campo juntamente com Hildred Geertz, sua esposa. Geertz possuía uma trajetória de pesquisa com Hildred, diferente do meu caso, que levei comigo um amigo e colega de faculdade porque estava apreensiva em ir sozinha. Tinha receio de não ser aceita pelos grupos por ser desconhecida e não ter nem sequer a oportunidade de expor meus interesses de pesquisa.

Em certa ocasião fomos a uma palestra, ministrada por um professor de filosofia, que havia participado na organização dos protestos pró-*impeachment* em Porto Alegre. O evento seria realizado na ESPM Sul, instituição reconhecida pela formação de profissionais de áreas ligadas à comunicação e aos negócios. Parte dos organizadores era estudante da instituição, o que justificava o acesso ao auditório.

A estrutura da Escola, que faz parte de uma rede privada, é muito distinta da estrutura da minha universidade, que é pública. Antes mesmo de entrar no prédio fomos interpelados por um funcionário da segurança que solicitou que nos identificássemos com nome, número do registro geral e evento que gostaríamos de acompanhar. Como havíamos confirmado presença, nosso nome foi facilmente encontrado na folha que o funcionário portava em mãos. Após o primeiro registro, nos encaminhamos para o andar onde se localizava o auditório do evento. A arquitetura do prédio nos ambientava em uma atmosfera de novidades. O salão principal, bem iluminado por conta das paredes de vidro, contrastava com a imagem que tinha do meu campus, construído em meados de 1970.

Já na palestra, a abertura foi realizada pelo presidente do grupo com uma breve contextualização do evento. A palestra era o primeiro encontro organizado pelo Instituto após

sua mudança de nome e configuração. O *Clube Miss Rand*, deixava de ser um grupo de amigos que se reuniam para discutir ideias liberais, transformando-se em Instituto Atlantos, com o propósito de formar pessoas, debater e divulgar o pensamento liberal. O principal objetivo do Clube, que conheci durante os protestos no início de 2015, era institucionalizar suas ideias e aumentar sua rede de atuação, buscando engajar pessoas para discutir o *liberalismo* fora de seus núcleos pessoais.

Apesar de estar esperando uma discussão sobre a crise econômica e política no Brasil, fui surpreendida por uma exposição sobre o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff. De acordo com o palestrante, *a crise política e econômica foi causada por um governo esquerdista que com 12 anos de gestão deixou um saldo negativo nas contas públicas. O déficit teria sido impulsionado por programas assistencialistas, desfalque na previdência social, roubos nos cofres públicos, investimento desnecessário em universidades públicas, má administração de estatais e terras entregues ao Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST).*

As vinte pessoas que formavam o público do evento pareciam concordar com o palestrante. Diferente da maioria, eu não conseguia achar graça das piadas do professor e questionava internamente muitas afirmações suas, que na minha percepção não faziam sentido, eram ingênuas e tendenciosas. Sentia muita vontade de rir, porque a maioria das coisas ditas, na minha percepção, eram absurdas; como, por exemplo, as piadas com o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva.

Aquele não era um lugar confortável para mim e não seria para tantas outras pessoas. Apesar disso, busquei manter o controle e decidi ficar até o final. Após essa decisão, me concentrar no palestrante ficou cada vez mais difícil, eu divergia de todos os posicionamentos apresentados naquele discurso. Não conseguia realizar o trabalho do antropólogo nos termos de Cardoso de Oliveira (1996). Escrever poderia gerar desconfiança sobre mim, o olhar era algo que evitava para que não percebessem minhas expressões de desaprovação. E ouvir foi o ato que menos consegui fazer. Precisei me conter, pois uma reação adversa naquele momento comprometeria minha inserção em campo. Já Breno⁸⁰, o colega que levei em campo, não tinha interlocuções a serem preservadas e nem mesmo parecia preocupado com a etiqueta. Reagiu aos argumentos com comentários sarcásticos, risadas e gestos de desaprovação, percebidos pelo público presente. Ao lado dele, estava apreensiva com uma discussão iminente. Enquanto o palestrante argumentava que *os governos do Partido dos Trabalhadores distribuíram*

⁸⁰ O nome do colega foi alterado.

muitos hectares para ao MST, Breno o interrompeu gritando de terras improdutivas! Todos olharam em nossa direção e o professor, contrariado, concordou com Breno: Sim. Improdutivas!.

Minhas reações eram semelhantes às de Breno, mas não podiam transparecer. A impressão era de que meu colega havia vencido um *round*. Em outras circunstâncias, o teria felicitado e me regozijado com ele. No entanto, a situação não me permitia. Se, por um lado, foi um alívio notar que o palestrante, estrategicamente, desviou o embate, por outro, a apreensão só aumentou, pois meu amigo poderia se sentir encorajado a seguir com suas interpelações. Breno se tornou muito mais do que meu incômodo naquele momento, ele me mostrava o que realmente me desestabilizava nessa pesquisa. No momento em que precisávamos passar despercebidos chamamos a atenção de todos os presentes, inclusive do palestrante. Como reação, convidei meu colega para irmos embora e saímos correndo em direção à porta.

Após o ocorrido, sentia-me aliviada por não ter acontecido nenhuma situação que me expusesse ou que comprometesse a pesquisa. O exercício intelectual no acompanhamento da palestra foi também emocional. Lembrava que Geertz (1989), no seu trabalho de campo realizado em Bali, correu da polícia com seus interlocutores e com isto foi reconhecido pelos mesmos enquanto alguém de confiança. O ato de correr junto contribuiu para o estabelecimento de uma relação mais harmoniosa com os balineses. No meu caso, pelo contrário, corri dos meus interlocutores para que pudesse voltar ao campo sozinha e reestabelecer um contato no futuro.

Levar alguém comigo ao campo pode ter sido uma estratégia não muito acertada e quase comprometeu o desenvolvimento da pesquisa. Mas também demonstrou muito do que sentia naquele momento. A reação de Breno representava a mim e a outras pessoas, mas ele não tinha que desenvolver uma relação com aquelas pessoas. Percebi que era muito difícil para mim e Breno permanecermos em um lugar ouvindo ideias divergentes das nossas e que, além disso, era complexo para um antropólogo se propor a ouvir um liberal.

Breno, que havia experienciado esse estranhamento comigo, por diversas vezes me questionou sobre a relevância de minha pesquisa. Para ele, era inconcebível escutar aquelas pessoas e seus argumentos. Contrariando a posição de meu colega, e muitas vezes a minha, decidi que precisava “correr” com meus interlocutores, assim como Geertz (1989) o fizera com os balineses. A partir desse momento, me coloquei à disposição para conhecer melhor as pessoas, as leituras, autores, assim como suas justificativas de adesão ao liberalismo. Foram

inúmeros desconfortos que vivenciei durante o campo, estes foram diminuindo na medida em que me aproximava dos grupos e conhecia melhor seus integrantes.

A problemática da alteridade é uma constante no horizonte antropológico. Desde as primeiras incursões em campo para a construção das bases da disciplina, antropólogos de variadas vertentes enfrentaram em alguma medida o dilema de conhecer o diferente, o exótico, o desconhecido. Com a ascensão de uma “antropologia que se faz perto de casa esta alteridade foi se tornando mais próxima” (PEIRANO, 1999, p.225). Apesar de, nesse momento, não ser um elemento central na Antropologia, os dilemas envolvendo a relação entre o antropólogo e seus interlocutores perpassam todas as pesquisas etnográficas.

Sobre meu trabalho, não houve um momento determinado em que tive que me ater a reflexões metodológicas ou impasses éticos, esse processo esteve do início ao fim implicado nessa investigação. *Tu te apresentou como pesquisadora para os liberais?*, foi uma das perguntas que mais me dirigiram quando descobriam o que eu pesquisava. Professores, colegas e amigos ficavam curiosos para saber como foi o processo de apresentação para meus interlocutores. Eu não me apresentei neutra durante a pesquisa e dificilmente conseguiria esconder meus posicionamentos políticos; eu era cobrada o tempo inteiro sobre onde me encontrava no espectro político. *Tu é liberal?, então tu é de esquerda?, tu é de centro-esquerda?*. Foram perguntas que constantemente eram feitas a mim por pessoas que me conheciam dentro do movimento liberal. Nunca foi minha intenção esconder minha posição, mas acredito que dizer abertamente que não era liberal e que me considerava de “esquerda” foi de extrema importância para o desenvolvimento da pesquisa. Em nenhuma situação, durante o campo, me senti ofendida ou indesejada, pelo contrário, sempre fui muito bem recebida nos espaços em que circulava para realizar o trabalho.

Em campo, optava por me identificar como antropóloga, pois tinha receio de que falar em Ciências Sociais pudesse afastar possibilidades de interlocução. Apesar de encontrar pessoas com a mesma formação que a minha, quando me identificava como socióloga eu já era enquadrada no lugar de pessoa em quem não podiam confiar; alguns, inclusive, se recusavam a conversar comigo quando me apresentava como tal. Outros tentavam desconstrair com colocações jocosas como “uma socióloga infiltrada”. Durante uma palestra ouvi de um ativista *se eu quisesse ser pobre não teria cursado Economia, mas sim Sociologia*. As colocações que ouvia demonstravam a visão que muitos ativistas liberais tinham de estudantes de áreas como as Ciências Sociais. Identificar-me como estudante de Antropologia, contribuiu não só para olhares mais receptivos, como para iniciar uma aproximação e um diálogo, pois

quase sempre se mostravam muito interessados em conversar sobre a área.

A desconfiança sempre estava presente em minhas abordagens. *Então quer dizer que tu quer nos estudar? Que somos teus objetos de estudo?*. Essa aproximação mais direta me deixava muito mais confortável do que em situações nas quais precisava participar de eventos e ouvir as discussões feitas para um público. A Antropologia, tradicionalmente, nos ensina a lidar com a alteridade, e para que esta seja bem-sucedida é preciso aceitar certos imponderáveis. A alteridade que precisei lidar não era mais complexa do que outras, ela era apenas distinta. Não era distante, nem diferente, muito menos romântica.

Eu estava disposta a me tornar antropóloga, mas não queria me tornar uma liberal. E para isso, precisaria percorrer o “caminho das trevas” realizando algumas – talvez muitas – concessões. O dilema entre ir embora e permanecer no campo fazia parte desses imponderáveis. Muitas vezes, permaneci em eventos e palestras contrariando minha vontade até chegar a algum limite, como o caso que relatarei a seguir.

Outro evento que ilustra as inquietações durante o trabalho de campo consistia em um painel intitulado “liberdade e tecnologias” e tinha como objetivo debater, de um ponto de vista liberal, as novas tecnologias e como estas contribuía para o futuro em sociedade. O painel aconteceu na Escola de Negócios da PUC/RS e fazia parte da programação do Fórum da Liberdade, edição de 2017. Essa era a primeira vez que participava do Fórum e eu havia decidido que acompanharia todas as atividades propostas pela organização do evento. Chegando ao local, como de praxe, assinei a lista de presença e me dirigi para o auditório. Na entrada, uma jovem disponibilizava materiais informativos e uma caneta com o nome de um dos patrocinadores do megaevento, *Friedrich Naumann Foundation for Freedom*⁸¹.

Antes de iniciar a fala dos convidados, os coordenadores do painel propuseram uma atividade. O moderador iria ler algumas frases e o público deveria concordar, ou discordar. Para concordar, os participantes levantavam papeis disponibilizados pelos coordenadores. O azul simbolizava total acordo com a ideia. A cor amarela significava que estávamos em desacordo com a afirmativa e a cor branca deveria ser erguida, caso não aprovássemos nem desaprovássemos a expressão. Fiquei apreensiva, pois minhas posições sobre as frases

⁸¹Friedrich Naumann-Stiftung Für die Freiheit, como é chamada em seu país de origem, é uma fundação alemã criada em 1958 com o objetivo de buscar a promoção de políticas a partir de um horizonte liberal. A fundação atua no Brasil desde 1992 como Instituto Friedrich Naumann e possui como principal atividade a realização de parcerias com institutos e ativistas liberais, promovendo cursos de formação “direcionados principalmente a líderes e jovens com potencial de liderança” para que possam exercer suas responsabilidades políticas e sociais. O instituto além de auxiliar na capacitação de jovens estudantes na organização de palestras e seminários, estabelece a conexão entre os ativistas, consultores e palestrantes para a elaboração de suas atividades. Disponível em: <<http://brasil.fnst.org/>>. Acesso em: 11 jul.2017.

poderiam ser totalmente distintas do restante dos participantes e, talvez, por isso, eu fosse questionada pelo moderador do porquê de ter adotado tal posicionamento.

A primeira afirmação foi “sou a favor da liberdade”. Todos levantaram o cartão azul. A segunda “A liberdade é importante para o desenvolvimento de tecnologias”. Todos levantaram o papel azul. Assim, a atividade seguiu com afirmações muito genéricas sobre a relação entre liberdade e tecnologias, fazendo com que eu concordasse com praticamente tudo o que foi afirmado. Concordar com as expressões da dinâmica não me tornava “mais” ou “menos” liberal, apenas me mostrava que os posicionamentos dependiam do que as pessoas pensavam sobre liberdade.

A parte do campo que sempre me deixava apreensiva era a da exposição dos palestrantes. Esse momento que envolvia também muitos elementos performáticos, como gestos, tons de voz e anedotas, era encarado pelos expositores como um momento de conquistar e descontrair o público com posicionamentos contra Lula, Dilma e o PT. Após, a palestra seguiu normalmente. Quero destacar a explanação do segundo palestrante. Ele apresentou um debate que gerou controvérsias entre o próprio público do evento e que, para mim, teve um impacto muito grande. O que era para ser uma conversa sobre a relação entre liberdade e tecnologias se transformou em um discurso de defesa da reforma trabalhista no Brasil⁸². O debate público estava debruçado na proposta do presidente Michel Temer e era abertamente defendida pelo movimento liberal. O palestrante não compreendia as críticas feitas à reforma, pois em seu entendimento “o futuro do trabalho no Brasil era o empreendedor que criava oportunidades de emprego e o *freelancer*, responsável por se auto-empregar”.

Eu estava acompanhando o debate em torno da proposta da reforma e me posicionava contra. Ouvir alguém que discordava de minhas posições não foi o que me desestabilizou no evento; eu tinha uma trajetória de campo estabelecida e escutava coisas muito semelhantes nos debates que acompanhava. Contudo, a forma como a *performance* do palestrante foi executada, tratando de um tema complexo com superficialidade, me deixou preocupada sobre a proporção de suas ideias. Recentemente eu havia participado de um evento na UFRGS sobre a Reforma Trabalhista e o impacto dela para os trabalhadores terceirizados da universidade. As condições precárias, os acidentes de trabalho não solucionados e os pagamentos atrasados expostos por alguns trabalhadores terceirizados, durante o debate, se agravaria com a maior

⁸²O debate sobre o texto-base da reforma trabalhista encaminhado pelo Governo de Michel Temer. A reforma prevê a flexibilidade nos acordos coletivos entre empregador e empregado, podendo ser predominante à lei. Uma das propostas da reforma é a criação de outros modelos de contratações como o caso do trabalho intermitente (contrato por horas de serviço) e do *home office*.

flexibilização das relações trabalhistas.

Para o palestrante do painel, o sistema atual era ultrapassado e a saída deveria ser a outorga da proposta. Para mim, esse posicionamento não levava em consideração a maioria dos trabalhadores brasileiros. Discordando das colocações do expositor, sai imediatamente do auditório. Neste momento, não consegui conter as lágrimas, combinadas por um alívio de ter deixado aquele ambiente e a decepção de não ter sido “resistente” o bastante para ouvir a palestra até o fim.

Durante certo tempo, o sentimento de angústia me “acompanhou” em campo. Eu me permitia sentir isto no momento em que decidia ficar até o final dos eventos. Eu estava me deixando afetar, aos termos de Favret-Saada (2005). Não da forma usual e romântica de compreensão do “ser afetado”, mas como é proposto pela autora:

Quando um etnógrafo aceita ser afetado, isso não implica identificar-se com o ponto de vista nativo, nem aproveitar-se da experiência de campo para exercitar seu narcisismo. Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assuma o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer (p.160).

Optar por continuar o campo e permanecer até o final dos eventos e palestras mesmo contrariando, muitas vezes, minha própria vontade, me permitiu “ser afetada”. Essas situações contribuíram para que conseguisse estabelecer uma relação mais próxima com meus interlocutores de pesquisa a fim de compreender melhor quais eram seus posicionamentos e justificativas. Mais tarde, comecei a me sentir à vontade com as falas que em outros momentos me desestabilizavam. Eu não tinha me tornado uma liberal, apenas havia assumido o risco de conhecer os argumentos e as propostas dos grupos, e isso implicava em ouvir as pessoas e me assegurar de que eu estava disposta a escutá-los.

Em três anos de pesquisa acompanhei mais de trinta eventos, palestras, cursos, debates, conferências, congressos, cerimônias de premiação e protestos. Alguns deles duraram mais de um dia. Também realizei uma extensa pesquisa documental de artigos, sites, páginas no *Facebook* e textos produzidos por grupos liberais, assim como panfletos de divulgação distribuídos nas intervenções em praças e universidades. Monitorei diariamente notícias que tinham como pauta principal “liberalismo”, “liberais”, “neoliberalismo” e alguns grupos conhecidos midiaticamente, como o caso do “Movimento Brasil Livre” e “Estudantes pela Liberdade”, com o apoio da ferramenta de alerta oferecida pelo *Google, Google Alerts*.

A interação com meus interlocutores não se resumia somente às palestras, debates e cursos sobre *liberalismo*, eu me comunicava com eles no lugar onde tinham grande expressão,

na Internet. Essa aproximação facilitou o convite para os eventos e ações propostas pelos grupos. Tinha acesso rápido às atividades, horários e locais das palestras, cursos, etc. Participava de grupos de discussão criados no *Facebook*, convidada pelos próprios interlocutores. Mas meu acesso a determinados grupos de caráter mais restrito era limitado. A partir disso, precisei tomar cuidado com o conteúdo de minhas postagens nas redes sociais. Filtrava informações do que curti e compartilhava. Optei por não publicar textos que discutissem política ou que pudessem de alguma forma ofender os ativistas liberais.

A relação que estabeleci em campo com meus interlocutores foi muito sincera. Eu não poderia esconder meus posicionamentos, pois era cobrada o tempo inteiro para me posicionar. *O que tu achou da palestra?, Tu concordou com o que foi dito?*. No início era natural me enrolar nas respostas, mas com o tempo e o entendimento que adquiria sobre o *liberalismo*, consegui me sobressair de maneira a satisfazer quem me questionasse. A estratégia era sempre me posicionar dizendo que discordava de muitas coisas, retribuindo com outra pergunta, apontando pontos que achava interessante em serem explorados e debatidos. Em hipótese alguma poderia dizer que em muitas ocasiões tinha vontade de sair correndo e não retornar a participar.

Considero como primeiras interlocuções os contatos feitos durante a II Conferência de Empreendedorismo e Liberdade, organizada pelo Instituto Atlantos e realizada em abril de 2016, no auditório do prédio da então Escola de Negócios da PUC/RS. No final do evento, ao levantar da poltrona percebo que estava sentada quase ao lado de um ex-colega de curso. Ramiro⁸³ e eu entramos juntos na graduação em 2012 e regulamos de idade. Além do diálogo durante as festas no Centro Acadêmico, não tínhamos muitas oportunidades de interação, já que eu cursava a universidade no período noturno e ele, no diurno.

Eu não sabia dos posicionamentos políticos de Ramiro, que durante a graduação raramente os expressava publicamente. Todavia, nunca imaginei encontrar um colega de curso nessa modalidade de evento. Ramiro também se assustou ao me ver, mas me recepcionou perguntando: *Tu aqui?*. Internamente, me indagava da mesma forma. Respondi com um sorriso e complementei: *sim, estou fazendo uma pesquisa sobre grupos liberais. E tu?*. O colega me relatou que acompanhava esses eventos há algum tempo e que tinha amigos que se identificavam com o *liberalismo*. Após esse contato, tivemos outras oportunidades de conversa, Ramiro havia saído das Ciências Sociais e ingressara no curso de Relações Públicas, segundo ele, não estava satisfeito com um curso em que não vislumbrava uma

⁸³ O nome do colega foi alterado.

perspectiva de trabalho. Ramiro foi responsável por me inserir em alguns grupos de liberais na internet e me auxiliou com a divulgação do *survey*. O encontro com Ramiro mudou minha percepção sobre os grupos liberais, passei a considerar que não eram núcleos tão homogêneos quanto eu imaginava.

A segunda interlocução daquela noite foi com Nycollas⁸⁴, estudante de Relações Internacionais no Centro Universitário Ritter dos Reis (Uniritter) na época. Nycollas puxou assunto comigo enquanto aguardávamos o elevador chegar até o andar térreo. Perguntou se eu havia gostado da palestra. Eu estava apreensiva com o que dizer; balancei a cabeça fazendo um sinal positivo. Chegando ao andar que havíamos solicitado, Nycollas saiu do elevador e tomou um caminho diferente do meu. Sem hesitar, corri atrás do estudante e me apresentei. Buscando rapidamente o melhor argumento, contei sobre meus interesses de pesquisa e o questionei sobre sua opinião. Fui recebida por Nycollas de uma forma que não imaginava: ele mostrou-se interessado pela pesquisa e me convidou para participar de outros eventos.

Costumo afirmar que o grande desafio antropológico do meu trabalho não estava na aproximação com meus interlocutores, que me receberam de forma positiva. Ao contrário de Malinowski (1984), em *Os argonautas do Pacífico Ocidental*, eu já entendia meus nativos e já falava “sua língua”. O meu problema antropológico não se resolveria com o universo liberal; ele teria de se resolver nas Ciências Sociais. Primeiro, quando eu aceitasse minhas limitações em ouvir argumentos distintos dos que acreditava e, segundo, quando eu fosse reconhecida pelos meus pares enquanto uma antropóloga e não como uma liberal.

2.2 “Tu é liberal?: a relação entre Antropologia e trabalho de campo

Quando iniciei a pesquisa sobre grupos e ativistas liberais, eu tinha duas preocupações em mente. A primeira delas era ser “confundida” com uma liberal. A segunda era me tornar de fato uma. *Mas tu é liberal?*, foi a pergunta mais temida e também a mais ouvida dentro e fora do campo. Não eram só meus interlocutores que me indagavam sobre meu posicionamento político, meus colegas e professores também o faziam. Na verdade, eu era uma estudante de Ciências Sociais um pouco atípica. Nunca havia militado em nenhum grupo político e não fui recrutada por nenhum coletivo de “esquerda” quando entrei na faculdade, diferente de muitos colegas meus. Também não era filiada a nenhum partido político, mas sempre me posicionei quando necessário. Achava completamente natural a preocupação de meus colegas, mas desaprovava as condutas que tinham quando falava sobre minha pesquisa.

⁸⁴ Interlocutor manifestou a vontade de que eu utilizasse seu verdadeiro nome.

Eu tinha vergonha de falar sobre minha pesquisa dentro das Ciências Sociais, pois, todas as vezes que busquei falar sobre ela em aula era constrangida por comentários, perguntas e “caras feias”. Essas acusações tiveram efeitos de insegurança com a própria pesquisa, e emocionalmente também. Como poderia ser reconhecida como antropóloga se meu tema de pesquisa era motivo de “piada” nos ambientes acadêmicos nos quais circulava?

Primeiro dia de aula na última disciplina que precisava cursar para concluir minha graduação. Nessa época, eu já estava pesquisando grupos e ativistas liberais para meu projeto do mestrado. No início da aula tínhamos que nos apresentar e falar sobre nossos assuntos de pesquisa. Eu já estava constrangida com a discussão que recentemente tinha tido com um amigo que me sugeriu estudar outro tema de pesquisa. Chegada minha vez de falar, tentei contornar a situação com colocações genéricas como “eu pesquiso algo muito diferente para a Antropologia”, “mas ainda está em construção” ou “percebo cada vez mais a importância de pesquisar isso”. Com essas colocações eu estava buscando preparar meus colegas para o que viria depois.

Quando mencionei que minha pesquisa era sobre jovens liberais e que muitos tinham participado da organização dos protestos pró-*impeachment* no Brasil, todos ficaram em silêncio. Após, direcionei meu olhar para um colega que fazia parte de movimentos políticos anarquistas; o colega não conseguiu conter sua reação de insatisfação. Todos me olhavam de uma forma estranha, como se eu fosse uma pessoa atípica naquele espaço. O silêncio foi contornado pela apresentação do colega seguinte.

Em diferentes momentos fui questionada sobre a pertinência da minha pesquisa, se eu tinha certeza que queria estudar isso ou se eu não pensava em explorar outros universos de investigação que seriam mais relevantes. Algumas pessoas me evitavam, outras pediam para eu não comentar mais sobre minha pesquisa porque lhes fazia muito mal falar sobre isso. Eu também não entendia porque meu tema de pesquisa era confundido com minha posição política. Eu não era percebida como uma antropóloga séria; só podia ser. E isso tinha reflexos na pesquisa, me sentia insegura e desequilibrada. Essa situação persistiu durante algum tempo, mas algo na trajetória do meu trabalho mudou consideravelmente, a percepção das pessoas sobre mim e sobre meu contexto de estudo.

Os núcleos liberais e seus ativistas começaram a ficar mais conhecidos em 2016. O ano em que ocorreu o *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff teve um impacto enorme na ascensão de grupos de cunho liberal no país. Com isso, as pessoas me perguntavam mais sobre minha pesquisa, pois estavam curiosas para saber quem eram aquelas

peessoas, o que elas queriam, de onde vinham, etc. Tempos depois, já no mestrado, não havia uma roda de conversa em que não perguntavam sobre minha pesquisa e minha percepção sobre o assunto. Passei a ser convidada para publicações, eventos e diálogos com alunos das Ciências Sociais. Conheci pesquisadores com propostas semelhantes e era procurada por estudantes que tinham intenção de realizar pesquisas em temas parecidos, alguns dos quais, anteriormente, haviam me tratado mal quando falava de minha pesquisa.

Quando fui convidada para falar sobre a pesquisa em uma turma de 4º semestre da graduação já estava bastante segura do meu tema e da relevância deste para as Ciências Sociais. O debate foi muito produtivo, todos se mostraram interessados no trabalho desenvolvido. Entre elogios e comentários, a expressão “nossa, que relevante tua pesquisa; realmente precisamos conhecer grupos que não nos identificamos” me mostrou a mudança de percepção sobre a pesquisa. Essa colocação foi dita pelo mesmo colega que reagiu estranhamento ao meu trabalho dois anos antes. Ele também se sentiu à vontade para me relatar sobre sua militância e o quanto percebeu que era importante conhecer a história de grupos diferentes daqueles que participava.

Após as apresentações, passei a encontrar pessoas conhecidas durante o trabalho de campo, como o caso de uma aluna da graduação, que ao me ouvir, ficou interessada em pesquisar os grupos para o trabalho final de uma disciplina. Diante de tais acontecimentos, minha pesquisa parecia ter adquirido legitimidade dentro das Ciências Sociais. Eu passava a ser reconhecida como uma antropóloga “de verdade” e não como uma liberal antropóloga. O interesse sobre minha pesquisa mudou porque as pessoas passaram a compreender que a minha inserção nos grupos liberais era puramente acadêmica e não ideológica. E isso me fazia entender que eu havia me tornado de fato uma antropóloga e que, apesar de todo envolvimento com o universo liberal, eu não havia sido capturada pelo *liberalismo*.

O empenho etnográfico tanto com grupos e ativistas liberais, quanto no âmbito das Ciências Sociais foi de extrema importância para a construção deste trabalho e do meu olhar sobre o fenômeno do engajamento liberal. Por esse motivo, optei por destinar um capítulo mais autoral somente para os impasses e trajetórias em campo. O objetivo principal foi discutir os variados dilemas enfrentados por mim durante a pesquisa com grupos que possuíam posicionamentos distintos dos meus.

Realizar uma pesquisa em um contexto atípico do ponto de vista antropológico, fez com que eu me descobrisse enquanto antropóloga e contribuiu para minha formação. Ao final, consegui me inserir nos grupos liberais e estabelecer uma relação aproximada com seus

integrantes, e também não me tornei uma liberal, o que era uma apreensão minha no início da pesquisa. O maior impasse do meu trabalho não foi a entrada em campo como muitos imaginavam, mas a dificuldade externa para obter um reconhecimento profissional enquanto pesquisadora, derivada apenas da origem do meu universo de pesquisa e não das atribuições técnicas que possuía.

Por outro lado, do ponto de vista interno e subjetivo, mesmo ouvindo atentamente e considerando totalmente legítimo o que diziam meus interlocutores, eu não me tornei uma liberal. Ao final da pesquisa estava confortada por me sentir antropóloga e por não ter sido levada pelo campo. Tornei-me antropóloga de uma maneira jamais imaginada, tendo que negociar meus posicionamentos. Finalizei a pesquisa com a certeza de que conseguiria provar de que a disponibilidade em ouvir os argumentos de uma pessoa, não quer dizer que tu te tornarás ela.

3 ASSEMBLAGES LIBAIS: PROTAGONISMO POLÍTICO E ATIVISMO NA POLÍTICA CONTEMPORÂNEA

Desenvolver uma pesquisa com grupos e atores políticos plurais e envolvidos em dinâmicas de ação contemporâneas, como o caso dos ativistas liberais, requer a compreensão de que as formas de engajamento são singulares. No contexto de participação liberal, tentar acompanhar um grupo específico não foi uma boa estratégia, já que os núcleos eram criados, desmembrados e reestruturados frequentemente. Essas características apresentaram desafios para minha formação enquanto antropóloga, já que comumente selecionamos um grupo para realizarmos a pesquisa.

Após muitas tentativas frustradas compreendi que as dinâmicas de formação de núcleos no caso do *liberalismo* operavam através de rompimentos, criações e junções de grupos. No andamento do trabalho de campo estabeleci contatos que não duraram tempo suficiente para realizar uma etnografia. Não fui bem-sucedida em acompanhar um núcleo liberal específico, mas sim várias formações e rupturas de núcleos liberais. Com isso, compreendi que não estava pesquisando grupos, mas sim formações de grupos e trajetórias de mudança implicadas nessa composição. Percebi que o engajamento liberal está ancorado em formações de mudanças desencadeadas pela criação e quebra de vínculos, o que os torna *assemblages do liberalismo* ou *assemblages liberais*.

Assim sendo, o objetivo deste capítulo é apresentar as dinâmicas envolvendo a formação de núcleos, o engajamento de ativistas e a proposição de projetos específicos para a difusão do pensamento liberal.

3.1 Assemblages liberais: a composição de núcleos, ativistas, ideias e projetos

Quando iniciei a pesquisa sobre o engajamento liberal, percebi que este universo de organização era marcado por uma complexidade de grupos, ativistas, correntes e projetos. As associações locais, embora tenham formações similares, são caracterizadas por diferenças expressivas de configuração, perfil de participação, aderência a vertentes liberais e intelectuais de referência. Em alguns casos, os núcleos podem ser decorrentes da mesma organização, como o exemplo dos grupos gerenciados pelo *think tank* brasileiro Estudantes pela Liberdade, mas apesar disso, adquirem conformações regionais de acordo com os posicionamentos dos coordenadores e ativistas.

Alguns dos núcleos se formaram, também, a partir da aspiração de grupos de amigos

que se reuniam para debater autores e leituras sobre o *liberalismo*. Com a ascensão de outros agrupamentos identificados com ideias semelhantes, estas reuniões precisaram se tornar mais estáveis, com pautas e programações.

Destaco como caso etnográfico a trajetória de mudança do *Club Miss Rand*. O Clube foi criado pouco tempo após as manifestações de junho de 2013, por um grupo de amigos que tinha como aspiração ler e discutir autores renomados do pensamento liberal. Nycollas, estudante de Relações Internacionais, relata ter acompanhado o grupo desde sua fundação. O ativista que nessa época integrava a academia militar no Rio de Janeiro, aproveitava os feriados para participar dos encontros promovidos pelo grupo em Porto Alegre. A criação do grupo, segundo Nycollas, teve impulso das manifestações ocorridas em 2013. *A vontade de mudar alguma coisa continuou, não só dentro dos liberais, mas como um sentimento de sociedade. E em 2015 veio a explosão do movimento liberal e as discussões indo para a rua. E se forma uma massa de pessoas que simpatizam com o liberalismo.*

Nycollas relata o surgimento de grupos como o Movimento Brasil Livre (MBL), Vem pra Rua, Partido Novo (NOVO) e a ascensão de outros, como o caso do Estudantes pela Liberdade (EPL). Contudo, os grupos possuíam ideais de atuação distintas, como o caso do MBL e Vem pra rua, com perfil voltado para o ativismo. O Partido Novo buscando uma inserção mais política e o EPL com uma proposta de formação, mas também investindo na visão ativista. Segundo Nycollas, os agrupamentos ativistas conseguiram atingir uma massa que outros grupos não estavam atingindo, como o caso do Clube. *Nós estávamos preocupados ainda com o impacto dentro da academia, com aquela pessoa que foi lá para conhecer e acabou começando a estudar o liberalismo, conheceu os autores numa conversa com a gente, como afirma.*

Lucas⁸⁵ conheceu o Clube através de sua namorada (que o colocou no grupo organizado no *Facebook*). O publicitário relata que foi procurado pelo presidente do Clube para realizar um trabalho de comunicação na plataforma. Como Lucas já vinha há algum tempo lendo autores liberais, aceitou o convite e passou a frequentar os eventos do Clube, ainda muito reduzidos em público. Os encontros realizados na ESPM eram abertos, mas tinham pouca adesão, relata o ativista.

A expansão do grupo em 2015 se deu devido ao crescimento do interesse de algumas pessoas pela conjuntura política. A divulgação no *Facebook* contribuiu para que o grupo se tornasse conhecido. Segundo Lucas, *esse discurso diferente foi chamando atenção de muita*

⁸⁵ Por opção do interlocutor, seu nome foi mantido.

gente, existia uma demanda que não estava sendo atendida e muita gente começou a se encontrar ali. Com o aumento do impacto nas redes sociais, o Clube *sentiu uma necessidade de se reposicionar*, pois transmitia uma imagem de grupo fechado, e o nome Miss Rand, em homenagem à filósofa Ayn Rand, fazia com que o núcleo fosse visto como seguidor da filosofia proposta pela autora, o que poderia afastar possíveis participantes que não concordassem com os posicionamentos da daquela. *Então decidimos trocar o nome para que continuasse uma referência, mas que não fosse tão explícita. Então colocamos Instituto Atlantos. Atlantos ainda faz uma referência à Atlas e a obra mais famosa dela é a Revolta de Atlas. E cresceu ainda mais, foi acertado. O Atlantos cresceu muito mais do que quando era Club Miss Rand. E a partir daí fomos expandindo nossas frentes*, conforme salienta Lucas.

O ano de 2015 foi emblemático para o movimento liberal. Grupos de amigos que organizavam encontros para debater o *liberalismo* e que tinham pouca adesão, se transformaram em institutos e passaram a integrar um circuito de associações liberais no Brasil. No caso do *Clube Miss Rand* as mudanças contribuíram para a renovação dos quadros de lideranças e participantes. Em 2016, o agrupamento Empreendedorismo e Liberdade⁸⁶ (núcleo que se intitula grupo liberal da UFRGS), vinculado ao Estudantes pela Liberdade, passa a integrar o Instituto Atlantos, sendo mais uma mudança de configuração. Essas trajetórias fragmentadas revelam um aspecto presente em muitos núcleos liberais, a heterogeneidade de propostas, ideias e ativistas.

Após o crescimento da adesão na internet, o Instituto Atlantos começa a organizar palestras, cursos, conferências e a produzir artigos publicados em seu site. A realização de eventos torna-se um dos pilares do núcleo. Algumas dessas ações são elaboradas através de parcerias com empresas, institutos liberais tradicionais, *think tanks* e universidades públicas e privadas. Com o crescimento, o grupo enfrentou dificuldades de gestão e de organização. *Quando era um grupo de dez pessoas, eram cinco diretores mais uns dez envolvidos e mais um público de trinta pessoas que ia nos eventos, era muito mais fácil. Hoje nós temos uma equipe de oito pessoas na diretoria e mais uma equipe de trinta coordenadores. E isso é muito mais difícil de gerir.*

A atuação do grupo nas universidades tem sido adotada como uma estratégia para o engajamento de novos ativistas. Os eventos passam a ser organizados em diferentes espaços e com maior frequência. Como aponta Nycollas, *antes a gente operava só na ESPM e começamos a operar tanto dentro da UFRGS por meio do Empreendedorismo e Liberdade,*

⁸⁶ O grupo foi fundado por dois estudantes de Economia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul com o objetivo de inserir as ideias liberais no ambiente da universidade.

quanto na FADERGS, na PUC, na FMP, onde se forma outro grupo que é o Lei e Liberdade, junto do Atlantos. Os meninos são diretores do Atlantos também. E assim nós começamos crescer.

Na prática, muitos núcleos liberais atuam em espaços de universidades públicas e privadas, pois grande parte das lideranças e participantes são estudantes destas instituições. Durante o trabalho de campo foram poucas vezes em que participei de eventos localizados em outros espaços. No início, os eventos aconteciam, sobretudo, em universidades privadas, posteriormente surgiram núcleos em instituições de ensino públicas. Isso se dá, conforme a fala de um interlocutor, porque *as universidades privadas têm mais entrada do que as universidades públicas, só que é nas públicas que esse debate acontece de verdade. Acontece com uma efervescência considerável. Nós, por exemplo, começamos na ESPM, FADERGS foi muito mais fácil de entrar, PUC foi muito mais fácil de entrar. Universidades privadas, talvez por uma questão financeira também, um perfil do aluno, é mais apresentável essa ideia.*

Nesse aspecto, existem cursos estratégicos para a realização de atividades dos núcleos liberais, principalmente os localizados nas escolas de negócios, propaganda e marketing, faculdades de Administração e Institutos de Economia e Ciências Contábeis. Por outro lado, existem cursos em que há maior dificuldade para a adesão ao *liberalismo*, como aponta Nycollas, *eu não diria que existem espaços privilegiados, eu diria que existem espaços fechados para o liberalismo [...] em Institutos de Letras, Educação, História e Ciências Sociais tu não tem espaço nenhum. Tu é realmente ostracizado, tanto pelos alunos, quanto pelos professores. Então isso é muito complicado porque as pessoas simplesmente não têm voz, o diálogo fica extremamente limitado. São lugares que tu toma portas na cara, tu quer fazer um evento do gênero, nem que seja um debate, tu recebe muitos não [...] Então existem lugares fechados para essas ideias.*

No mapeamento realizado em 2015 listei sete núcleos liberais locais que estavam ativos. A maioria deles está sediado em alguma universidade, como mostra a tabela a seguir. Na lista constam algumas das instituições de ensino superior mais renomadas do Rio Grande do Sul. Atualmente, apenas quatro (áreas sombreadas) permanecem atuantes, exercendo protagonismo regional e nacional.

Tabela 3: Mapeamento principais núcleos liberais Rio Grande do Sul

Grupo	Cidade	Universidade	Ano de fundação
Instituto Atlantos	Porto Alegre	ESPM	2015
Clube Atlântico	Rio Grande	-	-
Clube Farroupilha	Santa Maria	UFSM	2013
Empreendedorismo e Liberdade	Porto Alegre	UFRGS	2013
Uniliber	São Leopoldo	UNISINOS	2015
Clube Planalto	Passo Fundo	-	2013
Clube Austral	Pelotas	UFPEL	2014

Fonte: A autora.

Os núcleos liberais locais, apesar de adotarem configurações distintas, operam num circuito interligado de formação. A etnografia desenvolvida por Sklair, junto a adolescentes, jovens e adultos envolvidos no circuito filantrópico paulistano, mostra que as práticas envolvidas na busca por “responsabilidade e transformação social” funcionam de forma semelhante. Os grupos filantrópicos, portanto,

Estão trabalhando com um único leque de referências, uma série de ideias, terminologias, exemplos, pessoas e organizações, que, apesar de serem por eles imaginados, interpretados e apropriados de maneiras diversas, juntam-se em um arcabouço comum, que serve para apoiar todos eles no desenvolvimento de uma coleção de práticas interligadas no campo (SKLAIR, 2007, p.139).

Os núcleos liberais operam de forma semelhante ao constatado por Sklair. O Instituto Atlantos pode ser entendido como um modelo de núcleo local, especialmente nos aspectos organizativos e de trajetória de mudança. Os núcleos locais na sua formação se identificavam como *apolíticos*, a identidade do grupo era formada contra a política e elementos relacionados a ela. Na realidade, os núcleos não eram “apolíticos”, mas sim “apartidários”. Ou seja, contra qualquer relação estabelecida com partidos políticos ou com a política profissional.

Apesar de situar minha pesquisa na Antropologia política, precisei não abordar durante algum tempo assuntos sobre política com os ativistas. Durante uma conversa perguntei a um interlocutor sobre as relações dele com os políticos: *aqui nós não discutimos política, discutimos ideias*, respondeu, categoricamente. Não discutir política significava se distanciar de relações diretas com partidos políticos e com o Estado. A denominação *apartidária* foi

utilizada massivamente pelos grupos liberais formados em 2014 e 2015⁸⁷ e possui um fator de mobilização responsável por engajar muitas pessoas, principalmente porque está relacionada a uma máxima difundida por novos grupos de contestação, “ninguém nos representa”.

Ricardo⁸⁸, ativista liberal, afirma ter participado do Movimento Brasil Livre em 2016 e atualmente integrar dois núcleos liberais. O ativista acredita que existam núcleos liberais para discutir ideias e núcleos liberais para discutir política. Segundo ele, *as manifestações pareciam palanques políticos onde subiam vereadores*. Essa situação, para o ativista, não deveria se repetir no âmbito dos núcleos liberais.

Ricardo saiu do MBL porque, segundo ele, conforme foi se inserindo no grupo, percebeu que a relação com a política estabelecida pelo movimento era contrária ao que acreditava. Segundo Ricardo, *eu saí do MBL em 2016 porque [...] tudo bem, o movimento falava que era apartidário, mas começa a tomar uma certa posição política [...] e vai contra o que o próprio movimento prega; [...] eu saí porque o movimento começou a se descaracterizar. Eu gostava muito do MBL, só que quando o movimento começa a se afastar das ideias de origem fica ruim. Se o grupo que participo hoje se envolvesse com partidos eu ia cair fora*.

Para alguns ativistas liberais, *movimento apartidário não se junta com partido político*. Outra avaliação de Ricardo diz respeito ao que muitos liberais criticavam na “esquerda”, no entanto, nos seus protestos também tinham bandeiras de partidos como o PT, PCdoB e PSOL, ou seja, os liberais começaram a fazer coisas parecidas. Apesar desse posicionamento, Ricardo também participa de um núcleo liberal inserido na política, o Partido Novo (NOVO). O papel dos núcleos políticos, para Ricardo, seria buscar meios para mudar a política brasileira, ao passo que os núcleos apartidários seriam um meio para questionar a conjuntura da política brasileira.

Dentro dos núcleos liberais encontramos ativistas com posicionamentos distintos sobre a pauta do apartidarismo. Alguns ativistas ainda possuem muitos limites com relação à política, mas mesmo assim acabaram se associando a núcleos políticos. O caso de Nycollas mostra essa mudança. Segundo o ativista, dentro da política *me apresentaram um novo produto que me deixou extremamente interessado*. Com isso, o ativista aceitou o convite realizado para integrar a direção de um núcleo liberal político, mas continuou com seus projetos executados em outros núcleos apartidários.

⁸⁷A qualificação *apartidário*, nesse momento, estava relacionada com um dos slogans das Jornadas de Junho de 2013 “ninguém nos representa”. Nesse momento, os grupos buscavam espaço político, midiático e novos membros, e o emblema da não representação estava em evidência.

⁸⁸O nome do interlocutor foi alterado.

Podemos definir o Instituto Atlantos, e outros agrupamentos com formações semelhantes, como *núcleos liberais de ideias*. O objetivo principal desses grupos tem sido a formação intelectual, ativista e a difusão do pensamento liberal. Após a mudança de *Club Miss Rand* para Instituto o agrupamento cresceu significativamente. Apesar de se inspirar no modelo de organização do Estudantes pela Liberdade (Students for Liberty), o Atlantos obteve crescimento de forma autônoma.

A atribuição do SFL está na regulamentação do conteúdo discutido nos núcleos vinculados ao *think tank*, ou seja, o EPL certifica se os núcleos locais são de fato liberais. Como aponta Nycollas, *eles dão as ferramentas, ensinam [...] tem que seguir uma lógica de políticas, mas que não é nada limitante [...]. Não é um acompanhamento direto e próximo, é mais uma ideia de como esses grupos estão se apresentando e como eles estão se identificando. Por exemplo, uma UJS nunca estaria próxima ao SFL por compartilhar de ideias diferentes.*

O Instituto Atlantos, desde sua formação, se identifica como um núcleo liberal clássico; mas isso não significa que seus integrantes sejam adeptos de um *liberalismo* clássico. O Atlantos possui membros e parceiros que se identificam com outras vertentes liberais. O grupo aceita artigos com conteúdos que não necessariamente pertencem às vertentes majoritárias que defendem. Nos *núcleos das ideias*, anarcocapitalistas dialogam com libertários, liberais conservadores, liberais clássicos, etc. Com uma configuração heterogênea, o núcleo abrange um número maior de engajamento de participantes.

Os intelectuais liberais que fazem parte das leituras do Instituto Atlantos e de outros núcleos das ideias são: Ayn Rand, Frederich Bastiat, Friedrich August von Hayek, Ludwig von Mises, Milton Friedman e Murray Rothbard. A lista de intelectuais liberais internacionais que atualmente se dedicam aos escritos da doutrina é bastante extensa. Entre os maiores influenciadores está o liberal conservador Thomas Sowell, Lawrence W. Reed, presidente da Foundation for Economic Education, Tom Palmer, vice-presidente da Atlas Network, entre outros. Dos intelectuais liberais brasileiros se destacam: Adriano Gianturco, professor da Escola de Negócio IBMEC de Minas Gerais, e Diogo Costa, colunista de diferentes institutos liberais brasileiros.

Outro núcleo liberal local que teve contato foi o Livres Porto Alegre. O grupo apresenta uma trajetória distinta do Instituto Atlantos, mas com diversos pontos de convergência. O Livres⁸⁹ consiste num movimento nacional criado em 2016 dentro do Partido

⁸⁹ Livres. Disponível em: <www.eusoulivres.org>.

Social Liberal (PSL). Idealizado por Sérgio Bivar, filho do empresário e político Luciano Bivar, o grupo se apresentava na época como *incubado em um partido político*. Sobre sua formação o grupo aponta que *a partir da esperança de transformação política do Brasil, lideranças de diversas organizações em defesa da liberdade [...] um movimento com espírito de startup incubado como tendência partidária*⁹⁰.

Conheci o Livres⁹¹ e alguns de seus integrantes durante o 30º Fórum da Liberdade em Porto Alegre. O Livres Porto Alegre foi criado por Fábio Ostermann (um dos idealizadores do Movimento Brasil Livre, Estudantes pela Liberdade e Partido Novo) após ter realizado rupturas com outros núcleos que participava. Os ativistas com quem tive contato faziam parte da diretoria do núcleo ou possuíam alguma vinculação como *integrante* ou *parceiro*, termos recorrentemente utilizados pelos interlocutores para se referirem aos seus envolvimento com os núcleos.

Uma das primeiras pessoas com quem conversei foi Juan⁹², advogado e ativista liberal, que passou a integrar o Livres em 2016. Apesar de não se considerar um liberal social, Juan assumiu cargos de liderança no núcleo e concorreu a vereador pelo PSL nas eleições municipais de Porto Alegre no mesmo ano. O ativista afirma ter participado das manifestações de junho de 2013, contudo, se recusou a acompanhar os protestos pró-impeachment de 2015 e 2016. Segundo Juan *não participei porque, por mais que eu entendesse as manifestações, eu não me sentia à vontade em estar ao lado de pessoas que defendiam a intervenção militar, que defendiam o retorno da monarquia [...] eu não considero que o retorno à monarquia seja algo adequado. Eu sei que muitas lideranças que estão estourando no movimento liberal participaram e se envolveram a partir das manifestações. Achei melhor não participar porque eu não queria me associar a outras questões que me fizeram em outro momento me afastar da “direita”*.

Esse não foi um posicionamento adotado somente por Juan. Outros membros do grupo não participaram das manifestações pró-impeachment. Ainda assim, alguns membros do Livres acompanharam as marchas no Parque Moinhos de Vento. Neste caso, as motivações de Juan e outras lideranças do núcleo não estavam relacionadas com o *apartidarismo*, mas sim com a possibilidade de integrarem um movimento com pautas que o Livres e os próprios ativistas não compactuavam. O advogado afirma que em sua aproximação com o núcleo lhe

⁹⁰ Disponível em: <<https://www.eusoulivres.org/sobre/>>.

⁹¹ O Livres se desvinculou do Partido Social Liberal do início de 2018 devido à relação do presidente do partido com o Deputado Federal Jair Messias Bolsonaro, que atualmente é pré-candidato à presidência da República pelo partido.

⁹² Por opção do interlocutor, seu nome foi mantido.

chamou a atenção o fato de o grupo estar organizado para as manifestações pró-*impeachment com uma pegada bem liberal. O que o pessoal queria era marcar posição de que não estava dentro de uma pauta reacionária. Ali eram liberais com um pensamento liberal que estavam a favor do impeachment, mas ainda assim não me sentia à vontade em participar.*

O núcleo sofreu uma ruptura no início de 2018 devido à aproximação do PSL com políticos que não condiziam com os posicionamentos do núcleo, como o caso de Jair Bolsonaro. O presidente do partido, Luciano Caldas Bivar, reuniu-se com Bolsonaro, para formalizar a filiação do deputado ao PSL. Logo após esse encontro, o Livres deixou de integrar o partido. Esses conflitos internos já aconteciam com recorrência, pois as pautas de liberdade individual como direito LGBTs e legalização da maconha, propostas pelos Livres não eram compactuadas por muitos membros do PSL. O Livres já chegou a ser referenciado como *Libertinos* por algumas figuras do partido. Como o caso do deputado federal paranaense Alfredo Kaefer, filiado ao PSL. Kaefer afirmou que o Livres *confundia liberdade com libertinagem*⁹³ por não defenderem somente um liberalismo econômico, mas também de costumes.

Alguns interpretaram o posicionamento de Luciano Bivar como um golpe. Segundo um interlocutor *uma discussão entre pai e filho, Luciano dá um golpe e coloca o Bolsonaro para dentro do partido, uma pessoa que vai totalmente contra o que o Livres pregava. O Livres passa por um grande “baque” e tem que se organizar.* Com a saída do PSL, o núcleo adota uma postura do que vem chamando de *política suprapartidária*. O Livres torna-se um movimento autônomo, que demonstra apoio a certos candidatos que tenham posicionamento condizentes com o núcleo. Segundo Juan, o Livres até o momento de ruptura *era um movimento dentro de um partido político [...] e se colocava como um partido político. A gente sempre buscou separar e mostrar que o Livres não era o PSL. Nossa intenção foi que o PSL efetivamente se tornasse o Livres. E isso chegou muito perto.*

O Partido Social Liberal, segundo o ativista, *esteve a um passo de se tornar o Livres.* A saída do PSL derivou numa instabilidade no núcleo, havia muitas divergências sobre as futuras ações que o Livres deveria adotar. Conforme Juan, *alguns achavam que deveríamos nos incubar em outro partido político e que deveríamos fazer a transformação que queríamos fazer no PSL em outro partido. Outras pessoas, e minha posição também, achavam que isso tinha que ser superado, já tinha dado errado uma vez e que esse atalho não ia colar de novo. E eu sempre defendi que o Livres se transformasse em um movimento suprapartidário. E foi*

⁹³Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/blogs/de-brasilia/kaefer-diz-lamentar-sequestro-psl-o-livres-confunde-liberdade-com-libertinagem/>>. Acesso em: 20 jun.2017.

esse o caminho que o Livres tomou.

Suprapartidário, na percepção da liderança, é um movimento que não possui vinculação partidária, mas que permite que seus associados tenham vinculações com partidos para além do núcleo que aderem. Atualmente o Livres está estruturado em três eixos: formação e qualificação de lideranças liberais e atuação acadêmica, através da criação de projetos. O objetivo do Livres está em adquirir mais espaço dentro das universidades e em organizações da sociedade civil organizadas para difundir e qualificar novas lideranças. *A universidade é um ambiente em que o Livres tem que estar presente*, pontua Juan.

O Livres e outros agrupamentos semelhantes podem ser caracterizados enquanto *núcleos liberais da política*, pois, na sua maioria, formam-se a partir de um partido político ou em determinado momento de sua história vinculam-se a estes. Esses agrupamentos também possuem trajetórias de mudança ocasionadas por conflitos internos e rupturas. Por comumente estarem ligados à política profissional têm uma versão nacional e se ramificam em subgrupos locais.

A conexão dos *núcleos liberais da política* com institutos tradicionais e *think tanks* de vertente liberal possui certas diferenças se comparados aos *núcleos das ideias*. Há também grande circulação de pessoas entre os agrupamentos locais e associações já estabelecidas, principalmente em eventos e cerimônias importantes para o movimento liberal no Brasil. No início, essa relação era mais circunscrita, os *núcleos da política* estavam direcionados para atividades que envolviam uma agenda político-partidária, enquanto a formação intelectual e de lideranças, através de cursos, palestras e imersões, ficava sob domínio dos *núcleos das ideias*. Com as transformações recentes dos agrupamentos, essas fronteiras acabaram ficando embaralhadas. Os núcleos das ideias que possuíam foco central na formação de lideranças nas universidades passaram a ter membros que circulavam por núcleos e partidos políticos, ao mesmo tempo em que, núcleos políticos passaram a investir na formação de lideranças e na atuação dentro de universidades.

Os *núcleos da política* também são demarcados pela pluralidade de vertentes liberais, todavia, a predominante entre seus membros é a liberal clássica e a libertária. Mas é possível encontrarmos ativistas adeptos do anarcocapitalismo e do liberal conservadorismo, mesmo que sejam minorias. A orientação principal dos núcleos da política é a formação de ativistas liberais jovens para a futura atuação na administração pública e inserção estatal. A principal diferença entre um *núcleo da política* e um *núcleo das ideias* é a adesão a determinadas causas relacionadas ao que chamam de *liberalismo nos costumes* ou *liberalismo clássico*. Ou

seja, os *núcleos da política*, muitas vezes, apoiam causas que reconheçam os direitos de minorias como indivíduos de classes mais baixas, mulheres e LGBTs. Pautas como legalização da maconha e aborto também são temas debatidos pelos núcleos. Entretanto, durante a pesquisa me deparei com núcleos liberais da política que evitavam debater tais temas por receio de perder adeptos e filiados que partilhavam de uma vertente mais conservadora.

Na busca por uma categoria que auxiliasse a interpretação dos fluxos e mudanças existentes no contexto dos *núcleos das ideias* e *núcleos da política*, compreendi que os agrupamentos liberais operavam como *assemblages do liberalismo* ou *assemblages liberais*. O conceito de *assemblage* foi tema da coletânea organizada por Aihwa Ong e Stephen Collier e está articulado a partir da noção de *Anthropological Problems* de Paul Rabinow. Na obra, os autores buscam, a partir de diferentes contextos de pesquisa, mostrar que a abordagem do termo pode ocorrer de formas diversas. Um *assemblage* consiste em

As global forms are articulated in specific situations – or territorialized in assemblages – they define new material, collective, and discursive relationships. These “global assemblages” are sites for the formation and reformation [...] They are domains in which the forms and values of individual and collective existence are problematized or at stake, in the sense that they are subject to technological, political, and ethical reflection and intervention (2005, p.4).

Os autores também atribuem algumas características que são facilmente percebidas no âmbito do engajamento liberal. Assim como nos casos apontados, os agrupamentos liberais contemporâneos *são produtos de múltiplas determinações* (ONG e COLLIER, 2005, p.12). Um *assemblage* implica em heterogeneidade, contingência e instabilidade parcial e situada com uma temporalidade emergente (p.12). O conceito, como é apropriado pelos autores, descreve características percebidas enquanto inerentes aos núcleos liberais. A articulação entre sujeitos, ideias, autores e agrupamentos é um dos elementos que faz com que o *liberalismo* brasileiro contemporâneo adquira uma forma particular e pluralizada.

Os *assemblages liberais* participam de circuitos que, assim como os *assemblages* implicados em “cultural circuito of capital” abordados por Olds e Thrift, “estão em constante modificação, constantemente inventando novos movimentos” (2005, p.271). Olds e Thrift percebem os *assemblages* envolvidos nos centros de cálculo capitalistas, não como homogêneos e bem amarrados, mas como elementos que adquirem diferentes particularidades que envolvem outros agenciamentos e transformam-se em coisas distintas (2005, p.271).

Quando visualizamos as proposições, atuações, articulação de identificação e os protagonismos exercidos pelos núcleos locais, dentro do Movimento Liberal brasileiro, percebemos que o conceito de *assemblage* é fundamental para que se entenda a lógica dos grupos.

As mudanças nos *assemblages* liberais locais foram significativas entre 2015 e 2016. A relação dos núcleos se transformava com frequência. Novos grupos eram criados, coalizões eram realizadas, alguns deles se fragmentavam, enquanto outros eram extintos. Com a rotatividade de ativistas e lideranças nos *assemblages* liberais, a aproximação com um grupo específico ficou difícil. Uma das estratégias foi não restringir o olhar da pesquisa a coligações particulares, mas participar das ações e buscar dialogar com núcleos que se apresentavam dispostos a colaborar com a pesquisa, como o caso do Instituto Atlantos e do Livres.

Acompanhando palestras, conferências e cerimônias, bem como ouvindo ativistas importantes, membros e *parceiros* dos núcleos, compreendi que a pesquisa não poderia se restringir a um agrupamento específico, mas se concentrar nas transformações presentes nas trajetórias desses núcleos liberais. A dificuldade em estabelecer um contato mais consolidado, causada pela intensa circulação e fluxo de pessoas também foi identificado por Silva (2012) no âmbito do engajamento institucional. Para este autor, o fluxo de participantes era um obstáculo que a impedia de encontrar interlocutores chave.

As constantes mutações realizadas pelos *assemblages* liberais nos últimos anos, também se tornaram um obstáculo em minha pesquisa. Muitas pessoas com quem tive contato no início hoje não integram nenhum grupo liberal. Acompanhar a trajetória de mudança dos núcleos e dos ativistas proporcionou a compreensão das dinâmicas centrais presentes no engajamento de ativistas em organizações de cunho liberal. Uma das surpresas relacionadas à pluralidade dentro do Movimento Liberal brasileiro foi a possibilidade de dialogar com pessoas de perfis muito distintos, percepções de atuação diferentes e – especialmente – adeptos a variadas vertentes do *liberalismo*.

Com tantas diferenças, esses ativistas circulam pelos mesmos espaços, agrupamentos, palestras, cursos, integrando um mesmo circuito de relações e dispondo de formações semelhantes. A trajetória de quatro ativistas e interlocutores – centrais da pesquisa – evidencia a diversidade de perfis e propostas dentro dos *assemblages* do liberalismo.

3.2 O Ativismo liberal contemporâneo

No início da pesquisa, quando comecei a participar dos protestos pró-*impeachment* me referia aos ativistas liberais como militantes liberais. Na medida em que o campo se complexificava, fui percebendo que dentro do universo liberal o atributo de *militante* era recusado. Neste momento encontrei um dilema teórico em meu trabalho. A maioria da literatura que problematizava a organização e contestação de grupos e que eu tinha tido contato utilizava o conceito de *militância*.

A definição de *engajamento militante* (SAWICKI E SIMEANT, 2011) que caracteriza “toda forma de participação duradoura em uma ação coletiva que vise à defesa ou à promoção de uma causa” (p.201) parecia abarcar o contexto de organização do movimento liberal. Entretanto, não encontrava nessas produções referências de universos de pesquisa que tivessem afinidades com organizações liberais. Dessa forma, precisei olhar criticamente para as nomenclaturas e conceitos empregados por essa agenda de pesquisa visando aproveitá-la ao máximo para compreender o engajamento liberal.

A sociologia do *engajamento militante* pertence a uma tradição de pesquisa bastante consolidada na França. Segundo Sawicki e Simeant – teóricos importantes do tema “a militância em grupos considerados “de esquerda” foi mais explorada do que aquela dos grupos orientados à direita ou que se dizem apolíticos” (2011, p.202). Os autores complementam sua crítica citando alguns exemplos de grupos organizativos que não foram considerados em pesquisas sobre o assunto como “sindicatos patronais ou independentes, associações de defesa do patrimônio, da escola particular, dos clubes de serviço, etc.” (2011, p.202). Os cientistas políticos observam que a militância partidária de esquerda, na agenda francesa, permanece sendo a mais enfocada quando o assunto é engajamento.

Possivelmente, a preferência por realizar pesquisas com certas formas de organização criou uma barreira e suprimiu das análises grupos que possuem arranjos sólidos, influência econômica, política e intelectual em diferentes sociedades. A partir disso, questionamentos latentes começaram a emergir e agendas de pesquisa precisaram ser repensadas, com o objetivo de responder perguntas referentes à organização de grupos com pautas conservadoras, a articulação política do empresariado ou o que agrega e fragmenta esses sujeitos.

A bibliografia sobre *engajamento militante* e *militância* contribui em muitos aspectos para o presente estudo, mas não engloba os cenários envolvidos no engajamento liberal. Qualificar o envolvimento de sujeitos auto identificados liberais em núcleos locais com o

objetivo de formação e difusão de ideias como *militância* desconsidera grande parte das dinâmicas específicas desse engajamento. No caso dos *assemblages liberais* não há uma ação ou envolvimento duradouro com uma causa. Existem fluxos, rupturas e mudanças que fazem com que não tenham uma duração de participação a longo prazo. Por outro lado, meus interlocutores não reconhecem seu envolvimento com o *liberalismo* enquanto uma *militância*. Para Caio, interlocutor liberal, *militância está ligada a grupos “de esquerda”*. O movimento liberal precisava demarcar suas diferenças com relação aos núcleos de “esquerda” e criar uma nova identidade coletiva (MELUCCI, 2005).

Também não poderia utilizar a literatura de movimento social para compreender o movimento liberal já que, como apontado por Mcadam, Tarrow e Tilly, a categoria de movimento social exclui análises de mobilizações específicas como, por exemplo, “as reivindicações coletivas de poderosos” (2009, p.21). Assim, o conceito de *confronto político* (MCADAM; TARROW E TILLY, 2009) pode ser aplicado para compreender o movimento liberal, pois compreende os aspectos dinâmicos presentes nos grupos, pois “constitui um terreno analítico contínuo com nada mais do que fronteiras fluidas” (p.21).

O conceito de *ativismo* tem sido utilizado para se referir ao envolvimento de sujeitos com determinadas causas. A discussão sobre *ativismo*, elaborada pela literatura de ação coletiva, tem sido adequada para pensar o envolvimento de atores liberais na promoção de ações e ideias. A referência aos ativistas liberais também é estabelecida pelos interlocutores principalmente porque ela implica – não necessariamente – em uma ação coletiva, mas também no comprometimento de sujeitos com causas, pautas ou princípios. Assim, encontrei termos alternativos que contribuíram para pensar formas de engajamentos diversas como as que caracterizam o universo liberal.

A pluralidade também é característica dos perfis ativistas compreendidos pelos *assemblages liberais*. As trajetórias e níveis de envolvimento com os núcleos locais e com o ativismo liberal contemporâneo podem variar de acordo com cada sujeito. Esses elementos são evidenciados ao explorar quatro perfis distintos do ativismo liberal.

3.2.1 De anarcocapitalista à liberal clássico

A trajetória de Nycollas⁹⁴ é um exemplo paradigmático de atuação no movimento liberal. Nos conhecemos em uma conferência organizada pelo instituto Atlantos em 2016. Nycollas tem 25 anos e afirma ter se aproximado do *liberalismo* desde muito jovem, durante

⁹⁴ Por opção do interlocutor, seu nome foi mantido.

seu Ensino Fundamental cursado no Colégio Militar. O estudante de Relações Internacionais, atualmente integra três grupos liberais e em alguns deles assume posições de liderança⁹⁵. Filho de militar aposentado (seu pai adquiriu o posto de sargento já no fim da carreira) e mãe técnica de enfermagem, o ativista, que cresceu na zona norte da capital, afirma que seus pais batalharam para que estudasse em boas escolas. Nycollas, por incentivo da mãe, que gostava muito da ideia dele ser militar, acabou sendo aprovado para integrar o Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA).

Foi durante seus estudos no Colégio que Nycollas teve contato com várias ideias sobre economia e política. *É um colégio muito plural, muito aberto às discussões. Meus colegas hoje são líderes de várias coisas, mas coisas diferentes. A líder do PCB, por exemplo, foi minha colega de colégio.* Nycollas integrou um projeto para alunos com bons rendimentos proposto pela Évora S.A⁹⁶ na figura de William Ling⁹⁷. Nycollas aponta que o instituto oferecia apoio de mentoria aos estudantes com materiais, livros e conversas. *Nessa época eu já tinha lido alguns clássicos, Proudhon, Bakunin, o Manifesto Comunista. E isso tinha me interessado por algum tempo, mas quando conheci o Willian, ele me apresentou o primeiro livro que foi as Seis Lições do Mises, mas eu não entendia nada porque eu não entendia nada de economia.* Nycollas diz que até hoje se sente influenciado pelas leituras que teve na escola. O segundo livro considerado liberal que teve contato foi A Revolta de Atlas, da Ayn Rand. E foi a partir dessa leitura que o ativista passou a se interessar mais pelo *liberalismo*.

Nycollas interrompeu suas leituras e discussões sobre o pensamento liberal durante sua atuação na Academia Brasileira Militar, pois, segundo ele, discussões políticas dentro do exército são proibidas. Mas em 2013 foi apresentado por uma amiga ao *Club Miss Rand*. Com essa aproximação, o estudante retomou as leituras para que pudesse discuti-las no grupo. Em 2015, Nycollas trancou a academia militar no Rio de Janeiro e voltou para Porto Alegre, se aproximando ainda mais da rearticulação do Clube, que nesse momento passava pela transição para Instituto Atlantos.

Nycollas se tornou um dos coordenadores do grupo e em seguida passou no vestibular da UFRGS. Esse foi um momento emblemático na sua trajetória ativista. *Quando entro na faculdade começo a participar mais ativamente, porque eu não tinha tido essa experiência. Eu tinha passado seis meses na Uniritter, mas não é a mesma coisa. A UFRGS é muito mais efervescente nessa questão política. E me engajo ainda mais no Atlantos (ex Club Miss Rand)*

⁹⁵A pedido do interlocutor, os cargos que ocupa nos grupos serão omitidos.

⁹⁶Criada em 1955 pela família Ling, a instituição oferece bolsas de estudos para jovens lideranças.

⁹⁷Vice-presidente do Conselho de Administração da Évora.

como coordenador e passo a ajudar na divulgação e no boca a boca. E nesse ano também entro no Students for Liberty (ex Estudante pela Liberdade).

O ativista afirma não ter realizado cursos propriamente ditos de formação, mas assumiu os cargos porque tinha uma ideia de liderança dos projetos que o instituto fazia, ideia de eventos para capacitação e apoio aos novos grupos que estão nascendo. *Nesse momento eu me sinto preparado [...] esperei me desenvolver bastante. Eu vi que eu estava preparado para assumir posições de liderança. Uma posição que eu começasse a multiplicar, mais do que receber,* afirma o estudante.

A atuação política do ativista veio posteriormente. Mesmo não se percebendo como uma figura política, o estudante aceitou o convite feito por Fábio Ostermann, em 2017, para integrar o núcleo político do Livres. A atuação do estudante no Livres se resume a *apoiar* ações e projetos. Nycollas foi um dos filiados ao PSL e membro do Livres que acompanhou a transição do núcleo que estava incubado no partido para um movimento suprapartidário. Com a aproximação do Livres e do Partido Novo, Nycollas foi convidado para participar do voluntariado do partido e atualmente está filiado ao NOVO.

Sobre sua trajetória dentro do *liberalismo*, o ativista aponta que no começo se considerava um anarcocapitalista. Essa vertente, segundo Nycollas, acredita no fim do Estado e na primazia do indivíduo em detrimento da sociedade. Ele cita autores como Murray Rothbard⁹⁸ e Robert Nozick⁹⁹. Dentro da lógica dos autores, o indivíduo e seus direitos naturais (propriedade privada centrada na autopropriedade e de vida) devem ser preservados. Na linha desses argumentos, segundo o interlocutor, tudo pode ser definido pela ética e a partir da ética se molda o mundo e as relações sociais. Nycollas afirma considerar muito boa a definição ética dos autores, mas declara que são incompletas, pois, na sua percepção *se corta completamente as outras ciências humanas [...] e por isso fui me aproximando do liberalismo clássico. A minha trajetória está baseada naquela frase “todo jovem é revolucionário e todo velho é “conservador”*.

Atualmente Nycollas se considera um liberal clássico, pois além de reconhecer a ética como uma ciência importante, ele acredita que o debate tem que ser feito em todos os âmbitos (Filosofia, Sociologia, Antropologia, Economia, Ciência Política e Direito). *Em todos esses espaços nós temos que estar discutindo,* afirma. Para Nycollas não é preciso falar em fim do Estado ou da sociedade e sim em diminuições progressivas. Que para ele estariam mais de acordo e, ainda assim, *caminhariam para essa realidade utópica dos anarcocapitalistas. A*

⁹⁸ Economista norte-americano da Escola Austríaca.

⁹⁹ Filósofo político libertário.

atuação do ativista está ancorada na diminuição do intervencionismo e na criação de mais liberdade para os indivíduos. Nycollas não acredita que a vertente *anarcocapitalista* seja majoritária, ela apenas se apresenta mais evidente, pois seus ativistas se expõem mais e ela apresenta argumentos que para ele são fáceis de serem rebatidos. Nycollas afirma que quando saiu da bolha *anarcocapitalista* se deparou com inúmeras vertentes do *liberalismo*, e que ficou muito mais difícil se definir dentro do espectro.

3.2.2 O jovem libertário apaixonado

São três paixões na minha vida: liberdade, empreendedorismo e política. Conheci Ricardo¹⁰⁰, autor da frase acima, durante um protesto contra a corrupção e a favor de eleições indiretas no Parque Moinhos de Vento (Parcão), em 2017. Estudante de Direito, o jovem tem 21 anos e o sonho de se tornar um grande empreendedor. Não costuma ler muitos autores liberais e atribui sua formação aos eventos que participou e às conversas que teve com outros ativistas. Um de seus primeiros contatos com o pensamento liberal foi na participação de um acampamento *pró-impeachment* que se formou em frente à sua casa, no bairro Moinhos de Vento. Filho de funcionários públicos, o ativista cursou todo seu ensino em escolas particulares de Porto Alegre.

Ricardo se interessa por política desde pequeno, mas foi após as eleições de 2014 que afirma ter ficado *mais ligado na política*. O ativista relata que sua aproximação com os protestos foi casual. *Eu sabia o que estava acontecendo com a política brasileira, mas eu queria saber de fato pelo que aquelas pessoas estavam indo ali reivindicar. Quando eu cheguei o pessoal me disse: estamos reivindicando porque os impostos estão muito altos, tem muita irresponsabilidade do governo atual, está tendo muita arrecadação e não tem retorno para a sociedade e isso está gerando muita corrupção.*

Ricardo passou a integrar a La Banda Loka Liberal, que operava como mobilizadora do MBL em Porto Alegre. Sua entrada na Banda ocorreu depois da criação do grupo, mas foi muito importante para mudar o olhar do ativista sobre a organização de protestos. Segundo Ricardo, *eu tinha raiva do protesto porque era sábado e domingo de tarde, eu queria descansar ou estudar e os caras estavam lá tocando música no Parcão. Eu pensava, tudo bem, mas faz isso de uma forma que não atrapalhe os outros. Eu sempre tive nojo, não gostava. Mas conforme fui participando, vi que não era bem assim. Toda manifestação tem seu livre direito, faz parte.*

¹⁰⁰ O nome do interlocutor foi alterado.

Em 2016, Ricardo deixou os grupos que participava e se dedicou somente ao projeto com o NOVO, grupo político que faz parte. O ativista, que estava no último ano do Ensino Médio, foi alertado por colegas da escola sobre estar se envolvendo com grupos liberais. *Eles me diziam, tu está viajando em se envolver com esses grupos. O que eles dizem não é verdade. Não é impeachment, é golpe! A minha melhor amiga é pró Lula e a gente parava a aula para discutir. Hoje não discutimos mais, os dois se abstém disso.*

Ricardo nunca pensou que seria ativista político. Tinha colegas que se interessavam muito mais do que ele pelo assunto. Ele acredita que muito mais do que empenho sua trajetória como ativista começou porque estava no lugar certo, na hora certa. *Eu percebi que todo aquele pessoal que estava ali (no Parcão) tinha embasamento.* Ricardo sempre soube o que era “esquerda” porque sua irmã se reivindicava de centro-esquerda. Ele também afirma saber desde cedo o que era o conservadorismo, pois seu pai tinha posicionamentos conservadores. Ricardo não simpatizava com nenhum dos dois e quando conheceu o *liberalismo* logo se identificou.

Tu te identificas com uma doutrina olhando para tuas ações. Quando eu vi que falavam da liberdade individual, eu pensei: é isso com que eu me identifico. E vi que para mim era o caminho mais certo, aponta Ricardo. O ativista alega defender um poder público mais eficaz, com a transferência de funções que são do Estado para o poder privado. Para ele, o Estado deveria fazer o essencial e respeitar a liberdade do empreendedor. Ricardo aponta que, quando adentrou o núcleo político do qual faz parte, apresentou uma ressalva aos participantes, que não o fizessem pedir votos. O estudante afirma repudiar tal prática e prefere manter a coerência com o que acredita. Além disso, diz não pretender concorrer a cargos públicos no futuro. Segundo ele, *não me daria estabilidade financeira e eu acho muito estressante.*

Ricardo atualmente participa de três agrupamentos. Seu papel no Atlantos e no Livres se resume em gerar engajamento nas redes sociais do grupo, curtindo e comentando postagens, convidando pessoas para os eventos organizados pelo instituto, sendo identificado como *colaborador*. Sua prioridade no momento são as atividades do Partido Novo, onde exerce papel de *voluntário*. O papel do *voluntário* (que precisa pagar uma taxa para se vincular) consiste na organização dos eventos, participação em reuniões e colaboração com os candidatos.

O ativista também não teve uma formação convencional, com cursos específicos para o desenvolvimento de seu ativismo, mas afirma que sua participação no Partido Novo

contribuiu para ele ser quem é atualmente. Para pessoas que não entendem sobre liberalismo, Ricardo se identifica enquanto liberal, já para pessoas que conhecem as vertentes de pensamento, ele se diz *libertário*. Apesar de não ter lido nenhum livro liberal por completo (afirma ter começado a ler As seis lições de Mises, mas não concluiu), Ricardo se interessa pelos artigos produzidos pelos institutos. *Eu me considero mais libertário porque eu não sou liberal só na economia, eu sou liberal socialmente também. Quando eu converso com pessoas que se dizem liberais, sempre vamos entrar em dois assuntos clássicos que é aborto e drogas. Eu sou a favor da legalização e discriminação das drogas e eles não entendem. Sobre o aborto, para mim a vida da mulher é primordial. É isso que eu defendo.*

3.2.3 O liberal clássico experiente

Durante toda minha vida eu era um liberal, eu só não sabia. Juan, advogado, gay, membro de religião de matriz africana, vindo de uma família de classe média baixa e ativista liberal, possui uma trajetória distinta das apresentadas anteriormente. Juan afirma não levantar a bandeira e nunca usar a sexualidade na sua atuação política. Considera-se um liberal clássico e possui uma trajetória política mais consolidada. Estudou grande parte do seu ensino em escola pública e, depois, em escola particular, como bolsista. O ativista declara que não vem de uma tradição de família rica. *Eu venho de uma família que aprendeu o valor do trabalho muito cedo*, afirma. Sua mãe trabalha desde os 13 anos e seu pai, atualmente, é imigrante ilegal nos Estados Unidos.

Juan afirma que apesar de viver em um ambiente bastante humilde, discutia muito política, *a política estava dentro da minha casa*. Criado por uma avó conservadora e anti-esquerda, o ativista afirma que se aproximou da política através da mãe. Com 16 anos, Juan se filiou ao PMDB, pois sua mãe se envolveu em campanhas de alguns candidatos. Destaca que nunca participou ativamente do partido, pois além de nunca o ter sido convidado, Juan não apresentava interesse em participar das atividades.

Juan começou a faculdade de Direito com o subsídio do FIES. Em 2011 foi convidado para realizar um estágio na bancada do PSDB, na Assembleia Legislativa do estado. O ativista auxiliaria na estruturação da juventude do partido e na campanha de um candidato (que preferiu omitir o nome). *Vivenciei muito a bancada do PSDB, vivenciei muito as reuniões de juventude e me decepcionei com aquilo que eu considerava a direita. Que era oposição ao que eu sempre fui ensinado que não era para aderir, à esquerda*, aponta. Juan afirma ter se assustado com os posicionamentos do partido, principalmente por ser gay.

Vários fatores me fizeram desacreditar naquilo que eu considerava direita e me afastaram dessa vivência política-partidária. Juan se afastou do partido, mas permaneceu filiado durante 2 anos, sem participar das atividades.

Apesar da decepção com que representava para ele o *neoliberalismo* na figura do PSDB, o ativista afirma ter se aproximado do *liberalismo* a partir do seu trabalho de conclusão de curso, que teve como tema as cotas raciais. Juan aponta que durante sua graduação em Direito sempre se falou em *neoliberalismo* e nunca em *liberalismo*. A questão identitária LGBT, aproximou Juan também do pensamento de esquerda. *Eu precisava achar um lugar (na política) em que minha condição sexual não fosse um problema. E que eu não fosse ter que enfrentar algum tipo de resistência,* pontuou o advogado.

Juan pesquisou partidos de esquerda como o PT e PSOL (o PCdoB, Partido Comunista do Brasil estavam além do que se identificava). *Nunca me identifiquei com o comunismo e nem me identificava com o socialismo. Mas eu me identificava com a pauta identitária.* Em 2014, Juan se filiou ao PSB, muito pela empatia que tinha com Eduardo Campos¹⁰¹. Um mês após sua filiação, Campos sofreu um acidente fatal e quem assumiu seu lugar foi Marina Silva. *Eu não simpatizava com a Marina, muito por ela estar próxima de uma agenda religiosa e que ia de encontro com a pauta identitária.* O ativista não se envolveu mais com o PSB e seguiu sua carreira acadêmica.

Em 2015, após concluir sua graduação, Juan retornou para as atividades do PSB. *Era um trabalho interno bem difícil por estar cercado de pessoas com um pensamento mais de esquerda porque eu me moldava para me inserir nesse contexto.* Nesse ano, Juan teve contato com o livro *A Lei*, de Claude Frédéric Bastiat¹⁰². Para ele, foi Bastiat que lhe apresentou o *liberalismo*. *Lendo o Bastiat e outros autores eu percebi que eu estava errado quando dizia que era liberal (época que estava no PSDB), aquilo que eu considerava que era liberalismo não era liberalismo,* assinala Juan.

Após ter contato com Bastiat, o ativista começou a ler Thomas Sowell¹⁰³, Murray Rothbard, Mises, Milton Friedman, etc. No início de 2016, Juan encontrou o Livres incubado no Partido Social Liberal (PSL) enquanto procurava alguma organização que tivesse relação com o social-liberalismo. O entrevistado relata que foi através da proximidade com as leituras e com as pessoas dentro do movimento, que começa a compreender o que era o *liberalismo* e quais eram suas vertentes.

¹⁰¹ Candidato à presidência pelo partido na época.

¹⁰² Economista e jornalista francês. Importante autor liberal.

¹⁰³ Economista norte-americano e autor liberal conservador.

Sobre seus posicionamentos, Juan afirma ser um libertário, mas acredita que o *libertarianismo é uma utopia*. Para ele, o caminho para a implementação de um sistema libertário é o gradualismo. Na opinião de Juan, o gradualismo só pode ser implementado através de um *liberalismo* clássico, objetivando redefinir as funções e prioridades do Estado, construindo uma nova noção de Estado, fazendo com que a sociedade compreenda o dever o Estado e dela própria.

Sua entrada no Livres se deu a partir de um contato com Fábio Ostermann. *Eu já estava bem mais confortável com o que eu pensava, com o que eu acreditava*. O advogado concorreu a vereador pelo Livres naquele ano. Para que uma pessoa possa se considerar liberal, na percepção de Juan, ela tem que compreender o que é o Estado, o que é o indivíduo, qual o papel de cada um dentro da sociedade e quais os limites que o Estado deve ter.

Hoje eu estou aqui na rua contigo falando de liberalismo e me dizendo liberal, alguns anos atrás isso talvez fosse inimaginável. Hoje as pessoas defendem privatizações sem pudor, elas não têm vergonha de dizer. Eu defendo privatização. As pessoas não têm vergonha de entrar na universidade pública hoje, o Livres está fazendo palestra na universidade pública sobre liberalismo. O liberal saiu do armário [...] os liberais estavam dentro do armário da direita. Da direita reacionária, da direita conservadora, da direita nacionalista e intervencionista e por uma ojeriza do que se considera o coletivismo, a esquerda, os liberais acabaram ficando em baixo do manto da direita [...] dando armas para que essa etiqueta do neoliberal reacionário, conservador e contra os direitos LGBT fosse implementada na sociedade.

Juan afirma que o fato de ser LGBT, membro de religião de matriz africana, de família de classe média baixa e liberal, surpreendeu muitas pessoas, principalmente da esquerda, durante sua candidatura nas eleições de 2016. Segundo ele *dentro desse contexto social eu estaria totalmente à esquerda, em um estereótipo que a própria esquerda criou. Se tu é gay tem que ser de esquerda, se tu é negro tem que ser de esquerda, se tu é pobre tem que estar na esquerda, se tu é de religião afro tem que estar na esquerda [...] mas eu não usei essa pauta identitária, um liberal não faria isso.*

O ativista já assumiu posições de liderança dentro do núcleo e participou da saída do Livres do Partido Social Liberal, com sua transformação em um movimento suprapartidário. Atualmente, Juan está envolvido com a reestruturação do grupo, com novos projetos para as eleições de 2018 e para as atuações futuras do Livres.

3.2.4 *Nem anarcocapitalista, nem libertário. Um livre pensador*

Conheci Lucas através da página do *Facebook* do núcleo em que atua como diretor de comunicação, o Instituto Atlantos. Apesar de tê-lo visto em diversos eventos, foi através da rede social que nos aproximamos. O ativista, formado em Publicidade e Propaganda, afirma ter interesses políticos desde a faculdade, mas nessa época ainda não tinha um conhecimento embasado sobre *liberalismo*. *Eu não me identificava com a corrente que considerava hegemônica na política, corrente de esquerda, eu não tinha opinião formada. Eu era contra muitas coisas, mas não tinha embasamento*, afirma o ativista.

Lucas afirma que era contra tudo (contra o PT, contra o comunismo), mas que começou a perceber que precisava de fundamentos para seu discurso. Seu primeiro contato com os conteúdos liberais ocorreram através da internet, canais no *Youtube*, páginas no *Facebook* e sites. Posteriormente passou a comprar e ler livros liberais, e os primeiros livros que leu foram de Thomas Sowell, *Os intelectuais da Sociedade*, Friedrich Hayek, *o Caminho da Servidão* e Ludwig Von Mises. Filho de funcionários públicos, Lucas afirma não ter crescido em um ambiente politizado. *Meus pais gostavam de estar atentos ao debate público, meu pai adorava conversas cruzadas da TVCOM, eu odiava*.

O publicitário começou a ler os autores e a publicar comentários em suas redes sociais, até ser convidado para estruturar a comunicação do *Clube Miss Rand* na internet. Lucas, atualmente é diretor da equipe de comunicação do Instituto Atlantos. Segundo o ativista, *hoje temos a maior equipe, antigamente não era assim. Era muito difícil achar gente da comunicação que se interessasse por política e que fosse liberal. E hoje vemos que está mudando isso. Eu tenho umas dez pessoas na minha equipe*. Lucas, por ser um dos membros mais antigos do grupo, é uma voz ativa dentro do núcleo, e participa de tomadas de decisão de outras áreas que não são da comunicação.

O ativista, apesar de se identificar com outros núcleos liberais, nunca integrou nenhum além do Atlantos. *Não tenho interesse em participar da política ou de um partido. Eu sou muito mais interessado nas ideias e tenho influência do Thomas Sowell e autores muito céticos e que se desenvolveram mais nas ideias e não na parte prática*. Ele também pontua, *eu não sou o anarcocapitalista ou o libertário que acha que política é irrelevante [...] no início eu flertava com o anarcocapitalismo, mas nunca me aprofundei. Eu sou oposto a certas vertentes radicais*.

Sobre sua identificação, Lucas se percebe como um liberal clássico. Quanto mais estuda mais percebe que há uma diversidade e que é impossível se encaixar em uma vertente

do *liberalismo*. O contato inicial de Lucas foi com autores clássicos da doutrina. *A ideologia é uma ferramenta na qual tu vê o mundo, então, ao invés de tu tentar apreender o mundo como ele é, tu pega essa ferramenta e tenta através dela dobrar a realidade e enxergar. Dessa forma, eu me considero mais um livre pensador do que um liberal clássico.* Ele acredita que se estiver preso somente a uma ideologia, irá perceber o mundo somente através dela.

3.3 Protagonismo e justificativas liberais

Assim como no contexto do engajamento institucional (SILVA, 20012) e filantrópico (SKLAIR, 2007), os ativistas liberais também passam por uma formação e pela construção de seu engajamento. Como nos quatro casos apresentados, as trajetórias podem ser muito distintas e a formação desses sujeitos se dá a partir da participação em cursos, palestras, imersões, leitura de autores e na própria experiência do ativismo (organização de eventos, participação em protestos e ações e conversas com outros ativistas).

No caso filantrópico, um dos principais objetivos é impulsionar o aumento do conhecimento sobre a desigualdade social. Para isso, existe uma série de treinamento para atuar em projetos de filantropia. Um dos casos explorados por Sklair (2007) evidencia a formação de jovens que irão atuar na administração de instituições de investimento social privado, tornando-se profissionais da filantropia.

Os cursos de formações para atuar no meio liberal compreendem uma série de treinamentos para atuação local. Os institutos, *think tanks* hegemônicos e os próprios *assemblages locais* acabam produzindo profissionais do liberalismo. Jovens que irão atuar localmente para a criação de grupos, produzindo o engajamento de novos participantes e a propagação das ideias liberais.

O estudo das relações e práticas políticas de grupos locais identificados com o pensamento liberal, na cidade de Porto Alegre, está situado na interface de uma antropologia urbana e política. O universo de organização liberal é constitutivo de uma multiplicidade, pois ele faz parte dos “mundos da política”, que podem variar de acordo com o contexto etnográfico estudado. Ele também é fruto de uma ação coletiva formada por pessoas que interagem e se relacionam reciprocamente através de formas que são, ao mesmo tempo, dinâmicas e complexas (KUSCHNIR, 2007, p.9).

A multiplicidade que envolve o universo liberal requer que esta dissertação tenha uma dimensão interdisciplinar. O caráter interdisciplinar passou a permear uma investigação antropológica a respeito do universo político, não tendo “o papel de justificar e nem defender

essas práticas, mas sim de compreendê-las” (KUSCHNIR, 2007). Dessa forma, compreender a atuação de núcleos e ativistas liberais, a partir de suas categorias, não está no impulso ou condenação de tais ações, e sim na busca pelo entendimento de suas organizações, práticas e justificativas.

As pesquisas sociológicas que enfocam a ação coletiva foram consagradamente desenvolvidas com movimentos de pautas políticas e sociais específicas. A produção acadêmica brasileira de uma sociologia dos movimentos sociais é marcada pela característica do engajamento (SILVA, 2010). Ou seja, os pesquisadores projetam “não só a análise de seus objetos de pesquisa, mas também a defesa de determinadas posições político-organizativas e dos movimentos que a cercam” (2010, p.3). Dessa forma, determinadas organizações, como as articuladas pelas elites, são desconsideradas e “condenadas”, sem que haja uma preocupação efetiva de análise” (2010, p.3).

O interesse antropológico pelo engajamento de camadas das elites brasileiras não se distancia muito do apresentado pela sociologia. Assim sendo, também situo esta pesquisa num campo antropológico que se formou recentemente e que tem como enfoque uma agenda de pesquisas com estudos sobre o exercício de poder de atores hegemônicos (SCHUCH, VIEIRA E PETERS, 2010), os campos *up*. Explorar as formas de articulação dos grupos, suas relações, financiamentos, entre outras dimensões, tem sido uma das grandes contribuições dos trabalhos que recentemente vêm adotando como foco grupos formados por elites, classes médias e altas.

O trabalho de Silva (2012) contribui para a discussão proposta neste capítulo. Apesar da autora não situar sua pesquisa em um contexto *up*, algumas características de seu campo contribuem para a reflexão da organização de atores economicamente hegemônicos. Kunrath buscou compreender o engajamento institucional e as relações de subjetividades no horizonte de uma instituição de intercâmbios culturais. Seguindo os discursos e as práticas organizacionais implicadas nesse universo, assim como as estratégias para o engajamento de novos membros, a autora percebeu o quanto questões de “liderança” estavam implicadas nessas associações.

O universo explorado pela autora tem semelhanças com o que venho pesquisando. É formado por jovens, estudantes em formação universitária, posicionados economicamente em classes médias e altas. Similarmente, elementos como as lógicas de organização, as justificativas para o engajamento e o discurso da formação de lideranças são compartilhados por ambos os universos. A ideia de “responsabilidade social” presente no discurso do engajamento institucional do grupo, evidenciado pela autora, permite traçar continuidades

com outros trabalhos e com a pesquisa sobre o engajamento liberal em Porto Alegre. A bibliografia antropológica sobre voluntariado e filantropia contribui consideravelmente para compreender os núcleos liberais atuais, na medida em que um discurso da “responsabilidade social” e, para além da “responsabilidade política”, está presente nessas modalidades de atuação.

O termo protagonismo tem sido mobilizado de múltiplas formas, adquirindo diferentes significados. O conceito de protagonismo juvenil, muito explorado pelo viés da educação, contribui para a compreensão do termo no âmbito da política. Segundo Costa (2001),

A palavra passou a ser usada no teatro e na literatura para designar os atores principais de um enredo teatral ou as personagens principais de uma trama literária. Mais recentemente, a sociologia e a política, com base na ideia de atores sociais, passou a chamar de atores “protagônicos” ou de protagonismos os agentes principais de um movimento ou dinamismo social (p.11).

O que chamava muito a atenção durante as conversas com os ativistas liberais, era o discurso de “despertar para a política” como sinônimo de adquirir uma responsabilidade social. O sentimento de indignação que aparece na maioria dos discursos seria o principal motivador para o início de uma mudança na sociedade. O depoimento de uma liderança importante no movimento, durante um evento liberal, foi paradigmático para pensar essa ideia de busca pela mudança política e social. *Nós devemos empreender mudanças no mercado, mas elas devem acontecer também no setor público. Eu, hoje na condição de vereador de Porto Alegre, comecei a me dar conta disso quando essa senhora e esse senhor (Dilma e Lula) conseguiram uma reeleição em 2014 e eu vi que o Brasil estava indo para o buraco. E eu pensei, eu posso continuar baixando a cabeça e fazendo meu trabalho lá na empresa, ou eu posso começar a fazer alguma coisa. E eu resolvi fazer alguma coisa [...] e comecei com outros amigos um movimento.*

Juan, por sua vez, acredita que o ativismo liberal é fundamental para um futuro promissor no contexto brasileiro. Segundo ele, *o ativismo liberal é fundamental para que o Brasil consiga um dia passar por uma nova fase. É um projeto de longo prazo. Eu não acho que é a nossa geração que vai fazer isso, mas eu acho que é a nossa geração que vai começar a desmistificar o liberalismo.*

Diante disso, a categoria deixa de ser um termo êmico para se tornar ético. O ativismo liberal, produzido pelo engajamento de sujeitos ao *liberalismo*, pode ser compreendido enquanto uma modalidade de protagonismo, em que intervir no mundo da política passa a ser

uma das formas identificadas por esses jovens para a obtenção de um espaço no âmbito social. Sklair (2007), em pesquisa realizada com grupos e projetos de filantropia na cidade de São Paulo, também identificou dimensões relacionadas ao protagonismo jovem.

A autora apreende as transformações existentes na prática filantrópica, assim como a transformação vivenciada na passagem de um sujeito membro da elite paulistana, para um indivíduo com responsabilidade social que contribui, a partir de seus projetos, para a redução da desigualdade social. Dentro desse contexto são explorados os processos compreendidos na construção dessa forma de protagonismo que, segundo a antropóloga, é articulada em torno de projetos inseridos numa determinada lógica de planejamento. Os atores envolvidos em ações filantrópicas percebem nesse tipo de atuação um sentido para intervir na sociedade, ao passo que ações políticas e projetos de cunho liberalizante, articulados por núcleos locais, constitui também uma modalidade de protagonismo político objetivado por determinados jovens estudantes.

O protagonismo não é somente individual; é também coletivo. Durante o campo, o que comumente chamava atenção era a centralidade, não dos atores, mas de grupos em eventos liberais, redes sociais e mídias. Essa descentralização de figuras principais era percebida, pois as lideranças são constantemente repensadas e alternadas. O período assumido por um dirigente pode variar, dependendo das regulamentações e dinâmicas internas aos grupos. Mas, usualmente, uma pessoa fica à frente de um núcleo liberal local pelo período de um ano. Portanto, o protagonismo exercido pelos grupos, é compartilhado pelos participantes destes. Esse é um dos aspectos que diferencia os núcleos locais de grupos como, o Movimento Brasil Livre (MBL), que tem como característica principal a produção de figuras individuais e influentes dentro do próprio grupo que atuarão como seus porta-vozes.

O despertar para a atuação política e a busca pelo protagonismo estão diretamente relacionados à ideia da representatividade. Durante minhas incursões em campo ouvi diversas vezes depoimentos como *a gente não se sentia representado pelas manifestações de outro cunho (de grupos de esquerda); quando eu vi uma manifestação diferente eu me senti representado*. Muitos interlocutores possuem histórias semelhantes sobre o impasse de entrar na universidade e não sentir seu posicionamento político contemplado. Como, por exemplo, o apontado por Douglas¹⁰⁴ durante uma conversa de bastidor. Douglas me contou que logo que entrou na universidade não se sentia representado pelo pensamento de seus colegas de curso. Foi somente no quarto semestre de Economia que o estudante encontrou outros ativistas que

¹⁰⁴ O nome do interlocutor foi alterado.

liam livros liberais e que compartilhavam dos posicionamentos dele.

A ideia de protagonismo contribuiu para a compreensão do engajamento no contexto dos núcleos liberais e para o crescimento dos quadros de participantes. Os jovens que se engajam ao liberalismo e passam a participar de *assemblages* liberais estão em busca de vertentes que representem seus posicionamentos, além disso, possuem uma aspiração em exercer um protagonismo político. Atrelados ao protagonismo estão certos modelos de conduta e argumentação ancorados em determinados aparatos de justificação (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 1991).

Na perspectiva de Boltanski e Chiapello, existe um imperativo constante para a criação de aparatos de justificação que mantém o engajamento dos indivíduos. E para que o engajamento seja interessante, a perspectiva que este acarreta “precisa ser-lhes apresentado em atividades que possam ser qualificadas de ‘estimulantes’, capazes de oferecer possibilidades de auto-realização e espaços de liberdade de ação” (1991, p.48). As justificativas mobilizadas no universo de engajamento liberal estão alinhadas com um discurso capitalista. Portanto, a formação política, econômica e o recrutamento de jovens para ações de formação e difusão do pensamento liberal são fundamentais para a elaboração e difusão dos argumentos justificativos. O principal deles, o *empreendedorismo*, será desenvolvido no tópico seguinte.

3.4 Projetos e produtos nos *assemblages* liberais: colocando em prática o que se reivindica

Queremos mostrar que o liberalismo não é só aquilo que se compartilha no Facebook. A frase anunciada pelo ativista Nycollas mostra a aspiração dos núcleos liberais por organizar ações para além das redes sociais na internet. Nesse caminho, uma das principais *atividades* empreendidas pelos *assemblages* liberais é a criação de projetos que consistem na organização de eventos, palestras, imersões, conferências, protestos, artigos e atuação na internet.

Podemos compreender esse universo a partir da categorização de “cidade por projetos” de Boltanski e Chiapello. Na cidade por projetos, o elemento da *atividade* é central para medir o grau de grandeza das pessoas e das coisas (19991, p.141). A *atividade*, segundo os autores, “tem em vista gerar projetos ou integrar-se em projetos iniciados por outros [...]” contribuindo para a formação de *redes* que possuem o objetivo de aproximar coisas e pessoas a fim de que um projeto seja gerado. Isso evidencia uma peculiaridade dos *assemblages* liberais. O horizonte dos núcleos é muito mais corporativo do que político, já que em geral rejeitam as

formas, os valores, o modus operandi da política – ou o fazem na maioria dos casos.

A *Conferência*, um evento organizado anualmente pelo Instituto Atlantos, tem sido considerada um dos maiores *produtos* do grupo. Com a participação de convidados nacionais e internacionais, cada edição possui uma temática específica¹⁰⁵. O núcleo também produz o evento *Atlantos Experience*, que consiste na apresentação de painéis com convidados locais e busca a imersão em determinado assunto, em 2017 o tema foi: empreendedorismo.

Os projetos propostos pelos núcleos são reestruturados ao longo de suas trajetórias e do percurso dos próprios ativistas. Assim como na “cidade por projetos” evidenciada por Boltanski e Chiapello, no contexto dos *assemblages* liberais o que importa é “desenvolver a atividade [...]; nunca estar sem projetos ou ideias” (1991, p.145). E são essas atividades mutantes que demarcam, inclusive, as trajetórias de mudança dos núcleos e ativistas liberais.

Segundo Nycollas, existem alguns elementos que mudaram no horizonte dos agrupamentos que integra e participa. *Precisamos deixar claro nesse momento, o debate entre liberais e intervencionistas, seja de esquerda ou de direita. Nós queremos a diminuição do Estado porque achamos que o Estado se mete demais na vida do indivíduo. Nós queremos a primazia do indivíduo sobre os grupos [...] a minha pauta é de gestão e um pouco mais preocupada em como a intelectualidade liberal está sendo propagada. Nós queremos preparar grupos e dar ferramentas para se tornarem instituições no futuro.* O ativista também pontua a existência de um objetivo político. *Nós temos como objetivo primordial eleger políticos liberais que entrem no Estado com a ideia de diminuir e tornar eficiente a máquina estatal.*

Outro projeto central é a formação de lideranças. Ela consiste em um dos investimentos futuros dos agrupamentos. A mudança de perspectiva ocorreu porque os ativistas começaram a perceber que o aspecto de formação não estava sendo privilegiado como deveria. De acordo com Nycollas, *não tínhamos sentado para conversar sobre [...] e pensávamos tá, nós já fizemos nossa torre de marfim e como vamos sair daqui e levar isso para o resto da sociedade?* Esses problemas vêm sendo contornados pelos núcleos através da elaboração de projetos.

Além da formação de lideranças, um elemento que se torna central no engajamento liberal é o recrutamento dos chamados *parceiros*, *voluntários* ou *mobilizadores*. Cada projeto possui integrantes e ativistas *voluntários* que auxiliam na execução deste. Assim como na

¹⁰⁵ Na primeira edição tinha como mote a frase “A menor minoria do mundo é você. Já no segundo ano tinha como temática “1917 – 2017: Da revolução do Estado à revolução do mercado”. E em 2018, última edição, teve como discussão a “Política sem romance: por que políticos mentem e eleitores não aprendem”.

cidade por projetos, o que importa é desenvolver atividades, ou seja, nunca estar sem projetos, sem ideias, ter sempre algo em vista, em preparação, com outras pessoas cujo o encontro foi ensejado pela vontade fazer alguma coisa (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 1991, p.142). Os autores pontuam que o engajamento por voluntariado potencializa os atributos da cidade por projetos, já que seus engajados podem escolher os projetos a que querem se vincular. Nos *assemblages* liberais acontece de forma semelhante. Como o caso de Ricardo, que se considera uma pessoa *sempre disposta a ajudar nas ideias liberais*. O ativista já participou de quatro núcleos liberais, seja como *membro* ou como voluntário.

Os projetos e os conteúdos do Atlantos são elaborados de acordo com o público que se deseja atingir. Segundo Lucas, no Facebook eles apresentam um conteúdo diferente dos eventos, um conteúdo *um pouco mais mastigado* juntamente com uma referência para que os interessados possam se aprofundar. Ele explica que, *é mais mastigado porque tem que se disseminar, já as palestras são um pouco mais aprofundadas em um tema. E o livro (que estão produzindo atualmente) é para o pessoal que vai mais longe*. A disseminação do argumento liberal também está em consonância com o apresentado pela *cidade por projetos*. Boltanski e Chiapello assinalam que *a cidade decai quando a rede deixa de ser ampliada e, fechando-se em si mesma, é proveitosa a alguns, mas já não serve ao bem comum* (1991, p.153).

Sobre os projetos desenvolvidos pelos núcleos da política como, por exemplo, o Livres, estão projetos sociais, projetos de políticas públicas e formação de lideranças. O núcleo passa a ter um foco no espaço acadêmico, ambiente em que atuava pouco até o momento. Segundo Juan, *o Livres está buscando crescer, ampliar o seu alcance para que possa servir de fato como uma ferramenta de ideias para transformar a vida de outras pessoas, assim como transformou a minha [...]; esse é o papel do liberal, fazer com que suas ideias tenham um alcance maior*. Os projetos desenvolvidos pelo núcleo têm como mote a difusão do pensamento liberal através da política e da inserção e eleição de ativistas liberais.

Os grupos liberais se agregam e dialogam por possuírem um objetivo comum: formar, divulgar e debater as ideias liberais. Por isso, além de protestos, uma das atividades em que os grupos mais se unem é na promoção de palestras e debates sobre temas econômicos e políticos que sejam discutidos a partir da ótica liberal. Existem figuras que costumam circular por mais de um grupo, ou seja, participam de um núcleo como *membro* e de outros como

mobilizadores ou *voluntários*. Um grupo liberal é produzido por uma série de relações e práticas. A diversidade de propostas, dinâmicas e ativistas no contexto dos núcleos locais, fazem com que estes sejam percebidos enquanto *assemblages*. Grupos fluidos e que estão em constante modificação.

4 ETNOGRAFIA DE EVENTOS LIBERAIS: A PRODUÇÃO DE PROTESTOS, PALESTRAS E CERIMÔNIAS

Os núcleos liberais são suscetíveis a conflitos, rupturas e readequações, aspectos que contribuem para a constante transformação. Uma das estratégias adotadas pelos núcleos liberais para contornar críticas e paradoxos é precisamente a produção de eventos e de repertórios de ação. Essas performances são conduzidas a partir de uma lógica da produção do encantamento, e não da coerção. Os ativistas apropriam-se de repertórios de áreas como o marketing, publicidade e gestão empresarial. Os repertórios e performances fazem parte não só da dimensão do engajamento, mas também da forma como os ativistas liberais se produzem e são produzidos. Há uma lógica do encantamento observada nas incursões em campo, que mostra que a produção do engajamento suscita não só a formação dos núcleos e ativistas, mas também a produção de ilusões e, sobretudo, de eventos organizados nas ruas, universidades, centros administrativos e até *online* nas redes sociais.

O presente capítulo trata da centralidade desses eventos para os núcleos liberais, principalmente no estabelecimento das ideias e projetos dentro de suas perspectivas. Seguindo Mariza Peirano, é possível afirmar que os eventos também possuem destaque em termos analíticos, pois consistem “no acontecimento ‘then and there’. Sempre tangíveis, às vezes esperados, outras vezes meros acasos, produzindo revelações ou perplexidade” (1992, p.8). A coletânea sobre os rituais e eventos contemporâneos organizada pela autora abrange uma série de artigos com contextos etnográficos que evidenciam grupos políticos ou atores que possuem alguma relação com o universo da política.

A dimensão que a organização de eventos tomou no universo liberal fez com que essa pesquisa fosse, também, uma etnografia de eventos que buscam a promoção e difusão do pensamento liberal. Com isso, traço um paralelo entre os eventos e a análise de rituais para compreender aspectos presentes nessas ocasiões muitas vezes mágicas e performáticas. Realizar essa aproximação, conforme Peirano, exige esforço analítico, pois “acostumamo-nos a associar rituais a performances auspiciosas”. Como proposta alternativa, a autora considera três aspectos que demarcariam essa conformidade:

os nativos marcam esses momentos como distintos dos acontecimentos cotidianos; trata-se de uma performance coletiva para atingir determinado fim e embora aparentemente espontâneos, irracionais e caóticos, quando analisados revelam feições antecipadas, programadas, duração determinada, traços e fase recorrentes (PEIRANO, 1992, p.35).

Para a pesquisa, o conceito de *repertório* tem sido entendido a partir do sociólogo Charles Tilly (1993, 1995 e 2008), responsável pelo desenvolvimento da trajetória do conceito, analisando suas mudanças e redefinições. Para essa discussão proponho a definição proposta por Alonso, que sintetiza de forma apropriada a composição do termo. Segundo a autora, Tilly utiliza o conceito para “designar o pequeno leque de maneiras de fazer política num dado período histórico” (2013, p.22), compreendendo práticas e símbolos que o compõem. Na percepção de Tilly existem também aspectos criativos dentro dos repertórios que podem ser apropriados e ressignificados pelos grupos que buscam pensá-los. Dessa forma, o sociólogo acaba se aproximando da concepção de *performance*.

A ideia de *performance* desenvolvida, enquanto um elemento criativo que expande a noção de repertório, pode ser pensada em consonância com a forma como estudos antropológicos concebem o termo, acrescentando-o às análises de eventos liberais. O antropólogo Stanley Tambiah (1997) realizou um estudo sobre conflitos e violência etnonacionalistas no sul da Ásia, tendo como foco as características performáticas presentes nessas ocasiões. Para ele, aspectos como modulações de voz, gestos, movimentos cinésicos, contidos nas performances, buscam obter efeitos com o objetivo de adquirir reconhecimento e adesão popular. Acrescentando outra importante contribuição para o conceito de *performance*, Schechner (2002) agrega uma visão mais dramatúrgica e teatral do conceito (DAWSEY, 2013).

Dessa forma, os eventos, através de repertórios e performances que os compõem, se tornam centrais no universo de organização liberal. Eles também demarcam momentos distintos na agenda de atuação dos ativistas. Esses acontecimentos compreendem protestos, cursos, palestras, cerimônias de premiação, entre outras ações, que são articuladas pelos grupos locais. É apreendendo a noção de ritual contemporâneo e o paralelo estabelecido entre rituais e eventos, proposto por Peirano, que busco realizar uma análise dos acontecimentos articulados pelos núcleos liberais que conformam rituais desempenhados em diferentes espaços. Buscando compreender como contribuem para a formação dos grupos, manutenção de suas ideias, criação de novas relações e engajamento de novos atores ao pensamento liberal.

4.1 Das ruas aos palcos: a ponte entre os protestos e eventos liberais contemporâneos

Apesar da organização de protestos *pró-impeachment* ter iniciado em 2014, as primeiras experiências de organização de eventos vivenciada por muitos grupos liberais,

decorreram da articulação dos protestos de março de 2015. Nesse período muitos grupos assumiam publicamente a organização das manifestações na cidade de Porto Alegre, principalmente o Movimento Brasil Livre (MBL) e o Vem pra Rua. O processo de convocação para as intervenções era realizado, sobretudo, através das redes sociais na internet. Não havia conhecimento sobre uma organização consolidada e estabelecida dos protestos na capital, o movimento aqui não possuía um porta-voz demarcado, como no caso de Kim Katagiri, em São Paulo. Apesar de, aparentemente, pulverizada em diferentes núcleos, demandas e pautas, as marchas de Porto Alegre contavam com uma organização bastante elaborada.

Compreender essa organização perpassa a noção de que “eventos em geral são por princípio mais vulneráveis ao acaso e ao imponderável, mas não totalmente desprovidos de estrutura e propósito se o olhar do observador foi previamente treinado nos rituais” (PEIRANO, 1992, p.8). O foco nesse momento torna-se a análise dos acontecimentos organizados por agrupamentos ditos liberais e sua contribuição para a consolidação do movimento liberal no Brasil, principalmente, para a formação dos núcleos locais. Não coube a mim delimitar a noção de eventos que encontrava em campo, mas “apenas detectar o que são, e quais são os eventos especiais para os nativos” (1992, p.9).

Em minha monografia de conclusão de curso defendida em 2015 e intitulada “Do FIFA GO HOME, ao Fora Dilma: uma análise dos protestos em Porto Alegre (2013-2015)”, busquei apresentar brevemente algumas discussões atinentes aos universos de organização dos protestos pró-impeachment em Porto Alegre, no ano de 2015. Neste trabalho, tive como um dos focos centrais a produção de repertórios e performances encontradas no acompanhamento das marchas que aconteceram naquele ano. Algumas indagações que realizei durante o trabalho de campo nos protestos perpassaram a pesquisa de dissertação, visto que considero as marchas pró-*impeachment* como um marco para a ascensão e articulação de muitos grupos liberais com os quais tive contato nessa investigação. Muitas questões não puderam ser contempladas de forma profunda, haja vista o tempo que dispunha para a escrita e elaboração do texto. Assim, abordarei neste capítulo parte dos aspectos que surgiram enquanto contestação no âmbito dos protestos de rua pró-*impeachment* e que foram fundamentais para a formação de grupos e ativistas liberais.

O primeiro deles é a relevância da concepção de uma alteridade, particularmente na ideia de articulação contra algo ou alguém. Nos protestos era possível identificar uma série de pautas, pessoas e situações que compunham o repertório de contestação. Observando cartazes,

faixas e músicas expostos durante as marchas, constatei determinados temas, pessoas, figuras e princípios que eram criticados. No carro de som de um dos grupos articuladores faixas com frases como “Fora Dilma”, “Olavo tem razão”¹⁰⁶, “Todo socialista é um ditador disfarçado”, “O socialismo dura até acabar o dinheiro dos outros”, “Não existe almoço grátis”, “Don’t tread on me”¹⁰⁷, “Somos todos Moro”, “Nós, o povo, dizemos ao governo o que fazer, não o contrário e “Menos Marx, Mais Mises”.

Foto 1: Carro de som protesto pró-impeachment em 12 de abril de 2016.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

¹⁰⁶ A frase é inspirada no autor e filósofo brasileiro Olavo de Carvalho, referência para alguns ativistas liberais.

¹⁰⁷ A frase é utilizada como símbolo anarcocapitalista e estampa a bandeira intitulada Gadsden. O emblema estampa camisetas, canecas e faixas, como o caso da exposta durante o protesto pró-impeachment na figura 1. A composição da cascavel sob a expressão demarcam a defesa da liberdade individual. O símbolo foi apropriado a partir de outros movimentos norte-americanos.

Foto 2: Carro de som protesto pró-impeachment em 12 de abril de 2016.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Entre o leque de expressões expostas nas faixas exibidas nos carros de som, destaco a “Menos Marx, mais Mises”, em razão de ter se tornado um dos maiores símbolos de contestação, criado e disseminado pelos ativistas no Brasil. A colocação produz um jogo de palavras que, curiosamente, parece ser uma adaptação da frase propagada pelo movimento Massa Crítica¹⁰⁸ “Mais amor, menos motor”. A frase, portanto, foi ressignificada pelos ativistas e se tornou um dos principais lemas dos núcleos liberais. A expressão, não só faz uso de dois símbolos concebidos como antagônicos dentro do universo liberal, como é mobilizada na qualidade de enfrentamento.

Esses símbolos demarcam uma alteridade (PT, Lula, Dilma, Estado, partidos, a política tradicional, etc.) e possibilitam a efervescência e a mobilização no âmbito dos protestos e do engajamento de muitos ativistas ao *liberalismo*. Podemos adotar as colocações de Ferro (2002) sobre a importância dos símbolos para manifestações públicas, segundo o

¹⁰⁸O Massa Crítica foi originado em São Francisco (EUA) e teve sua primeira realização em Porto Alegre no ano de 2010. Consiste num protesto que celebra o uso da bicicleta como meio de transporte e costuma acontecer na última sexta-feira de cada mês. O evento propõe que pessoas se reúnam em determinado lugar para, posteriormente, saírem de bicicleta pedalando e protestando pelas ruas da cidade, tendo como críticas principais a cultura do automóvel e o problema de mobilidade presente em grandes centros urbanos. Ver: DALPIAN, Paulo Roberto. **Um carro a menos: a contra-hegemonia e a resistência ao consumo**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Administração, UFRGS, 2013. SILVA, Renata Signoretti. **Formas contemporâneas de ativismo político: etnografia do movimento Massa Crítica**. Trabalho de conclusão de curso. Porto Alegre, Departamento de Antropologia Social, UFRGS, 2011.

autor “há el poder seductor de lãs imágenes que surgen para movilizar la historia, para hacer revoluciones, para fundar religiones, crear sismas, para hacer la guerra, soñar paraísos, habitar ciudades, contruir naciones” (2002, p.12). Para o autor, as imagens possuem “un poder irrecusable” e uma “seducción permanente”, possuem também grande capacidade metafórica e metonímica. Expando essa concepção para as composições musicais criadas e reproduzidas pelos grupos liberais.

A caracterização de músicas com críticas a Luís Inácio Lula da Silva (Lula), ao Partido dos Trabalhadores, à Cuba, ao Bolivarianismo, ao Estado, à esquerda e etc, salienta alguns dos elementos que compõem os imaginários dos ativistas liberais sobre o que denominam “esquerda”¹⁰⁹. Símbolos representativos com essas imagens, no contexto liberal, foram disseminados durante as manifestações pró-impeachment e tiveram repercussão devido ao que Segalen (1998) assinala sobre ritos políticos contemporâneos que “solo pueden surgir si todo el mundo se reconoce en los gestos y símbolos manipulados”(1998, p.113). A autora complementa que para que haja o reconhecimento dos símbolos mobilizados é necessário existir um consenso.

Algo semelhante aconteceu com as músicas e propagandas criadas durante protestos de 2015 e 2016 e em modalidades de eventos de cunho liberal. A primeira delas apropriada pelo grupo – também articulador dos protestos pró-*impeachment* – *Vem pra Rua*. O grupo empregou o mesmo nome da canção da época de sua criação, em 2014. Durante os protestos que aconteceram no Brasil em junho de 2013, a música foi entoada e estampou cartazes e faixas pelas ruas. A letra expressa versos como:

Vem vamos pra rua
 Pode vir que a festa é sua
 Que o Brasil vai tá gigante
 Grande como nunca se viu
 Vem vamos com a gente
 Vem torcer, bola pra frente
 Sai de casa, vem pra rua
 Pra maior arquibancada do Brasil
 Oooh
 Vem pra rua
 Porque a rua é a maior arquibancada do Brasil
 Se essa rua fosse minha
 Eu mandava ladrilhar
 Tudo em verde e amarelo
 Só pra ver o Brasil inteiro passar
 Vem pra rua!

¹⁰⁹ O termo está grifado entre aspas, pois se refere a um entendimento nativo deste.

Vem pra rua!
 Vem pra rua!
 Vem pra rua!

A canção foi composta em 2013, por Henrique Ruiz Nicolau, e pertence à produtora *S de Samba*, empresa de renome no mercado publicitário. Foi interpretada por Marcelo Falcão, vocalista da banda *O Rappa*, grupo brasileiro que possui composições que comportam críticas sociais e políticas bem demarcadas¹¹⁰, foi exibida na propaganda da *Fiat Chrysler Automobiles* (Fiat) para a Copa das Confederações 2013. Quando a campanha foi lançada, coincidiu com mobilizações em prol do transporte público e contra os impactos dos megaeventos esportivos, sendo apropriada e entoada nas marchas pelas principais ruas das capitais do país. A composição se tornou símbolo de protesto, e, um ano após ter sido cantada, deu origem ao nome do grupo *Vem pra Rua* que, junto com o *Movimento Brasil Livre*, articulou protestos de rua em 2014, 2015 e 2016, principalmente.

Outro caso é o exposto pela *La Banda Loka Liberal*, que possui o nome inspirado numa torcida organizada de um time porto-alegrense. A Banda recriou letras utilizando arranjos conhecidos de jingles, músicas brasileiras famosas e até cantos de torcidas organizadas. As músicas criadas direcionam críticas à Lula, Dilma Rousseff, ao PT, à Cuba, Venezuela etc. A principal delas é uma paródia de *Somos Campeões do Mundo*,¹¹¹ da torcida Geral do Grêmio, cujo letra foi objeto de discussões recentes em função do uso de termos racistas – no caso, “macaco”, para se reportar aos torcedores do Internacional.

Lula sabia de tudo
 A Dilma Rousseff também
 Chora petista corrupto
 Que nunca enganou ninguém
 Somos a banda mais louca
 A banda loka liberal
 A banda que desestatiza empresa estatal ôôô¹¹²

A reinterpretação nos protestos era acompanhada pelo som de tambores e outros instrumentos e tinha como objetivo, segundo um participante: “trazer alegria para os protestos”. Durante as manifestações em Porto Alegre, o carro de som que levava a Banda era

¹¹⁰ Um das letras comporta trechos como: “Ganância demais, Chuva não tem mais, Roubo demais, Política demais, Tristeza demais, O interesse tem demais” (Súplica Cearense – O Rappa).

¹¹¹ *Somos campeões do Mundo/E da Libertadores também/Chora macaco imundo/Que nunca ganhou de ninguém/Somos a banda mais louca/A banda louca da Geral/A banda que corre/Os macacos do Internacional.*

¹¹² Disponível em <https://www.letras.mus.br/la-banda-loka-liberal/lula-sabia-de-tudo/>. Acesso em: 08 jul.2015.

seguido por centenas de pessoas que rapidamente decoraram a letra e acompanhavam em coro o grupo. Apesar de não concordar com a letra, memorizei rápido, muito possivelmente por ser torcedora do *Grêmio* e conhecer a versão original.

Das ruas para os palcos, a mudança do contexto de articulação sobreveio do enfraquecimento dos protestos e da percepção de uma oportunidade para proposição de projetos que difundissem o liberalismo, adquirindo um alcance para além das manifestações. Assim, surgiram muitos núcleos locais com o objetivo de organizar e promover modalidades de eventos variados. Os pilares das novas organizações passam a ser a instrução e formação de núcleos e ativistas, depreendendo-se que os protestos pró-impeachment oportunizaram a ampliação, o desenvolvimento e a visibilidade de núcleos liberais locais em diferentes cidades do Brasil.

Do mesmo modo, possibilitaram a aproximação e conexão de aglomerados que dificilmente congregariam em outra conjuntura. Esta afirmação não desconsidera que muitos agrupamentos se reuniam anteriormente, ela evidencia que os protestos pró-impeachment fomentaram a articulação de núcleos liberais locais, oportunizando a criação e o exercício de novos projetos de difusão de ideias liberais.

Uma das principais proposições dos grupos torna-se a promoção de modalidades de eventos como cursos, palestras, conferências e cerimônias com o objetivo de formar, divulgar e difundir o pensamento liberal, principalmente em universidades, percebido pelos ativistas enquanto um espaço importante a ser ocupado. A maioria dos núcleos mapeados para a pesquisa tinha alguma relação com a universidade, pois grande parte das lideranças, membros e participantes são estudantes de ensino superior. As instituições de ensino podem operar como sedes dos grupos ou somente como local para a realização de suas atividades. A partir de um levantamento inicial realizado pela pesquisa é possível afirmar que, no caso do Rio Grande do Sul as universidades consideradas de maior status possuem núcleos liberais sediados.

Em 2013 eu conhecia todos os liberais de Porto Alegre, hoje eu não posso nem prever quais são os grupos que estão operando aqui. O mapeamento elaborado no início da pesquisa sofreu modificações devido à criação, coalizão e extinção de núcleos, o que corrobora o uso do conceito de assemblages, já explicitado anteriormente. Todavia, a relação de agrupamentos e universidades evidencia que, no ano de 2015, algumas das principais instituições de ensino do estado continham ao menos um núcleo liberal.

Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), por exemplo, um grupo

chamado *Liberals da UFRGS*, foi criado após o primeiro levantamento, de 2014. Também foram registrados grupos locais em entidades como a Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e na Universidade de Brasília (UnB). No caso do Rio Grande do Sul, é perceptível que as instituições de ensino superior consideradas de maior prestígio no estado possuem um núcleo liberal atuante. E o número aumenta se considerarmos nessa listagem os grupos e páginas criadas nas redes sociais da internet. Ao longo da pesquisa participei de dezenas de grupos de discussão acerca do pensamento liberal que existiam somente no meio virtual.

Portanto, não há bem uma “disputa” demarcada entre os grupos estudantis, dentro do espaço universitário, já que o grande público dos núcleos liberais está concentrado em cursos e ambientes específicos, como salientado por Nycollas no capítulo 3. O que não quer dizer, que não existam liberais nas ciências humanas ou em outras áreas, e sim que existem cursos mais receptivos ao pensamento liberal que outros. Mas essa relação é um pouco imprecisa, já que sobre a produção escrita, Nycollas evidencia que nós não somos um grupo acadêmico. *Nós não estamos dentro da academia, nós não estamos produzindo artigos científicos. Esses artigos são de consumo das massas. Quem quiser conhecer, vai vir até nós para ter essa porta de entrada.*

Os eventos são considerados pelos ativistas enquanto “o maior produto oferecido”, frase expressa por Nycollas durante uma de nossas conversas. Pois é a partir deles que os núcleos ganham visibilidade e maiores interessados, além disso, a promoção de eventos está em consonância com os principais objetivos dos núcleos liberais, a formação e difusão de suas perspectivas. Os núcleos possuem uma série de *produtos*: eventos, palestras, imersões e conferências. Esses acontecimentos são atravessados por elementos performáticos que configuram repertórios compartilhados, fazendo com que existam muitas semelhanças entre as propostas de diferentes núcleos liberais, tendo em vista que esses repertórios e performances partem das mesmas matrizes de formação. Como já evidenciado, os núcleos locais estão conectados em circuitos interligados de práticas e formações.

4.2 Os repertórios e as performances liberais

A centralidade dos eventos no âmbito das organizações liberais suscita a articulação e exposição de repertórios e performances que são colocados em prática nessas ocasiões. Percebi esse aspecto logo na primeira participação que realizava, em uma palestra de cunho liberal. As roupas sociais, como ternos e gravatas, a forma como se portavam, as colocações

jocosas e os discursos, provocavam meu olhar, que já possuía certo interesse nos elementos performáticos. No entanto, existem eventos liberais em que os repertórios e as performances são mais acentuadas, principalmente as Conferências e os Congressos Nacionais, como os casos etnográficos trazidos neste tópico.

Abaixo segue a lista de todos os eventos liberais em que realizei observação participante. Muitos deles tiveram programação de mais de um dia.

Tabela 4: Eventos liberais

Evento	Ano
Protesto pró-impeachment	2015
Protesto pró-impeachment	2015
Protesto pró-impeachment	2015
Protesto pró-impeachment	2016
Protesto pró-impeachment	2016
O estado de Bem Estar social	2015
Palestra: capitalismo x socialismo	2015
I Conferência Atlantos	2016
Previdência: Por que isso ainda é um problema	2016
Conferência Nacional dos Estudantes pela Liberdade	2016
II Conferência Atlantos	2017
Livres para escolher: Friedman e a Liberdade de Mercado	2017
Manifestação 26 de Março Porto Alegre Parcão	2017
Oficinas da liberdade (Liberdade e tecnologias	2017
30º Fórum da Liberdade	2017
31º Fórum da Liberdade	2018

Fonte: A autora.

Todas essas contribuições podem ser utilizadas para pensar elementos criativos e dinâmicos presentes nos eventos liberais que serão evidenciados em seguida. O objetivo é abordar as particularidades a partir da experiência etnográfica vivenciada em dois eventos considerados centrais para a articulação de grupos liberais.

4.2.1 A conferência nacional: performances de premiação e a produção de ativistas

“Oportunidade única para interagir e criar laços diversos dentro e fora do evento”. A frase acima fez parte da chamada utilizada para a divulgação da Conferência Nacional do grupo Estudantes pela Liberdade, em 2016. Recebi o convite através do e-mail encaminhado pela própria organização. A Conferência é um dos eventos anuais mais importantes na agenda

dos núcleos liberais locais. Assim como na sua chamada “há cinco anos unindo liberais de todo o Brasil”, a reunião tinha como objetivo principal a congregação de núcleos e ativistas *parceiros* do EPL.

A Conferência foi realizada na cidade de Belo Horizonte, com a participação de núcleos locais sediados em diferentes estados brasileiros. O evento estava previsto para acontecer em dois dias, na sexta-feira, com um coquetel com exposição de obras de arte e a exposição de um fotógrafo e ativista liberal internacional. A participação nessa ocasião requeria a compra de um convite à parte do pagamento da inscrição para a conferência.

O local escolhido para a realização do evento chamou a atenção. Ao invés de ser realizado numa universidade, como comumente acontecia em Porto Alegre, foi empreendido no centro de conferências *The One Business Center*, localizado no bairro Luxemburgo, em uma região corporativa da cidade. O prédio, que comporta 19 andares, dispunha de salas para a realização de reuniões de negócios e um centro de eventos com capacidade máxima para 380 pessoas, espaço onde foi realizada a conferência. Em frente ao prédio havia uma concentração de *foodtrucks* contratados pela própria organização do evento para a alimentação dos participantes. A escolha dessa modalidade de empreendimento é uma prática bem comum percebida nos eventos de cunho liberal, a intenção está relacionada com o posicionamento dos ativistas liberais sobre iniciativas de negócio, como o caso dos *foodtrucks*. Esses empreendimentos e seus propósitos estão em consonância com uma das pautas mais defendidas pelos núcleos liberais, o *empreendedorismo*.

Ao dirigir-me ao espaço de credenciamento, precisei registrar, novamente, meu nome, endereço, e-mail e assinar a lista de presença. Recebi, em seguida, uma credencial. Após o evento, era disponibilizado por e-mail um certificado de horas complementares que poderia ser utilizado para equivalência de atividades extracurriculares na universidade.

Foto 3 - Credencial Conferência Nacional.

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Na maior parte do tempo, acompanhei a conferência sozinha. Nenhum interlocutor da cidade de Porto Alegre estava presente na ocasião. Durante o acontecimento, conversei com diferentes pessoas e pude observar como se dava na prática um evento nacional desse cunho. Minha participação nessa solenidade foi de extrema importância, pois pude visualizar semelhanças e diferenças entre grupos liberais de diferentes cidades, participar do maior evento liberal estudantil do Brasil e constatar algo central na dinâmica de eventos liberais nacionais: a importância das premiações para as melhores iniciativas.

Sobre os participantes, muitas semelhanças com o observado nos eventos realizados em Porto Alegre. Jovens, estudantes, maioria homens, pouca presença de mulheres, vestimentas formais como ternos, gravatas e camisa de botão. Os assentos já estavam quase todos ocupados, logo no início da conferência. À minha frente, um palco, dois telões, uma estrutura para microfone e três poltronas brancas, lugares destinados aos conferencistas do dia. Enquanto aguardávamos a abertura do evento, fotos dos encontros passados eram expostas no telão e uma gravação citava uma lista de instituições financiadoras do evento, a

maioria delas estampada nos cartazes e na própria credencial que recebemos. Alguns dos patrocinadores estavam presentes na solenidade para compor uma banca responsável pelas premiações dos projetos que seriam financiados posteriormente.

Foto 4: Conferência Nacional.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

É comum que na abertura desses eventos ocorra a participação de algum comediante ou ator contratado. Nesse caso, a apresentação foi realizada por um show de *Stand-up Comedy*. “Desculpa pelo atraso pessoal. É que me disseram que saindo do hotel eu virava à esquerda, mas eu não vou para a esquerda nem por engano, então preferi fazer toda a volta”.

A comediante contratada parecia à vontade com o público, principalmente porque já havia participado da conferência em outros anos. O repertório do espetáculo era composto por anedotas e piadas sobre economia, política e sociedade, mas principalmente sobre os políticos do país. Envolvendo o público, que ria incessantemente, a atriz emendava uma piada na outra. *Quem aqui é do Rio de Janeiro? Porque vocês estão f* ou é o Freixo ou é o Crivela*. Essa colocação, que gerou grande efervescência e aceitação no grupo, assim como outras relacionadas a políticos como Lula e Dilma, partidos como PT, PMDB e países como Cuba e Venezuela – que constantemente são mobilizados em tom de jocosidade – foram utilizados na composição do repertório da comediante.

Após o espetáculo inicial, que busca proporcionar um estado de descontração no público, são iniciados os painéis temáticos propostos para o evento. Durante esses debates

acontecem o que venho denominando de *performances de premiação*. Esse tipo de evento é singular porque está calcado na ideia de celebração e premiação dos núcleos e ativistas destacados ao longo do ano. Ao invés de somente realizar a apresentação e o debate das ideias, como comumente ocorre nos eventos locais, há uma premiação para a melhor forma de como esse processo é feito e apresentado ao vivo.

Assim, compreendi que não são somente os debates e cursos de formação que produzem os ativistas liberais, mas as *performances de premiação* colocadas em prática durante essas celebrações. Pois, através da melhor performance e desempenho, o ativista é premiado com uma quantia em dinheiro, podendo investir em projetos que possuam como mote o pensamento liberal. Ademais, esse viés de destaque e recompensa está imbricado na lógica de atuação liberal, que possui como uma das pautas principais a *meritocracia* e o reconhecimento do mérito.

A primeira performance que destaco é a denominada *Shark Tank* e consiste na avaliação de projetos apresentados por jovens *empreendedores* que promovam “iniciativas liberais”. Os projetos são entregues antecipadamente, avaliados e julgados segundo critérios pré-estabelecidos. Contudo, é a performance no palco, realizada em frente a três jurados *investidores* num período de dez minutos, que definirá a escolha do projeto vencedor. *Inicialmente era um site e um blog que tinha o objetivo da promoção do discurso libertário, mas com uma atenção voltada para causas sociais. Isso foi em 2013, outubro de 2013 e posteriormente a gente atingiu em 2015 a marca de 20 mil likes no Facebook. E a gente decidiu que a gente queria ser um pouco mais ousado e decidimos mudar um pouco a linha editorial, uma linha editorial que tem como missão a racionalização do debate público brasileiro, tanto político quanto econômico. E a forma como a gente pensou em atingir isso é por meio de um laboratório de políticas públicas [...] Já que o governo brasileiro arrecada tanto dinheiro porque então não racionalizar o dinheiro que ele arrecada por meio de políticas públicas melhores. Uma forma que a gente faz isso na nossa fan Page no Facebook [...] Então duas ou três vezes na semana a gente publica um gráfico do dia, onde a gente tenta racionalizar um pouco o debate público brasileiro [...] A gente de vez em quando se envolve em algumas polêmicas [...] Repercussões recentes, a gente foi convidado pelo Pânico na TV, por causa de trabalhos que nós fizemos, falamos da tese do Piketty, nosso pesquisador chefe que fez, repercutiu na Exame, no InfoMoney, o assunto do momento que é a PEC241, a gente publicou um artigo essa semana falando sobre isso e que está repercutindo.*

Junior¹¹³, uma liderança local do Espírito Santo, também apresentou inúmeros artigos e materiais produzidos por seu grupo, dados financeiros e orçamento de sua proposta. O prêmio de cinco mil reais, ao qual estava concorrendo, destinava-se ao pagamento de um contador e a elaboração de um financiamento coletivo na internet, visando à ampliação de seus projetos. A modulação de voz, os gestos e o próprio vocabulário utilizado por Junior, chamavam atenção pelo bom desempenho e desenvoltura no palco. Contudo, o que contribuiu significativamente para a boa execução da cena foi a apresentação dos gráficos e do orçamento, bem como a objetivação dos gastos e lucros através das tabelas. O jovem compartilhava de um vocabulário empresarial, ou seja, ele sabia “falar a língua dos investidores”.

A estratégia apresentada acima buscou evidenciar a objetividade do projeto e da proposta, diferentemente de outra performance concorrente, que relacionou um discurso emocional a um planejamento racional. O estudante iniciou sua fala evidenciando que *a gente começou em duas universidades, como eu estava falando, hoje, a gente está em cinco. A gente promove cursos de formação, tudo pago com professores universitários para os nossos membros. A gente promove encontros de lideranças, a nossa página no Facebook já tem 45 mil likes. Um milhão de pessoas são alcançadas por semana. Lá em Porto Alegre de 23 vereadores adivinha quantos se consideraram liberais na última eleição? Nenhum! Nessa eleição, quatro. No campo das ideias a **formação de lideranças** também foi incrível, têm pessoas atuando pelo Brasil inteiro, **graças ao nosso trabalho**. Bom, eu estava satisfeito com o trabalho, a gente estava impactando, via **resultados** [...] E a grande questão é que eu descobri que só ideias não iam concertar o mundo. E que falta uma coisa chamada **educação financeira**. E **educação financeira é extremamente importante para os mais pobres** [...] **A gente precisaria como recurso básico uns mil reais** [...] **A gente precisa de eficiência**, que é o que mais tem e de **recursos**. **Eficiência a gente tem, nós precisamos de recursos. Para que seriam utilizados esses recursos?** Primeiro, precisaríamos de professores especializados em finanças. Eu tenho um **network** dentro do mercado financeiro e com professores de universidades, nós estamos em mais de cinco universidades [...] E a **mudança** que isso pode fazer é uma coisa incrível. Imagina o cara que perdia 10% do dinheiro dele em um ano aprender que, por exemplo, se ele está deixando o dinheiro na poupança ele está perdendo para a inflação. Ou que título de capitalização não é investimento. Mas a questão não é bem essa. **Esse simples projeto é fácil de ser executado, e vai ser executado, dependendo de***

¹¹³ O nome do participante foi trocado.

vocês, e pode mudar a vida de milhares de pessoas.

As palavras e colocações de Caio, liderança do Rio Grande do Sul, evidenciam a dimensão da emoção e sensibilização, em conjunto com disposições e concepções racionalizadas de um discurso empresarial e mercadológico. Tal performance conciliou a apresentação de proposta, resultado e impactos sociais significativos, sendo a escolhida como premiada pelos *investidores*.

A segunda *performance de premiação* que destaco é denominada *Elevator Pitch* e consiste na simulação de uma conversa de elevador. O participante deve apresentar, durante um minuto, o que considera *ser liberal*. A performance melhor sucedida seria premiada com a quantia de mil reais. Destaco alguns elementos fundamentais que fizeram com o que a performance premiada fosse a de Matheus, participante do núcleo de Brasília. *Eu posso ser eu, isso parece ser uma coisa óbvia, uma coisa básica, isso todo mundo sabe. Mas em diversos locais do mundo, você não pode ser você. Aqui no Brasil algumas pessoas não podem ser gays, por exemplo, com medo de represálias. Na Coreia do Norte as pessoas não podem empreender, você tem diversos locais em que as pessoas não podem ser elas mesmas. Eu defendo a liberdade porque eu me defendo e vocês defendem a liberdade porque vocês querem defender e podem ser o que quer que queiram. E é através desse processo, de eu poder me tornar o que quiser e vocês também, que nós podemos depois trocar algumas figurinhas, algumas ideias e com isso obter novos insights e obter uma sociedade mais original e com isso não aumentar só o desenvolvimento, mas também como diria o Milton Friedman a harmonia e a paz entre as pessoas do mundo.*

Matheus, além de ter executado sua performance de forma segura, com entonação de voz clara, utilizou recursos e aspectos que causaram impactos na platéia, gerando aplausos e aprovação. Ainda, o jovem estudante universitário também mobilizou um repertório de termos e conceitos que passei a perceber em todas as iniciativas premiadas: a liberdade individual, empreendedorismo, mudança na sociedade e a citação de um autor cultuado dentro do universo liberal. Todos esses aspectos demonstram que Matheus dominava um leque de pautas e vocabulários compartilhados dentro dos núcleos liberais, o que resultou na identificação do público e dos jurados.

O último momento da cerimônia contou com a premiação pelas iniciativas desenvolvidas por parceiros ao longo daquele ano. O que chamou minha atenção foi o número de mulheres que estavam concorrendo aos prêmios, principalmente ao de *estudante liberal do ano*, que foi disputado somente por estudantes mulheres. Também pude conhecer diversos

projetos e proposições dos núcleos liberais que nem imaginava que estavam sendo desenvolvidos. Como um intercâmbio para a participação de jovens em cursos e palestras internacionais e aulas de defesa pessoal para mulheres universitárias, considerando casos de violência ocorridos em instituições de ensino, entre outros.

Acompanhando as performances durante os painéis expostos na conferência, percebi que alguns elementos faziam parte de todas as performances que causaram impacto na platéia ou que receberam alguma premiação. Todas utilizavam um repertório vindo de áreas como marketing, administração, economia, etc. Os apresentadores ancoravam-se em palavras, termos e na apresentação de possíveis resultados decorridos de seus projetos. Como ressaltei, pareciam falar uma língua comum, compartilhavam de um repertório empresarial.

Utilizando as contribuições de Boltanski e Chiapello (2009) sobre os elementos presentes na literatura de gestão empresarial, percebo que os repertórios mobilizados pelos ativistas ao apresentar seus projetos, estão em consonância com o que os autores demonstram sobre a dimensão do lucro nos escritos analisados, ou seja, a *performance de premiação* também visa *ser atraente, interessante, estimulante, inovadora ou meritória* (2009, p.85). Mesmo que o material analisado pelos autores seja escrito, ao passo que aqui falo sobre apresentações, percebo também uma convergência nos discursos nos eventos acompanhados, como que apontam, assim como para os autores, que no âmbito das *performances de premiação* se destacam os repertórios que apresentam certa novidade, como o do ativista que compôs sua apresentação utilizando tanto conceitos do mundo empresarial, quanto buscando mostrar uma dimensão emocional e de impacto social no seu projeto.

Além das *performances de premiação*, os eventos proporcionam que grupos e ativistas liberais se conectem e troquem experiências, mantendo as conexões presentes no circuito nacional de agrupamentos liberais. Como é o caso do Fórum da Liberdade, considerado um dos maiores eventos liberais da América Latina, realizado em Porto Alegre. O Fórum possui grande relevância dentro do movimento liberal, pois é um momento de reforço das ideias e dos canais de comunicação entre diferentes instituições liberais. Para os núcleos liberais locais, a ocasião representa um momento não só da promoção do pensamento liberal, mas das suas propostas e projetos.

4.2.2 *Etnografando o Fórum da Liberdade: “a vitrine dos grupos liberais”*

A colocação que inspirou o subtítulo desse tópico foi feita por uma interlocutora durante uma conversa nos *bastidores* do 30º Fórum da Liberdade (FL) ocorrido no Centro de

Eventos (CEPUC) na Pontifícia Universidade Católica (PUC-RS). Foi a partir dela que compreendi a importância de eventos como este para os núcleos locais. O Fórum, naquele ano, tinha como palestrantes principais o prefeito de São Paulo, João Doria, o vereador e criador do Movimento Brasil Livre, Fernando Holiday; e o filósofo Luiz Felipe Pondé. Também contava com a participação de professores, empresários, políticos e lideranças locais. A inscrição para o evento foi realizada pela internet, com valor reduzido para estudantes. Combinei de acompanhar o evento com um colega de faculdade que havia se comprometido em me apresentar algumas pessoas de suas redes de relações e que estavam ligadas, em alguma medida, com núcleos liberais. Acompanhar o Fórum com esse colega me deu acesso a um espaço importante de interlocução do evento, os *bastidores*.

Entrando no saguão central observo que fora da sala de conferências principal havia uma movimentação com uma série de *stands* de institutos, empresas, núcleos que possuíam projetos em consonância com o pensamento liberal. O primeiro era do *Instituto Misses Brasil*, importante instituto brasileiro de atuação liberal. Três modelos femininas e um homem conversavam com jovens que se concentravam em frente ao empreendimento. Avistei dentro do *stand* telões com frases de autores liberais, livros e produtos para comercialização. Enquanto as mulheres mostravam canecas e camisetas disponibilizadas pelo Instituto, o homem conversava com os jovens que compraram livros e ganhavam uma sacola personalizada. Os outros expositores seguiam uma lógica bem parecida, com comercialização de livros e produtos exclusivos.

Foto 5: Ilha de inovação 30º Fórum da Liberdade.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Foto 6: Saguão principal e stands 30º Fórum da Liberdade.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Enquanto acompanhava as palestras e conferências realizadas no palco principal, observava a circulação de entrada e saída do salão principal. Buscando averiguar esse fluxo, me dirijo para o *hall* de entrada e me deparo com um evento à parte que acontece além dos palcos. Pequenos grupos de jovens debatendo, apresentando seus grupos e projetos, dando entrevistas, gravando vídeos etc. A disposição de *foodtrucks*¹¹⁴, para a comercialização de alimentos, prática bastante difundida em eventos de cunho liberal, também foi percebida durante o Fórum.

Foto 7: Food Trucks no Fórum da Liberdade.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Com isso, compreendi a frase expressada pela interlocutora “isso aqui é a vitrine dos grupos liberais”. Nenhum daqueles jovens tinha acesso ao palco principal, e acredito que essa não fosse entendida por eles enquanto uma boa estratégia. Nos *bastidores*, os ativistas divulgavam seus produtos, projetos, estabeleciam conexões com outros grupos e instituições e podiam dialogar com o público interessado em suas propostas. Ou seja, esse era o momento privilegiado para se promover.

Isto posto, a produção dentro do universo dos núcleos liberais se dá de forma múltipla

¹¹⁴ A pauta da regulamentação dos foodtrucks tem sido, atualmente, uma demanda presente entre os núcleos liberais.

através de agrupamentos, ativistas, eventos, projetos, performances encantadoras, entre outros. Como afirma Balandier: “qualquer universo político é um cenário ou mais genericamente um lugar dramático em que são produzidos efeitos” (1980, p.63). No universo liberal não seria diferente. Produzir o engajamento de ativistas atravessa a necessidade de criação de eventos, mas também de elementos ilusórios que muitas vezes serão colocados em prática nas diferentes ocasiões e rituais organizados.

A produção do encantamento está em total consonância com o universo político já estabelecido, o qual não é possível de ser pensado sem encanto, sem a *relação encantada, aillusio* como é concebida por Pierre Bourdieu, sem estar, conforme o autor, “preso ao jogo, envolvido no jogo, levar o jogo a sério” (1996, p.163). Ou seja, considerar que a propriedade ilusória faz parte desse universo e que não se faz política sem ilusões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O enfoque deste trabalho consistiu na compreensão do engajamento de atores liberais no contexto de Porto Alegre. Esse movimento engloba uma série de sujeitos e instituições que se conectam, mas que ao mesmo tempo buscam certa autonomia dentro desse universo. Podemos listar entre os envolvidos: grupos liberais, institutos liberais, empresas *apoiadoras*, think tanks e até o próprio Estado.

O principal prisma do *movimento liberal* e, especificamente, os grupos liberais que constituem esse campo, têm sido a elaboração e difusão de projetos que abordam a perspectiva liberal, ou seja, projetos que buscam de alguma forma divulgar e engajar pessoas ao *liberalismo*. Com isso, o que começou como uma mobilização em prol de determinadas causas, como o *impeachment* e *contra corrupção*, ganha hoje formato de empreendimentos que buscam a realização de um propósito: a difusão das ideias, autores e perspectivas liberais com vistas à constituição de um *liberalismo* econômico e político na sociedade brasileira.

Utilizando discussões interdisciplinares entre Antropologia, Sociologia e Ciência Política, busquei refletir as dinâmicas implicadas em parte do *movimento liberal*, fazendo um recorte nos grupos, seus *repertórios* e *performances*. Com dados e informações obtidas através de observações participantes em diferentes modalidades de eventos liberais – tais como: palestras, cerimônias de premiação e intervenções urbanas como manifestações; coleta de dados na internet – e conversas informais com interlocutores, busquei contextualizar os grupos liberais, discutir o universo de organização e as dinâmicas implicadas nele como o protagonismo e engajamento no mundo da política. Não menos importante foi o destaque dado a esse protagonismo e engajamento liberal com outras formas de atuação na esfera pública, ocasiões nas quais valores e discursos consolidados no espectro do Mercado são disseminados também na política.

O engajamento liberal opera como uma modalidade de protagonismo político, social e intelectual; o modelo de ação e muito de seus *repertórios* liberais são inspirados num modelo mercadológico. As dinâmicas no contexto liberal envolvem *repertórios* e *performances* produzindo uma conformação política singular com efeitos que influenciam no engajamento e interesse de novos indivíduos no universo de atuação política.

A transposição de um discurso da esfera corporativa para o engajamento individual ou coletivo também é evidenciado na etnografia de Sklair (2007). Uma das características de um dos projetos analisados está na “integração das práticas profissionalizantes às atividades dos

seus atores” (p.140). Tais práticas passam a ser incorporadas aos discursos dos participantes, jovens da elite paulistana que buscam aprender, participar e investir capital em instituições e programas para a redução da desigualdade social. Esses jovens passam por uma formação e construção de um engajamento que consiste no aumento da consciência e do conhecimento sobre a desigualdade social, mas também são treinados para atuar no meio filantrópico e administrar instituições filantrópicas. Ao fim da formação, o jovem se torna um “profissional do investimento social privado”.

O discurso da esfera corporativa está presente entre as organizações liberais. Os projetos dentro dos grupos precisam de *investimento, eficiência, clareza*, e podem no fim não oferecer *lucros*, mas sim *prejuízos*. As terminologias e as práticas de um universo corporativo também são incorporadas por atores do meio liberal quando buscam apresentar seus projetos. Os jovens liberais, assim como os futuros filantropos buscam uma transformação na sociedade adquirindo um protagonismo social através de suas ações.

O conceito de *ativismo* por mais modificações que tenha passado nos últimos anos não expressaria a complexidade e diversidade que compõe o *movimento liberal*. O termo implica em que exista uma causa, ou causas substanciais que motivem determinada ação. Dentro dos grupos liberais esses aspectos se tornam mais dinâmicos e fluidos. Há grupos que possuem causas mais pré-estabelecidas e discutidas, há outros que nem tanto e – na maioria das vezes – os sujeitos se posicionam individualmente com relação a pautas e causas políticas. Nesse sentido, o *liberalismo* não é visto como uma causa, mas sim como um projeto que tange diferentes aspectos entre eles pautas variadas.

O *engajamento liberal* também possui semelhanças com outras formas de *engajamento*. Mas a principal distinção do *engajamento liberal* para outros, como o político ou o social, é que seu modelo de ação está fundamentado em um modelo de mercado. Algumas pesquisas sobre *engajamento militante* ressaltam que há um problema com a relação entre trabalho, capital e militância política. Se deslocarmos o olhar para o *engajamento liberal* percebemos que as coisas que pertencem a um domínio do trabalho são transportadas para as ações dos *assemblages liberais*, não havendo um conflito maior entre capital, trabalho e participação. Há uma transposição de projetos baseados em modelos de negócio para suas ações no mundo da política.

Um exemplo disso é a relação que alguns dos grupos estabelecem com institutos e empresas privadas. Os responsáveis pelo financiamento dos projetos são chamados de *parceiros* e são sempre evidenciados no início das palestras e eventos, nas plataformas online

e até em cartazes de divulgação dos eventos. Apesar de essas parcerias fazerem parte do cotidiano dos grupos, muitas vezes, o discurso é de que os *assemblages liberais* causam mais *prejuízos* aos seus membros do que *lucros*. Alguns interlocutores relatam precisar *desembolsar* quantias para conseguir manter o grupo funcionando. Essa dinâmica é diferente nos *assemblages liberais na política*, em que as formas de financiamento não são colocadas abertamente. O que parece estar em um registro mais próximo de grupos de um *engajamento militante*.

O modelo de ação inspirado no mercado orientado por uma lógica econômica também está presente na forma como tais sujeitos pensam a política e organizam suas ações. É comum nos eventos organizados por *assemblages liberais* a presença de foodtrucks comercializando comida e bebida ou a exposição de projetos considerados empreendedores. O discurso do empreendedorismo está totalmente presente nesse universo de organização. Seus projetos são pensados a partir de pressupostos empreendedores como a ideia de *inovação*. Esses aspectos caracterizam o *engajamento liberal* enquanto uma ação política com uma racionalidade empresarial.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Angela. Repertório, segundo Charles Tilly: história de um conceito. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v.02, 03: 21-41, 2012.

BAGGIO, Katia Gerab. Conexões ultraliberais nas Américas: o think tank norte-americano Atlas Network e suas vinculações com organizações latino-americanas. **Anais do XII Encontro Internacional Associação Nacional de Pesquisadores e Professores de História das Américas**. Campo Grande, 2016.

BALANDIER, Georges. **O Poder em Cena**. Brasília: Ed. da UNB. Coleção Pensamento Político, 46, 1980.

BANGSTAD, Sindre. **Doing Fieldwork Among People we Don't (Necessarily) Like**. Anthropology News website, 2017. Disponível em: <<http://www.anthropology-news.org/index.php/2017/08/28/doing-fieldwork-among-people-we-dont-necessarily-like/>>. Acesso em: 02 abr.2017.

BELLAMY, Richard. **Liberalismo e sociedade moderna**. São Paulo: Unesp, 1994.

BOLTANSKI, Luc e CHIAPELLO, Éve. **O novo espírito do capitalismo**. Martins Fontes: São Paulo, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A essência do neoliberalismo. Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal**. Zahar: Rio de Janeiro, 1998.

BOURDIEU, Pierre. É possível um ato desinteressado? **Razões e Práticas**. Campinas, Papyrus, p.137-161, 1996.

CARÉ, Sébastien. La dérivées des continents néolibéraux: essai de typologie dynamique. **Revue de philosophie économique**, v.17, p. 21-55, 2016.

CARÉ, Sébastien e CHÂTON, Gwendal. Néolibéralisme (s) et démocratie (s). **Revue de philosophie économique**, v. 17, p. 3-20, 2016.

COCKETT, Richard. **Thinking the un think able. Think-tanks and the economic counter-revolution**. Harper Collins: London, p. 1931-1983, 1995.

COLLIER, Stephen J; DEHART, Monica; HOFFMAN, Lisa. Notes on the anthropology of neoliberalism. **Anthropology News**. Nova York, v. 47, n. 6, p.9-10, 2006.

COLLIER, Stephen J e ONG, Aihwa. Global Assemblages: Technology, Politics and Ethics as Anthropological Problems. In: **S.J. Collier and A. Ong (eds) Global Assemblages: Technology, Politics and Ethics as Anthropological Problems**. Malden , MA: Blackwell, 2005, p.399-401.

CORRÊA, Jessica Sklair. **Relações de segregação: novas práticas filantrópicas entre a elite paulistana. Dissertação de mestrado**. São Paulo, Departamento de Antropologia USP, 2007.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. O adolescente como protagonista. In: BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Saúde. Área de Saúde do Adolescente. **Cadernos, juventude saúde e desenvolvimento**. v.1. Brasília, 1999.

CRAPANZANO, Vincent. **Waiting. The Whites in South Africa**. New York: Random House, 1985.

DAMO, Arlei Sander. **Cultura e Agência – o engajamento no Orçamento Participativo**. Campos, p.51-85, 2008.

DAMO, Arlei Sander e OLIVEN, Ruben George. **Megaeventos Esportivos no Brasil: um olhar antropológico**. Porto Alegre: Armazém do IPE, 2014.

DARDOT, Pierre e LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Boitempo: São Paulo, 2009.

DAWSEY, John. **Descrição tensa (Tension- Thick Description): Geertz, Benjamin e Performance**. Universidade de São Paulo, 2013.

DIXON, Keith. **Les Évangelist du Marchá: les intellectuels britanniques et lenéo-libéralisme**. Liber, 1998.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado, de Jeanne Favret-Saada. **Cadernos de campo**, n.13, p. 155-161, 2005.

FERRO, Germán. El Divino Niño, ícono para una nación. In: **Cuadernos de nación. Belleza, fútbol y religiosidad popular**. Bogotá: Ministerio de Cultura, 2002, p. 9-44.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

GRILLO, Carolina Christoph. **Coisas da Vida no Crime: tráfico e roubo em favelas cariocas. Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia)**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

GROS, Denise Barbosa. Os industriais gaúchos e a Constituinte: uma reflexão sobre o Movimento pela Liberdade Empresarial. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, FEE, v. 9, n. 2, p. 130-146, 1989.

_____, Denise Barbosa. **Institutos liberais e neoliberalismo no Brasil da Nova República. Tese de doutorado em Ciências Sociais**. Fundação de Economia e Estatística/Departamento de Ciência Política da Universidade Estadual de Campinas. Porto Alegre, 2003.

HARVEY, David. **A brief history of neoliberalism**. New York: Oxford University Press, 2005.

HILGERS, Mathieu. The three anthropological approaches tone o liberalism. **International Social Science Journal**. New York, v. 61, n. 2 p. 351–364, 2011.

INGOLD, Tim. *The art of translation in a continuous world*. In: Gisli Pálson (org). **Beyond Boundaries: Undertanding, Translation and Anthropological Discourse**. Oxford, p. 210-230, 1993.

KUSCHNIR, Karina. **Antropologia da Política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Coleção Ciências Sociais Passo-a-Passo, 2007.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

LARNER, Wendy. Neo-liberalism: policy, ideology, governmentality. **Studies in Political Economy**. New York, n. 63, 2000.

MALINOWSKI, Bronislaw. Os argonautas do Pacífico Ocidental. **Os pensadores**. São Paulo, Abril, 1984.

MCADAM, Doug; TARROW, Sidney e TILLY, Charles. Para mapear o confronto político. **Lua Nova Nova**, São Paulo, v.76, p. 11-48, 2009.

MUDGE, Stephanie Lee. State of theart: What is neoliberalism? **Socioeconomic Review**. New York, v. 6, n. 4, p.703-731, 2008.

OLDS, Kris e THRIFT, Nigel. Cultures on the Brink. Reengineering the Soul of Capitalism – On a Global Scale. In: Aihwa Ong e Stephen Collier (org). **Global Assemblages: Technology, Politics and Ethics as Anthropological Problems**. Malden, MA: Blackwell, p. 270 – 290, 2005.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. **Revista de Antropologia**, v.39, n.1, 1996.

ONG, Aihwa. **Neoliberalism as a mobile technology**. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v.32, n.1, p.3-8. 2007.

PEIRANO, Marisa. Antropologia no Brasil (a alteridade contextualizada). In: Sergio Miceli. (Org). **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)**. São Paulo: Editora Sumaré: ANPOCS: Brasília : CAPES, p. 225-266, 1999.

_____, Marisa. O encontro etnográfico e o diálogo teórico. In: **Uma Antropologia no plural: três experiências contemporâneas**. Brasília: Editora Universidade de Brasília. p. 131-146, 1992.

ROCHA, Camila. Direitas em rede: think tanks de direita na América Latina. In: CRUZ, S.; KAYSEL, A. e KODAS, G. (Org.). **Direita, volver: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro**. São Paulo: Editora Fundação, 2015. p. 304.

ROCHA, Camila. Passando o bastão : a nova geração de liberais brasileiros. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, 2017. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/nuevomundo/71327>>. Acesso em: 03 jan 2018.

SAWICKI, Frédéric e SIMEANT, Johanna. Inventário da sociologia do engajamento militante: nota crítica sobre algumas tendências recentes nos trabalhos franceses. **Sociologias**, vol.13, n.28, p. 200-255, 2011.

SCHECHNER, Richard. **Performance Studies, an introduction**. London: Routledge, 2002.

SCHUCH, P; VIEIRA, M.S; PETERS, R. (Org). **Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo**. Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio Janeiro: FGV, 2002.

SILVA, Marcelo Kunrath. **De volta aos movimentos sociais? Reflexões a partir da literatura brasileira recente**. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, 46(1): 2-9, 2010.

SILVA, Patrícia Kunrath. **Vestindo a camiseta: engajamento institucional e construção de identidades no contexto de intercâmbios culturais da AIESEC. Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

SPIVAK. Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TAMBIAH, Stanley. Conflito etnonacionalista e Violência coletiva no sul da Ásia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. nº 34, vol.12., Tradução Vera Pereira, Revisão Mariza Peirano, 1997.

TARROW, Sidney. **Poder em movimento: movimentos sociais e confronto político**. Petrópolis: Vozes, 2009.

TILLY, Charles. Movimentos sociais como política. **Revista brasileira de Ciência Política**, nº 3, Brasília, 2010.

_____. 1993. "Contentious repertoires in Great Britain, 1758-1834". **Social Science History**, nº 17.

_____. 1995. "Contentious repertoires in Great Britain". In: MARK, T. (ed.). **Repertoires and cycles of collective action**. Durham: Duke University Press.

_____. 2008. **Contentious performances**. Cambridge: Cambridge University Press.

WACQUANT, Loïc. Três etapas para uma antropologia histórica do neoliberalismo realmente existente. **Caderno CRH**: Salvador, v. 25, n. 66, p. 505-518, 2012.